



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

MARCELL MACHADO DOS SANTOS

O MUNDO BRANCO É UM MOINHO: A SOCIOLOGIA DAS RELAÇÕES RACIAIS EM
VIRGÍNIA LEONE BICUDO

Rio de Janeiro-RJ
2021

MARCELL MACHADO DOS SANTOS

**O MUNDO BRANCO É UM MOINHO: A SOCIOLOGIA DAS RELAÇÕES RACIAIS EM
VIRGÍNIA LEONE BICUDO**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA–UFRJ).

Orientador: Antonio da Silveira Brasil Jr. (PPGSA/IFCS/UFRJ)
Co-orientadora: Alejandra Judith Josiowicz (ILE/UERJ)

Rio de Janeiro-RJ
2021

CIP - Catalogação na Publicação

SS237m Santos, Marcell Machado dos
O mundo branco é um moinho: a sociologia das
relações raciais em Virgínia Leone Bicudo / Marcell
Machado dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2021.
162 f.

Orientador: Antonio da Silveira Brasil Júnior.
Coorientadora: Alejandra Judith Josiowicz .
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências
Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e
Antropologia, 2021.

1. Relações raciais. 2. Pensamento Social
Brasileiro. 3. Intelectuais negras. I. Brasil
Júnior, Antonio da Silveira, orient. II. Josiowicz
, Alejandra Judith , coorient. III. Título.

MARCELL MACHADO DOS SANTOS

**O MUNDO BRANCO É UM MOINHO: A SOCIOLOGIA DAS RELAÇÕES RACIAIS EM
VIRGÍNIA LEONE BICUDO**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA–UFRJ).

Aprovada em:

Banca examinadora:

Antonio da Silveira Brasil Jr. (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ)

Alejandra Judith Josiowicz (co-orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ILE/UERJ)

André Pereira Botelho
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ)

Mário Augusto Medeiros da Silva
Universidade Estadual de Campinas (PPGS/IFCH/UNICAMP)

Rio de Janeiro-RJ
2021

Aos meus pais, Elaine e José Carlos, por todo amor e apoio que sempre me deram.

*Eu rodo o mundo mais eu volto
Cachoeira, 12, Nova Galvão, eu sou
Papel, caneta e coração
Papel, caneta e coração
Pros moleque que sonha com isso, é nóiz
Desde o começo a minha sugestão
É ser, papel, caneta e coração
Papel, caneta e coração*

(Emicida/Coyote Beats - Papel, Caneta e Coração)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, pois até aqui Ele me ajudou. Se não fosse por Sua vontade, não conseguiria terminar esse mestrado.

À Elaine e José Carlos, meus pais, por todo amor e todo estímulo que sempre recebi deles.

Aos professores Antonio Brasil Jr. e Alejandra Josiowicz, por terem sido orientadores extraordinários, sempre zelosos e solícitos durante toda nossa parceria no mestrado.

Aos professores André Botelho e Mário Medeiros da Silva, por aceitarem participar da banca de qualificação e por suas importantes contribuições à pesquisa nesta oportunidade.

Aos colegas e professores do Núcleo de Estudos Comparados e Pensamento Social (NEPS), pelos diálogos sempre enriquecedores em nossos seminários de fim de ano.

Aos funcionários do Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), da Divisão de Documentação e Pesquisa da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), da Casa de Oswaldo Cruz (COC), do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) e da biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) pelo auxílio importante no acesso aos documentos que se tornaram o material empírico desta pesquisa.

A todos os integrantes do Coletivo Negro Carolina de Jesus, pois foram fundamentais para construção de minha consciência racial e minha formação como intelectual negro.

Aos irmãos em Cristo da Igreja Presbiteriana do Bancários, e de todas as outras, pelas orações e o apoio nessa caminhada.

Aos meus amigos do IPHAN, pela escuta e os conselhos dados durante a escrita desta dissertação.

A Marina Rute Pacheco, pelo trabalho sempre minucioso no processo de revisão desta dissertação.

Ao professor Jorge Luiz Ferreira Abrão, por gentilmente me enviar um exemplar da biografia de sua autoria sobre Virgínia Bicudo, livro que foi importante para esta pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio financeiro durante parte do mestrado.

SANTOS, Marcell Machado dos. **O mundo branco é um moinho**: a Sociologia das relações raciais em Virgínia Leone Bicudo. 2021. 154f. Dissertação (Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RESUMO

Virgínia Leone Bicudo foi uma socióloga e psicanalista negra, que defendeu em 1945 uma dissertação chamada *Estudos de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, sob a orientação de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP). Nesse trabalho, Bicudo entrevistou pessoas pretas e mulatas de classe “inferior” e intermediária, além de investigar a atuação de uma organização chamada pelo pseudônimo *Associação de Negros Brasileiros*. O objetivo desta dissertação é entender a construção do pensamento de Virgínia Bicudo sobre o tema das relações raciais no Brasil, visto que ela construiu uma perspectiva teórico-metodológica própria na obra, para a análise dessa questão. Para isso, procuramos documentos nos acervos de diferentes instituições, a fim de reconstruir o contexto intelectual de Virgínia Bicudo indiretamente. Assim, concluímos que a dissertação de Virgínia Bicudo foi uma pesquisa inovadora. Em primeiro lugar, no plano teórico-metodológico, pois a autora mobilizou seu conhecimento sociológico, psicanalítico e sua experiência profissional como visitadora psiquiátrica; além disso, ela trabalhou com sua bibliografia de maneira crítica, sem reproduzir análises prontas dos autores. Em segundo lugar, pelas suas escolhas do material empírico, pois a principal base para as análises foram as entrevistas de pretos e mulatos, além de ter incluído a análise de uma organização do movimento negro no texto, mostrando nos dois casos que pretos e mulatos produziam discursos sobre si.

Palavras-chave: Virgínia Leone Bicudo; Escola Livre de Sociologia e Política; atitudes raciais; intelectuais negras; Donald Pierson.

SANTOS, Marcell Machado dos. **The white world is a windmill**: the Sociology of race relations in Virginia Leone Bicudo's work. 2021. 154f. Dissertation (Master in Sociology with focus in Anthropology) - Postgraduate Program in Sociology and Anthropology at the Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

ABSTRACT

Virgínia Leone Bicudo was a black sociologist and psychoanalyst who defended in 1945 a dissertation called *Estudos de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, under the guidance of Donald Pierson at Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP). In this work, Bicudo interviewed black and mulatto people from “lower” and intermediate classes, in addition to investigating the performance of an organization called by the pseudonym *Associação de Negros Brasileiros*. The objective of this dissertation is to understand the construction of Virgínia Bicudo's thought on the race relations's theme in Brazil, since she built her own theoretical-methodologic perspective for the analysis of the matter in question. For this purpose, we researched documents in the collections of different institutions, in order to reconstruct indirectly the intellectual context of Virgínia Bicudo. Thereby, we concluded that Virgínia Bicudo's dissertation was an innovative research. Firstly, at the theoretical-methodological level, as the author mobilized her sociological and psychoanalytical knowledge and professional experience as a psychiatric visitor. In addition, she worked her bibliography critically, without reproducing ready-made analyzes of the authors. Secondly, due to her choices of empirical material, as the main basis for the analyzes were the interviews of black people and mulattos, besides having included in her text an analysis of a black movement organization, showing in both cases that black people and mulattos produced speeches about themselves.

Keywords: Virgínia Leone Bicudo; Escola Livre de Sociologia e Política; racial attitudes; black female intellectuals; Donald Pierson.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1	Lista de conferências na disciplina Raça e Cultura.....	19
Tabela 2	Histórico Escolar de Virgínia Bicudo na Graduação.....	31
Tabela 3	Pontos do programa da disciplina O estudo da sociedade.....	37
Tabela 4	Programa da disciplina Higiene Mental e Psicanálise.....	42
Figura 1	Foto de Virgínia Leone Bicudo junto com seus colegas na colação de Grau como Bacharel na ELSP.....	19

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AIB	Ação Integralista Brasileira
ELSP	Escola Livre de Sociologia e Política
FESPSP	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
IFCS	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
IPA	Associação Internacional de Psicanálise
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
NAACP	Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor
FNB	Frente Negra Brasileira
SBPSP	Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. O PANO DE FUNDO DA DISSERTAÇÃO DE VIRGÍNIA BICUDO: DA UNIVERSIDADE DE CHICAGO À ELSP	29
2.1. DONALD PIERSON E O PARADIGMA DE ROBERT PARK NA ELSP	30
2.2. A ESCOLA DE CHICAGO E A QUESTÃO RACIAL NA SOCIOLOGIA DOS ESTADOS UNIDOS ENTRE O FIM DO SÉCULO XIX E AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	36
2.3. VIRGÍNIA BICUDO NA ELSP: FORMAÇÃO EM UMA INSTITUIÇÃO EM MOVIMENTO	43
2.3.1. Da França aos Estados Unidos	43
2.3.2. Disciplinas cursadas por Virgínia Bicudo durante o mestrado.....	50
2.3.2.1. O estudo da sociedade.....	51
2.3.2.2. Introdução à antropologia social.....	53
2.3.2.3. Assimilação e aculturação entre os imigrantes alemães e japoneses no Brasil meridional.....	53
2.3.2.4. Princípios da antropologia social	54
2.3.2.5. Etnologia brasileira	55
2.3.2.6. Psicanálise e Higiene Mental.....	55
2.4. ARTIGOS SOBRE QUESTÃO RACIAL NA REVISTA SOCIOLOGIA	58
3. A CONSTRUÇÃO PRÓPRIA DE VIRGÍNIA BICUDO: DIÁLOGOS CRÍTICOS COM AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS	69
3.1 O CICLO DE RELAÇÕES RACIAIS DE ROBERT PARK, DE CHICAGO A SÃO PAULO.....	71
3.2. GILBERTO FREYRE: MODERNIZAÇÃO E ACOMODAÇÃO RACIAL NO BRASIL.....	74
3.3. DONALD PIERSON E A PONTE ENTRE CHICAGO E SALVADOR.....	80
3.3.1. Similaridades entre as temáticas da disciplina <i>O negro no Brasil</i> e a tese <i>Negroes in Brazil</i>	80
3.3.2. Análise da bibliografia da disciplina <i>O Negro no Brasil</i>	87
3.3.3 <i>Negroes in Brazil</i> : o mergulho de Pierson na capital mais negra do país	92
3.4. O RACISMO DE TIPO BRASILEIRO EM ORACY NOGUEIRA	99
4. O NÚCLEO DO PENSAMENTO DE VIRGÍNIA BICUDO: SOCIOLOGIA E PSICANÁLISE ENTREMEDAS	105
4.1. CONCLUSÕES DE ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO.....	105

4.2. CONEXÕES ENTRE SOCIOLOGIA, PSICANÁLISE E QUESTÃO RACIAL EM <i>ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO</i>	108
4.3. AS INOVAÇÕES TRAZIDAS POR VIRGÍNIA BICUDO EM <i>ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO</i>	111
4.4. VIRGÍNIA BICUDO NO PROJETO UNESCO: SEU SEGUNDO MOMENTO NOS ESTUDOS DE RELAÇÕES RACIAIS	114
4.5. PSICANÁLISE E HIGIENE MENTAL: A SUBJETIVIDADE JUNTO COM A SOCIOLOGIA NA TRAJETÓRIA DE VIRGÍNIA BICUDO	120
4.6. FRENTE NEGRA BRASILEIRA: OS NEGROS EM COLETIVIDADE DISCURSANDO SOBRE SI PRÓPRIOS	129
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
6. REFERÊNCIAS	154
6.1. Documentos do Centro de Documentação da Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)	154
6.2. Documentos da Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) .	154
6.3. Documentos do Arquivo Edgar Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	155
6.4. Documentos da Divisão de Documentação e Pesquisa da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)	155
6.5. Referências bibliográficas	155

1. INTRODUÇÃO

Virgínia Leone Bicudo (1910-2003) foi uma intelectual negra atuante na Sociologia e na Psicanálise, a qual escreveu uma importante pesquisa sobre relações raciais no Brasil. Trata-se de sua dissertação de mestrado, defendida em 1945 na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), cujo nome original foi *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, publicada em formato de livro em 2010 com o título *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. Antes disso, em 1930 ela se forma na Escola Normal Caetano de Campos, e em 1932 conclui o curso de educadora sanitária no Instituto de Higiene de São Paulo (ABRÃO, 2014; BICUDO, [s.d.]), atuando nas profissões de professora normalista e educadora sanitária. Bicudo ingressa no curso de Bacharel em Ciências Sociais na ELSP em 1936 e o concluiu em 1938 (FUNDAÇÃO ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO, [s.d.]). Depois, ingressa na Divisão de Estudos Pós-Graduados da ELSP em 1942 para iniciar seu mestrado, finalizando-o em 1945.

Bicudo empreendeu sua pesquisa de mestrado sob a orientação do sociólogo estadunidense Donald Pierson (1900-1995), nome importante dos estudos de relações raciais no Brasil naquela época. Pierson realizou seu trabalho de campo na cidade de Salvador entre 1935 e 1937, para sua pesquisa de doutorado na Universidade de Chicago, sob a orientação de Robert Park (1864-1944), um dos principais professores da instituição e também referência nos estudos sobre relações raciais nos Estados Unidos (VALLADARES, 2010). A tese foi publicada nos Estados Unidos com o título *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia* em 1942, como uma pesquisa que pretendia analisar o padrão brasileiro de relações raciais a partir da capital baiana. Em virtude desse trabalho, Pierson tornou-se um estudioso respeitado no estudo das relações raciais no Brasil.

Sobre os cargos profissionais exercidos por Bicudo na ELSP, de acordo com o documento da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)¹, na qual consta os registros profissionais e acadêmicos da socióloga na instituição, ela tornou-se professora assistente da disciplina Psicanálise e Higiene Mental a partir de 1940, ficando nesse cargo até 1946 (FUNDAÇÃO ESCOLA SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO, [s.d.]). Durante esse período, Bicudo atuou junto com Durval Marcondes (1899-1981), professor-titular da disciplina e figura importante para sua iniciação na Psicanálise,

¹ A Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) é o atual nome da antiga Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP)

ministrando uma ementa bastante similar. De acordo com o mesmo documento, Bicudo passa a ser professora adjunta da disciplina de 1947 a 1949. Por fim, nesse documento consta que no ano de 1962 ela retorna à ELSP como professora da disciplina de Higiene Mental.

De acordo com um *Curriculum Vitae* da socióloga (BICUDO, [s.d.]), também arquivado na FESPSP, em 1945 ela se torna professora assistente na cadeira de Higiene Mental da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). A partir de em 1946 ela passa a ministrar cursos de Higiene Mental na Escola de Enfermagem, anexa à Faculdade de Medicina da mesma instituição. No entanto, de acordo com a outra versão de seu *Curriculum Vitae* (BICUDO, [s.d.]), arquivado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, consta seu vínculo com a USP a partir de 1948 como professora de Higiene Mental na Escola de Enfermagem da instituição, sem especificar que tipo de vínculo seria esse. Portanto, mesmo sem ser possível concluir o ano exato, sabemos que Bicudo teve uma passagem pela Escola de Enfermagem da USP.

No momento em que Bicudo ingressou na Divisão de Estudos Pós-Graduados da ELSP para cursar seu mestrado, ela já tinha inserção o bastante no emergente movimento psicanalítico paulistano para atuar como professora, ao lado de Marcondes. Esse fato mostra que ela não apenas estava envolvida na organização desse grupo, como já possuía certo grau de conhecimento sobre a Psicanálise, o que se refletiria na sua dissertação. Isso nos aponta que sua saída da Sociologia para atuar exclusivamente na Psicanálise não ocorreu de forma esquemática, nem repentina. Naquele período histórico, a Sociologia e a Psicanálise estavam em processo de institucionalização no Brasil, significando que as fronteiras dessas duas áreas do conhecimento eram mais porosas que na atualidade. Sobre essa mudança da Sociologia para a Psicanálise, Bicudo relata o seguinte:

O que me levou para a Psicanálise foi o sofrimento. Eu queria me aliviar de sofrer. Imaginava que a causa do meu sofrimento fossem problemas sociais, culturais. Então me matriculei na Escola de Sociologia e Política [a ELSP]. Isso foi em 1935.

Eu tinha conflitos muito grandes comigo mesma, mas achava que a causa era social. Desde criança eu sentia o preconceito de cor. Queria o curso de Sociologia porque, se o problema era esse preconceito, eu deveria estudar Sociologia para me proteger do preconceito, que é formado ao nível sociocultural.

No segundo ano do curso, com a Noemy Silveira, tive contato com a psicologia social. Comecei a ler e ali encontrei a psicologia do inconsciente de Sigmund Freud. Aí disse: “É isso que estou procurando” (TOGNOLLI, 1994, p. 6, grifos nossos).

Em outra entrevista, Virgínia Bicudo relata como foi levada a desenvolver certas habilidades pelo temor de sofrer experiências de *preconceito de cor* durante sua infância:

Para não ser rejeitada, tirava nota boa na escola. Desde muito cedo, desenvolvi aptidões para evitar a rejeição. Você precisa tirar nota boa, ter bom comportamento e boa aplicação, para evitar ser prejudicada e dominada pela expectativa de rejeição, diziam meus pais. Por que essa expectativa? Por causa da cor da pele. Só pode ter sido por isso. Eu não tive na minha experiência outro motivo (MAUTNER, 2000, p. 44, grifos nossos).

Nessa narrativa a respeito da própria biografia, a busca de Bicudo pela Sociologia, em um primeiro momento, e depois pela Psicanálise, ocorre a partir de sua articulação entre os conflitos internos, de ordem psicológica, e o contexto social atravessado pelo racismo, sofrido desde a infância. Além disso, os dois relatos mostram como essas experiências de racismo sofridas por ela incidiram de modo constitutivo na formação de sua personalidade. Dentro dessa narrativa, com sua ida para Psicanálise a busca por resolução de suas inquietações internas, desde a infância relacionadas ao seu contexto social, transbordou para um desejo de intervir na realidade, pois Bicudo acreditava que a Psicanálise poderia ser um instrumento de melhoria social. Entretanto, sendo uma narrativa autobiográfica é possível que Bicudo tenha optado por não relatar outros motivos para sua mudança de área, como eventuais constrangimentos e dificuldades na Sociologia causados pelo racismo e o machismo. Ainda assim, sua narrativa permanece válida como material empírico.

Podemos considerar sua última produção acadêmica relacionada a Sociologia foi o estudo *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas* (BICUDO, 1955), encomendado a partir do braço paulista do Projeto Unesco de relações raciais. Assim, Virgínia Bicudo dedicou maior tempo de sua carreira à Psicanálise do que à Sociologia. Quando já havia consolidado sua carreira como psicanalista, Bicudo foi estudar em Londres para aprofundar seu conhecimento na área em 1955, após um grave episódio de acusação pública de charlatanismo por médicos psiquiatras, permanecendo lá durante cinco anos. Ela decidiu se arriscar nessa empreitada mesmo com pouco conhecimento da língua inglesa e escassos recursos financeiros. Segundo relatado por Bicudo para Marcos Chor Maio (2010a), em entrevista dada em 1995, ela se manteve em Londres durante os cinco anos com alguns recursos financeiros surgidos eventualmente, além de uma licença com vencimentos como educadora sanitária, que a cada ano precisaria ter sua continuidade avaliada.

Segundo Abrão (2010), entre as décadas de 1940 e 1950 a Sociedade Britânica de Psicanálise era o farol mundial em produção e difusão do saber psicanalítico, sendo o impacto

das ideias de Melanie Klein parte da responsabilidade desse sucesso, que naquele momento era a referência de originalidade na Psicanálise britânica. Durante seus estudos em Londres, Bicudo aprofundou seu conhecimento na teoria kleiniana, tendo ficado bastante admirada pessoalmente por Klein.

Alguns anos depois de seu período na Europa, Virgínia Bicudo tornou-se figura fundamental para a chegada da Sociedade Brasileira de Psicanálise em Brasília, sendo a fundadora da Sociedade na capital do país, na década de 1970. Para se dedicar a esta iniciativa ela morou em Brasília até o início dos anos 1980 e permaneceu viajando constantemente para a cidade até 1994. Segundo Abrão (2014), a iniciativa de Bicudo ao escolher a capital federal como a nova fronteira de expansão da Psicanálise no Brasil não era sem propósito, pois ela acreditava que levar a análise às pessoas que ocupavam posições de poder seria importante na construção de uma sociedade mais justa. Esse pensamento de Bicudo, de que o acesso ao conhecimento científico pelos poderosos levaria a uma melhora social, presente na sua iniciativa de levar a Psicanálise para Brasília, guarda certo fundo iluminista.

Virgínia Bicudo exerceu atividades relacionadas à Psicanálise durante quase cinco décadas, parando de trabalhar apenas quando sua saúde não a permitiu continuar, em virtude da idade avançada (ABRÃO, 2010). Seu último registro de produção acadêmica é um texto de 1995 chamado *Fato psíquico: objeto da Psicanálise – dinâmico do objeto psíquico* apresentado para o 15º Congresso Brasileiro de Psicanálise (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO [s.d.]).

Ao longo da trajetória profissional de Virgínia Bicudo na Sociologia e na Psicanálise, além dela compreender o indivíduo conjuntamente na sua dimensão social e subjetiva, outro elemento de sua atuação nessas duas áreas foi seu pioneirismo. No período envolvida com a Sociologia, ela foi a única mulher negra formada em uma turma de dez alunos no curso de Bacharéis da ELSP (FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO, [s.d.]), enquanto a foto abaixo mostra sua formatura como Bacharel com outros sete alunos. A foto de Bicudo com seus colegas é representativa de como um espaço elitizado da época, como uma instituição de nível superior, poderia ter uma composição majoritariamente branca. A socióloga também colou grau na primeira turma de mestrado na Divisão de Estudos Pós-Graduados na ELSP, uma das instituições pioneiras das ciências sociais no país. Bicudo produziu a primeira dissertação em instituição universitária brasileira com o tema das relações raciais, na qual tensiona o consenso estabelecido na intelectualidade nacional, branca em sua grande maioria, de uma harmonia racial presente no Brasil (GOMES, 2013). Esses predicados

qualificam Virgínia Bicudo a figurar no cânone das Ciências Sociais brasileiras junto de sociólogos que enfrentaram dificuldades em suas carreiras por conta das assimetrias de gênero, como Gioconda Mussolini, Paula Beiguelman e Gilda de Mello e Souza (PINHEIRO, 2016).

Figura 1: Foto de Virgínia Leone Bicudo junto com seus colegas na colação de Grau como Bacharel na ELSP.



Fonte: FESPSP.

Uma vez desenhado o quadro inicial sobre a trajetória profissional de Virgínia Leone Bicudo, passaremos para sua dissertação. Nesse trabalho a autora utiliza o conceito de *atitude racial* para fazer uma análise, circunscrita à capital paulista, das percepções de pretos e mulatos² sobre o preconceito exercido pelos brancos e seus desdobramentos em diversas esferas da vida quotidiana desses indivíduos, como o ambiente familiar, de trabalho, nas relações amorosas e na infância. Inclusive um elemento importante do trabalho é a análise por Bicudo da natureza desse preconceito, ou seja, se pretos e mulatos o sofrem por sua classe ou por sua raça. Em sua dissertação, a socióloga utiliza como principal método as entrevistas

² Entendemos que o termo mulato é problemático pelo acúmulo do movimento negro de tratar-se um termo ofensivo e que serve para deslegitimar a identidade negra de pessoas negras de pele clara. Entretanto, Virgínia Bicudo utiliza essa categoria em sua dissertação e, no momento histórico em que ela produziu o referido trabalho, era utilizado comumente. Por conta disso, o termo mulato será utilizado de modo recorrente nesta dissertação.

com pessoas pretas e mulatas. Além disso, ela investigou as *atitudes raciais* de pretos e mulatos por meio de uma organização do movimento negro, chamada pelo pseudônimo *Associação de Negros Brasileiros*³. Para isso, Bicudo analisou o jornal da organização, alguns de seus documentos, além de entrevistar uma das lideranças do grupo.

Alguns anos após terminar seu mestrado, Virgínia Bicudo (1955) produziu seu segundo estudo sobre o tema das relações raciais, trata-se de *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas*. Esse trabalho foi realizado dentro do projeto Unesco sobre relações raciais no Brasil, cujo início foi autorizado pela instituição em 1950. A pesquisa se deu nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco⁴ (MAIO, 1997).

Em São Paulo, as pesquisas, no plural, foram feitas pelos seguintes intelectuais: Virgínia Bicudo, Oracy Nogueira, Anielia Ginsberg, Roger Bastide e Florestan Fernandes (CAMPOS, 2016). Os três primeiros fizeram pesquisas independentes, enquanto Bastide e Florestan trabalharam em conjunto. Um fato importante sobre as pesquisas de Bicudo, Oracy Nogueira e Anielia Ginsberg é que elas foram suprimidas a partir da publicação em livro do relatório *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. Portanto, a versão que se tornou conhecida da pesquisa Unesco em São Paulo traz apenas os escritos de Bastide e Fernandes (CAMPOS, 2016). A consequência disso é que gerações de sociólogos não tenham tido menor acesso aos textos de Nogueira, Bicudo e Ginsberg (GOMES, 2013). Na introdução do relatório, Roger Bastide indica que os estudos psicológicos de Bicudo e Ginsberg seriam *complementos* aos trabalhos sociológicos escritos por ele e Florestan Fernandes (BASTIDE; FERNANDES, 1955), o que subentende uma diferença de importância entre os dois grupos de autores. Sobre essa suposta diferenciação, Luiz Augusto Campos (2016) levanta pelo menos dois pontos de discordância: as pesquisas dos três eram sínteses originais e independentes entre si, além disso, alguns deles já eram intelectuais com notoriedade naquele momento.

Sobre o conteúdo desse estudo de Virgínia Bicudo no Projeto Unesco, segundo Gomes (2013), a pesquisa era um estudo de cunho psicológico: a pesquisadora aplicou questionários para 4.520 crianças de 180 escolas públicas da capital e também realiza alguns estudos de caso. No estudo ela analisa “as atitudes de rejeição e aceitação de estudantes negros por parte

³ No terceiro capítulo trataremos sobre a verdadeira identidade dessa organização do movimento negro.

⁴ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) foi criada em 1946 orientada por valores iluministas e universalistas; a expectativa era que ela pudesse abranger um pluralismo ideológico, representado naquela época pela disputa de hegemonia mundial entre Estados Unidos e União Soviética (MAIO, 1997).

de seus colegas brancos em escolas primárias e a influência da família na constituição dessas preferências” (GOMES, 2013, p. 137). Os alunos pretos e mulatos sofreram mais rejeição que seus colegas brancos; no entanto, em raros casos a justificativa para esse comportamento é diretamente racial.

Após essa primeira aproximação com a biografia e obra de Virgínia Bicudo iremos expor brevemente a bibliografia especializada sobre essa intelectual. O principal trabalho sobre Bicudo é a tese de Janaina Damaceno Gomes (2013), na qual analisa os estudos de atitudes raciais realizados pela autora, além de mobilizar sua trajetória para refletir sobre a biografia de intelectuais negras e negros, além dos apagamentos históricos sofridos por eles. A tese de Janaina Damaceno foi um trabalho fundamental para minha pesquisa, um de meus pilares. Sem a tese dela, provavelmente minha dissertação não existiria. Marcos Chor Maio (2010a, 2010b) é outro importante especialista na obra de Bicudo. Ele realizou uma entrevista com Virgínia Bicudo, na qual tratou sobre sua longa trajetória profissional e também sua trajetória pessoal. Além disso, ele escreveu a introdução à versão em livro de sua dissertação, debruçando-se sobre o impacto da obra da socióloga no estudo das relações raciais no Brasil, refletindo também sobre sua trajetória conectada à expansão das políticas educacionais e sanitárias no país, durante os anos 1930 e 1940.

Mário Augusto Medeiros da Silva (2011a, 2018) resenhou a publicação em livro da dissertação de Bicudo, na qual reflete sobre a importância desse texto nos estudos de relações raciais e a respeito da invisibilização tanto da dissertação como da própria autora. Em outro artigo, Silva considera Virgínia Bicudo como um dos casos iniciais de interação entre acadêmicos das Ciências Sociais e o movimento negro na cidade de São Paulo, nos anos 1940 e 1950. Já Verônica Toste Daflon (2018) inclui a dissertação de Bicudo na cronologia dos estudos sobre relações raciais no Brasil, ao lado da produção de outros intelectuais negros como Alberto Guerreiro Ramos, Abdias Nascimento e Lélia González, mostrando que o cânone sobre esse tema estava aberto à disputas.

Sobre a importância de Bicudo no campo da Psicologia, Santos, Schucman e Martins (2012), ao fazer um panorama dos estudos sobre relações raciais da disciplina no Brasil, mostram como ela fazia parte de um grupo de intelectuais nos anos 1940 e 1950 que revelavam como as diferenças entre brancos e negros eram explicadas a partir de fatores ambientais, rejeitando a ideia de uma inferioridade biológica desse grupo racial, presente até então na Psicologia. Também na Psicologia, uma produção fundamental a respeito da autora é a biografia escrita por Jorge Luís Ferreira Abrão (2010), intitulada *Virgínia Bicudo: a*

trajetória de uma psicanalista brasileira. O livro traz um estudo aprofundado sobre toda a trajetória pessoal e profissional de Bicudo, refletindo sobre as implicações de sua condição feminina na construção de ambas. Além dessa biografia, existem outros estudos sobre sua importância na institucionalização da Psicanálise no Brasil e que estudam sua trajetória pessoal e profissional (ABRÃO, 2014; MORETZSOHN, 2013; TEPERMAN; KNOPF, 2011).

A partir deste conjunto de trabalhos sobre a vida e obra de Virgínia Bicudo, apresentaremos os motivos de relevância do nosso trabalho. A primeira justificativa se refere à importância de entender os processos de circulação internacional do conhecimento entre países como Estados Unidos e Brasil, que guardam contextos socio-históricos distintos, inclusive a respeito da questão racial. Assim, essa análise trará subsídios para entender as apropriações e reinvenções que ocorrem nesse processo de circulação, em relação à chegada dessas ideias no cenário brasileiro. Por isso, é importante entender como Bicudo formulou uma perspectiva teórico-metodológica própria a partir de um universo de autores, nacionais e estrangeiros, que estavam presentes em seu contexto intelectual amplo. Além disso, o entendimento desse processo na dissertação de Bicudo é importante por ela ter produzido seu trabalho durante o período de institucionalização da Sociologia no Brasil, para mostrarmos maneiras pelas quais pesquisadores, como ela, poderiam ter acesso a esse conhecimento sociológico na época.

Nesse sentido, o foco da pesquisa é o rastreamento das inovações de Virgínia Bicudo na sua dissertação. Para isso pretendemos analisar o contexto intelectual da autora em várias camadas: o campo da Sociologia estadunidense sobre relações raciais, que é camada mais remota; o ambiente intelectual da ELSP, em relação ao seu modelo de ensino e pesquisa, além dos conhecimentos a que Bicudo teve acesso na instituição, sendo uma camada intermediária; por fim, alguns autores que estão presentes na bibliografia da dissertação.

A segunda justificativa para nossa pesquisa é mostrar como existiam diferentes possibilidades de vertentes teórico-metodológicas nas pesquisas sobre relações raciais, no período em que Virgínia Bicudo produziu sua dissertação. Seu estudo se localizava no escopo das Ciências Sociais, ao mesmo tempo que mobilizou conhecimentos do campo da Psicanálise e da Higiene Mental. Assim, mostramos que a perspectiva teórico-metodológica assumida por Bicudo, mesclando elementos de diferentes áreas do conhecimento, foi fruto de suas próprias escolhas no interior de um campo de possibilidades, ao invés de uma via única a

ser seguida. Desse modo, será possível perceber quais potencialidades e limitações havia nas escolhas teórico-metodológicas nos estudos de relações raciais naquele momento histórico.

A terceira justificativa para a pesquisa é mostrar como uma intelectual negra, como Virgínia Bicudo, pode ganhar novos sentidos na fortuna crítica e na sua trajetória biográfica ao longo do tempo, pois durante décadas ela passou desconhecida na Sociologia brasileira, mas recentemente vem sendo *redescoberta* como uma autora importante nos estudos sobre relações raciais no Brasil. Vimos que até mesmo a bibliografia especializada sobre a Virgínia Bicudo é bastante recente, a partir dos anos 2010. Em consequência dessa redescoberta, ela vem se tornando uma referência positiva de intelectual negra, que conseguiu feitos importantes na Sociologia e na Psicanálise, após sofrer durante longo período um apagamento histórico causado pelo racismo e o machismo.

Uma vez que expomos a relevância de nossa pesquisa, podemos apresentar a pergunta de pesquisa a ser respondida ao longo do trabalho: como Virgínia Leone Bicudo forjou sua perspectiva teórico-metodológica a partir de um universo de autores, nacionais e estrangeiros, que estavam à disposição em seu contexto intelectual de modo amplo? Minha hipótese é que Virgínia Bicudo conseguiu construir uma pesquisa inovadora no plano teórico-metodológico, primeiro, ao mobilizar seu conhecimento psicanalítico e sua experiência de trabalho como visitadora psiquiátrica, o que a permitiu analisar as consequências do racismo na subjetividade dos pretos e mulatos; segundo, Bicudo mobilizou as formulações dos autores da bibliografia de forma inventiva, a fim de levantar ângulos de análise próprios a partir de seu material empírico. Outro fator de inovação da sua pesquisa foram as escolhas do material empírico, utilizando principalmente as entrevistas com pretos e mulatos e dando bastante espaço para seus relatos em primeira pessoa no texto. Além das entrevistas, Bicudo investigou uma organização do movimento negro chamada pelo pseudônimo *Associação dos Negros Brasileiros*, entrevistando uma de suas lideranças, analisando seus documentos e o jornal da *Associação*, para estudar as atitudes de pretos e mulatos através de uma instituição.

Para obtermos êxito em verificar nossa hipótese, delineamos que o objetivo geral da pesquisa é entender a construção do pensamento de Virginia Bicudo sobre o tema das relações raciais no Brasil, a qual forjou uma perspectiva teórico-metodológica própria para a análise do contexto brasileiro acerca do tema. O objetivo específico do primeiro capítulo foi mapear o contexto intelectual amplo em que Virgínia Bicudo esteve inserida durante seu período dedicada à Sociologia, a partir do mapeamento dos autores, teorias e metodologias a que ela tinha acesso na ELSP, durante seu mestrado. O objetivo específico do segundo capítulo foi

mapear o contexto intelectual mais restrito de Bicudo, analisando a obra de alguns autores nacionais e estrangeiros referenciados na sua dissertação, para entender de quais modos Bicudo mobiliza-os para suas reflexões. O objetivo específico do terceiro capítulo foi analisar em profundidade a dissertação de Bicudo mostrando uma síntese de suas conclusões, as articulações realizadas no texto entre Sociologia, Psicanálise e questão racial, além das inovações de sua pesquisa. Essa análise em profundidade exigiu, por sua vez, entender a relevância da Psicanálise e da Higiene Mental na sua trajetória profissional. Por fim, mostramos a importância da *Associação de Negros Brasileiros* nas reflexões de Bicudo e como ela mobilizou a Psicanálise em sua análise a respeito da organização.

A fim de cumprir os objetivos estabelecidos para nossa pesquisa, iremos mobilizar em nossa metodologia alguns aportes do *contextualismo linguístico*, proposto por Quentin Skinner (1969), porém tomando-o de forma não antitética ao textualismo. Na perspectiva *contextualista*, na qual o *contextualismo linguístico* está inserido, a ênfase analítica é colocada nos condicionamentos sociais que se impõem sobre a obra escrita. Por outro lado, na perspectiva *textualista* ocorre a ênfase na dimensão interna do texto, isto é, considera a obra “seja a partir de sua linguagem, seja a partir de sua estrutura textual, como portadora de significados em si mesma” (BITTENCOURT, 2011, p. 21).

Desse modo, a opção da nossa pesquisa é buscar um equilíbrio entre essas duas vertentes, assim nossa análise não incorrerá na ideia de uma autonomia da obra, ou na noção que os condicionantes sociais sobre as ideias são uma condição inescapável, capazes de definir de uma vez por todas um sentido único aos seus efeitos sociais (BASTOS; BOTELHO, 2010). Nesse sentido, os condicionantes sociais e históricos não determinam de antemão os sentidos cognitivos e políticos de uma obra, a qual pode sempre gerar efeitos inesperados em sua interação contingente com os processos sociais, tampouco esses condicionantes fixam de modo rígido a circulação de uma obra, que pode continuar sendo mobilizada como recurso cognitivo e político pelas gerações seguintes.

Assim, nossa análise articulará texto e contexto de modo não-disjuntivo, a fim de não incorrer em noções simplificadas de autonomia da obra ou do aprisionamento das ideias pelos condicionantes sociais, na análise da dissertação de Virgínia Bicudo, nem cair em anacronismos e generalizações incorretas a respeito dessa obra. Em especial sobre esses dois últimos pontos, tal cuidado é necessário por se tratar de um texto produzido no passado, na década de 1940, situado em outro contexto, tanto histórico quanto da própria Sociologia brasileira, ainda em formação à época.

Munido dessa perspectiva do *contextualismo linguístico* iremos nos debruçar sobre os documentos guardados nos acervos das seguintes instituições: o Centro de Documentação da FESPSP; a Divisão de Documentação e Pesquisa da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP); o Fundo Donald Pierson, depositado no Arquivo Edgar Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas (AEL/Unicamp); o Fundo Oracy Nogueira, pertencente a Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), e a biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Ao pesquisar o acervo de todas essas instituições nosso objetivo foi ter acesso a material empírico amplo sobre Virgínia Bicudo e o contexto intelectual no qual estava inserida.

Na FESPSP existe um Dossiê dedicado à Virgínia Bicudo, com fotos e outros documentos administrativos de seu período como aluna e professora da ELSP. Meu objetivo original era procurar o que havia disponível de material produzido por Bicudo durante sua pesquisa para dissertação, tais como registros, anotações ou a versão bruta das entrevistas realizadas por ela. Esses materiais poderiam estar no prontuário dela na instituição, uma espécie de repositório individual existente na então ELSP, que guardava documentos como trabalhos finais de disciplinas, manuscritos de pesquisa, atas de defesa e afins.

Entretanto, em uma das visitas à FESPSP, para verificar a documentação disponível, fui informado de que o prontuário de graduação e mestrado da Virgínia Bicudo havia desaparecido misteriosamente⁵. No entanto, tive acesso aos anuários da ELSP, o que me permitiu acessar as ementas das disciplinas cursadas pela socióloga durante seu mestrado, além das ementas da disciplina de Psicanálise e Higiene Mental que ela ministrou como professora assistente, junto com Durval Marcondes, na instituição.

Na SBPSP existe o Fundo Virgínia Leone Bicudo, com documentos de diversas fontes, que mostram a trajetória dessa intelectual (MORETZSOHN, 2013). Nesse acervo tive acesso a vários documentos de cunho pessoal e profissional sobre Bicudo, em especial aqueles relativos ao longo período em que exerceu a Psicanálise. No AEL está localizado o Fundo Donald Pierson, no qual pude ter acesso à documentos produzidos pelo sociólogo estadunidense no período que trabalhou na ELSP, além de cartas enviadas e recebidas por ele ao longo de vários anos, que mostram seus diálogos com ex-alunos.

⁵ Nessa ocasião em que estive na FESPSP fui informado que a instituição sofreu períodos de grave crise financeira, durante os quais não havia um controle rígido sobre o acervo documental da instituição. Foi nesse período que os prontuários de Virgínia Bicudo desapareceram, não havendo qualquer informação de onde estejam ou em posse de quem.

Na COC acessei o Fundo Oracy Nogueira, no qual pude encontrar algumas conferências ministradas na disciplina *Raça e Cultura*, dada por Donald Pierson na ELSP. Mesmo sem ser relativas ao mesmo ano em que Bicudo cursou a disciplina, esses documentos são importantes para entender o tipo de conteúdo ministrado na disciplina. Na biblioteca do IFCS e na FESPSP estão disponíveis os números da Revista *Sociologia*. Ao analisar a revista o objetivo é pesquisar artigos publicados sobre questão racial, como um dos meios para reconstruir o contexto intelectual em que Bicudo estava inserida, pois a revista possuía forte ligação com a ELSP.

Nenhum desses acervos que abrigam documentos sobre Virgínia Bicudo devem ser abordados como criações naturais, isto é, dadas como inquestionáveis. Entretanto, sua conformação deve ser entendida como resultado de uma “pluralidade de tempos, dinâmicas e agentes” (HEYMANN, 2012, p. 275), ou seja, sujeitos a diversas contingências durante seu processo de criação e ao longo de sua existência. Desse modo, os documentos existentes nesses acervos representam um enquadramento possível da memória sobre Virgínia Bicudo, não a *memória definitiva* sobre ela. Nesse sentido, de acordo com Liona Israel (2015), o arquivo é uma construção social, pois é fruto de uma seletividade entre aquilo que deve ser preservado e o que deve descartado, entre aquilo que deve ser publicizado e o que deve ser mantido em sigilo.

A respeito dessa natureza construída dos arquivos, tal característica se impôs em algumas dificuldades encontradas com as fontes sobre Virgínia Bicudo na nossa pesquisa. Seus prontuários de graduação e mestrado desapareceram na FESPSP. Não encontramos correspondências trocadas entre ela e Donald Pierson, em seu Fundo no AEL⁶. No livro sobre os anos de formação da ELSP (KANTOR; MACIEL; SIMÕES, 2009) existe a informação que cinco antigos professores e alunos da Escola foram entrevistados, inclusive Bicudo, mas ela foi a única que não teve sua entrevista publicada no livro⁷. Essas aparentes ausências são sintomáticas da invisibilização sofrida por Virgínia Bicudo no cânone da Sociologia brasileira, da sua obra e trajetória. Essa invisibilidade, de acordo com Janaina Damaceno Gomes, é operada contra determinadas sujeitos, como ocorreu com Virgínia Bicudo, por meio de processos de fabricação de esquecimento:

⁶ A única correspondência encontrada foi uma carta de Pierson endereçada para ela no Fundo Virgínia Leone Bicudo, na Divisão de Documentação e Pesquisa da SBPSP

⁷ Após fazer o contato com a FESPSP, fui informado de que a entrevista de Virgínia Bicudo citada nesse livro não está arquivada no acervo da instituição, o que parece significar que se perdeu.

[...] através da não citação em trabalhos acadêmicos, da extirpação de textos em compêndios, do não arquivamento de documentos, do roubo de documentação, do arquivamento de entrevistas em acervos pessoais indisponíveis para a pesquisa, da ocultação da cor do pesquisador, do descarte de material de cunho autobiográfico como cartas e diários (GOMES, 2013, p. 18-19).

Mario Augusto Medeiros da Silva (2011a) também reflete sobre a fabricação do esquecimento contra intelectuais negras e negros, como Virgínia Bicudo, ao resenhar a publicação em livro da sua dissertação, pois questiona o motivo pela demora em sessenta e cinco anos para que essa obra fosse publicada para o grande público. Além disso, questiona por quais motivos atravessou-se várias gerações sem que estudiosos sobre relações raciais, intelectuais negros e militantes antirracistas pudessem conhecer essa intelectual. De nossa parte, consideramos que é impossível dissociar a invisibilização sofrida por Virgínia Bicudo da conformação branca, e muitas vezes masculina, da Sociologia ao longo de sua institucionalização no Brasil. Não se trata de dizer que havia uma conspiração para isso, mas de ponderar que um apagamento histórico como esse precisa de muitas mãos (e mentes), materializado em muitas condutas, por um longo tempo, para ser levado a cabo. A eventual desarticulação nessa série de contingências não torna o racismo e machismo que as originaram menos grave, nem faz menos danosa a invisibilização sofrida por Bicudo.

Dito isso, a partir dessas dificuldades com as fontes da pesquisa, precisei reconstruir o contexto intelectual em que Virgínia Bicudo produziu seus estudos de relações raciais de modo indireto, com as ementas das disciplinas cursadas pela autora em seu mestrado, os artigos sobre questão racial publicados na revista *Sociologia* e a seleção final da bibliografia mobilizada em sua dissertação.

Para cumprir o objetivo da pesquisa de entender o pensamento de Virgínia Bicudo sobre relações raciais, optamos por reduzir o perímetro de análise no decorrer de cada capítulo. No primeiro capítulo procuramos mapear o contexto intelectual mais amplo, no qual Virgínia Bicudo esteve inserida enquanto estava dedicada à Sociologia, no período como estudante na ELSP. Para isso analisamos as ementas das disciplinas cursadas por ela durante o mestrado na Escola, a ementa da disciplina ministrada por Bicudo nesse período, junto com Durval Marcondes, e os artigos sobre questão racial publicados entre 1939 e 1945 na *Sociologia*, revista científica fortemente ligada à ELSP.

No segundo capítulo, nosso objetivo foi realizar uma análise do contexto intelectual mais restrito de Virgínia Bicudo, a partir da análise de alguns autores brasileiros e estrangeiros presentes na sua dissertação. A análise das formulações produzidas por esses

autores se deu a partir dos modos como Bicudo os mobilizara no texto. Nesse sentido, abordamos a obra de Robert Park, Gilberto Freyre, Donald Pierson e Oracy Nogueira não com o objetivo de esgotá-la, mas para entender seus usos no estudo de Virgínia Bicudo.

No terceiro capítulo, tivemos o objetivo de analisar de modo profundo a dissertação produzida por Virgínia Bicudo. Primeiro, evidenciamos a síntese das conclusões do seu trabalho, as articulações feitas pela autora entre Sociologia, Psicanálise e questão racial e as inovações apresentadas pela autora. Depois disso, mostramos a importância da Psicanálise e da Higiene Mental no percurso profissional de Bicudo, ressaltando no mesmo sua preocupação com a subjetividade e seu esforço em articular Psicanálise e Sociologia. Por fim, analisamos a inserção da organização chamada pelo pseudônimo de *Associação de Negros Brasileiros* na dissertação e como Bicudo usou a Psicanálise para analisar a atuação do grupo.

2. O PANO DE FUNDO DA DISSERTAÇÃO DE VIRGÍNIA BICUDO: DA UNIVERSIDADE DE CHICAGO À ELSP

Nesse primeiro capítulo, pretendemos realizar uma primeira aproximação do contexto intelectual em que Virgínia Bicudo esteve inserida para realizar seus estudos sobre a questão racial no âmbito da Sociologia. A forma encontrada para realizar essa reconstrução foi recorrer aos documentos disponíveis, cujo conteúdo informa sobre a trajetória de Bicudo na Sociologia e na Psicanálise, em diferentes arquivos na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, os documentos contêm informações gerais sobre período histórico dos anos 1930 e 1940, ajudando a elucidar questões sobre a sua trajetória. Assim, o objetivo deste capítulo é analisar os documentos disponibilizados pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), na Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ e pelo Fundo Oracy Nogueira compondo o acervo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Dentre os documentos selecionados estão as ementas das disciplinas cursadas por Virgínia Bicudo durante seu mestrado na ELSP, além da ementa da disciplina Higiene Mental e Psicanálise, que ela ministrou como professora assistente na instituição. Assim como analisaremos os artigos que tratavam sobre questão racial publicados na Revista *Sociologia*, revista científica que gravitava em torno da ELSP, desde sua fundação em 1939 até 1945. O objetivo, portanto, foi mapear, em um nível mais alargado, o contexto intelectual em que Virgínia Bicudo esteve mergulhada durante o período em que se dedicou à investigação sociológica.

Como tratar a obra da Virgínia Bicudo em seu contexto implica fazer escolhas de pesquisa – pois, a rigor, todo contexto é virtualmente inesgotável – faremos o esforço de apresentar neste capítulo o leque mais geral de autores e temas de pesquisa aos quais ela teve acesso em sua formação sociológica na ELSP. Afinal, entender sociologicamente como foi possível a autora realizar as suas principais inovações no estudo sobre questão racial implica discutir como ela mobilizou criativamente o repertório de teorias, conceitos e métodos que estavam à sua disposição. Daí a importância de mobilizar tanto as ementas da Escola, quanto às publicações veiculadas na *Sociologia*.

Uma observação importante a ser feita é que não tomamos como pressuposto que a socióloga teve contato e aprofundou-se em todos os autores, obras e teorias que serão percorridas neste capítulo. Por exemplo, no caso das disciplinas cursadas por ela durante o mestrado é bastante provável que tenha lido as obras listadas nas respectivas bibliografias; por

outro lado, no caso dos artigos na revista *Sociologia*, não temos provas concretas que ela tenha lido esses artigos ou que estes tenham incidido diretamente sobre sua pesquisa da dissertação. Mesmo com essas ressalvas, o material empírico pesquisado revela o principal perímetro das referências intelectuais que estiveram na formação de Bicudo na Sociologia.

Vale dizer que, embora a ELSP seja fundamental para pensar a formação sociológica de Virgínia Bicudo, este trabalho não pretende tratar da instituição em sua complexidade e heterogeneidade interna – para tal, há por exemplo os trabalhos de Limongi (1989), Peixoto (1989) e a coletânea com diversos trabalhos sobre os anos de formação da ELSP (KANTOR; MACIEL; SIMÕES, 2009). Nosso foco aqui é acionar materiais de arquivos que permitam situar o leitor no contexto em que se moveu a autora por meio das disciplinas que ela cursou. Portanto, a intenção é reconstituir o contexto intelectual da Virgínia Bicudo a partir de seu percurso na ELSP. No entanto, antes cabe contextualizar a chegada de Donald Pierson ao Brasil nos anos 1930, que foi orientador de Bicudo, figura importante na ELSP e estudioso da questão racial.

2.1. DONALD PIERSON E O PARADIGMA DE ROBERT PARK NA ELSP

Nesse momento iremos discorrer sobre a trajetória de Donald Pierson, sociólogo que foi importante para estabelecer o modelo de ensino e pesquisa praticado pela ELSP. Graduou-se como *Bachelor of Arts* na Universidade de Empória, no Kansas, entre 1924 e cursou o doutorado na Universidade de Chicago, sob orientação de Robert Park (SILVA, 2012). Como parte da sua pesquisa para tese, ele realizou seu trabalho de campo na cidade de Salvador, entre 1935 e 1937. Após terminar o doutorado, no ano de 1939, Pierson é convidado para lecionar na ELSP. Sua tese foi publicada originalmente em 1942 com o título de *Negroes in Brazil: study of race contact in Bahia*, sendo “o primeiro trabalho com uma influência clara da Escola de Chicago no Brasil” (MENDOZA, 2005, p. 442), publicada em português em 1945 com o título *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. De acordo com Silva (2012), Pierson teve a vantagem de ser um dos primeiros pesquisadores da antropologia e Sociologia estadunidense a realizar um trabalho de campo prolongado, tornando-se após seu doutorado uma das grandes autoridades estadunidenses sobre relações raciais no Brasil.

A centralidade da Escola de Chicago para o programa de pesquisas da ELSP, pelo menos aquelas que gravitavam em torno de Donald Pierson, pode ser revelada no obituário

que ele escreveu após o falecimento de Robert Park, principal liderança intelectual da instituição estadunidense. Em *Robert Park: sociólogo pesquisador*, Pierson (1944) alça seu orientador ao posto de um dos sociólogos mais influentes do século XX, uma vez que se trata de um pesquisador de reputação internacional e, principalmente, por ter treinado e estimulado diversos sociólogos que estavam expandindo o ensino e a pesquisa das Ciências Sociais ao redor do mundo. Além disso, segundo ele, Park exerceu esse papel através de relações de muita proximidade com seus *discípulos*.

Nesse obituário, Pierson relata que Park contribuiu bastante para focalizar seu interesse de pesquisa no Brasil, para o estudo dos contatos raciais e culturais, enquanto contava que nos anos anteriores Park fez viagens de estudo para os seguintes locais: dentro dos Estados Unidos (incluindo cidades do interior do país), Canadá, Havaí, Europa, Ásia (em especial Índia e China), África e América do Sul. Essa informação traz uma pista de que o interesse de Park pelo estudo de contatos raciais e culturais tinha pretensões internacionais, se estendendo ao Brasil por meio da pesquisa de Pierson em Salvador. Esse texto em homenagem a Robert Park, devido ao seu falecimento, mostra a sua importância para Pierson tanto na Sociologia em geral, quanto nos estudos de contatos raciais e culturais.

Uma vez que mostramos a importância da figura de Park para Donald Pierson, vamos realizar uma primeira aproximação sobre o contexto intelectual estadunidense, tal qual *filtrado* institucional e cognitivamente pela ELSP. Optamos por fazer isso a partir de uma análise da disciplina cursada por Virgínia Bicudo, durante seu mestrado, chamada *Raça e Cultura*. Essa disciplina foi ministrada por Pierson para munir seus alunos com um “quadro de referência” para pesquisas sociológicas e antropológicas (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1944a). Não há ementa da disciplina no anuário da ELSP, apenas uma descrição sobre sua temática. Por outro lado, durante minhas pesquisas no Fundo Oracy Nogueira, encontrei documentos identificados como conferências dessa disciplina. Trata-se de um texto corrido sobre determinado tema, que aparentemente era proferido durante cada aula. No Fundo acessamos à diversas conferências⁸, mas não havia informação sobre as datas em que foram ministradas. Mesmo que não sejam relativas ao ano exato em que Bicudo cursou a disciplina, acreditamos que as conferências encontradas no Fundo Oracy Nogueira serão úteis para termos noção do conteúdo estudado por ela nessa disciplina. Segue abaixo um quadro com a listagem das conferências arquivadas no Fundo:

⁸ No Fundo Oracy Nogueira (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2007) conseguimos obter acesso à 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 7ª 8ª e 12ª conferências da disciplina. Havia mais conferências depositadas da disciplina depositadas no Fundo, no entanto não foi possível analisá-las.

Tabela 1: Lista de conferências na disciplina Raça e Cultura

Nº	Título da conferência
1ª	A expansão da Europa Ocidental (I)
2ª	A expansão da Europa Ocidental (II)
3ª	As formas da expansão europeia (I)
4ª	As formas da expansão europeia (II)
5ª	O papel do imperialismo na expansão europeia
6ª	As origens da Expansão europeia
7ª	A expansão ecológica da Europa Ocidental (I)
8ª	A expansão ecológica da Europa Ocidental (II)
9ª	A expansão ecológica da Europa Ocidental (III)
10ª	A expansão ecológica da Europa Ocidental (IV)
11ª	A expansão econômica e política da Europa Ocidental (I)
12ª	A mistura racial e a diluição da linha de cor (II)
13ª	A expansão econômica e política da Europa Ocidental (III)
14ª	A expansão cultural da Europa Ocidental (I)
15ª	<i>Não havia exemplar dessa conferência no Fundo Oracy Nogueira</i>
16ª	A contra expansão do Japão
17ª	Raça e Cultura na África do Sul
18ª	Um estudo de raça e cultura na Bahia, Brasil: procedimento de pesquisa
19ª	O negro na Bahia
20ª	A distribuição espacial das classes e das raças na Bahia

Fonte: Elaboração própria.

Pierson, em boa parte das conferências, se debruça sobre o continente europeu em diferentes aspectos, mas também faz análises focalizadas no Japão e na África do Sul. A seguir, o conteúdo resumido das conferências:

A 1ª conferência – *A expansão da Europa Ocidental (I)* – discorre sobre o avanço colonialista europeu sobre outros povos do mundo. Pierson ([s.d.]) faz um resumo do

processo de expansão europeia sobre esses locais: a chegada dos colonizadores, início do comércio, chegada de missionários e, por fim, a exportação de capitais para as novas colônias. Segundo ele, essa expansão é um fenômeno científico que poderia ser estudado, pois teve um começo e também teria um pretense fim. A 2ª conferência – *A expansão da Europa Ocidental (II)* – segue esse fio condutor, discorrendo sobre movimentos expansionistas de outros povos que não os europeus, destacando que existiram outras grandes civilizações fora da Europa. Pierson ([s.d.]) levantou a questão que a diferença do processo de expansão europeia para o de outras civilizações é que os europeus alcançaram virtualmente o mundo inteiro. Por último, aborda os movimentos nacionalistas nas regiões colonizadas, que surgem como consequência da opressão colonial e absorvem elementos da cultura europeia.

A 3ª conferência – *As formas da expansão européia (I)* – discute sobre os modos pelos quais a expansão europeia ocorreu nos outros continentes do mundo. Um dos conceitos que Pierson utiliza é de *expansão ecológica*, o contato do europeu com outros povos, processo que irá gerar em algum momento a “união sexual” entre pessoas de diferentes grupos raciais. Essas uniões iriam originar os mestiços, ou híbridos raciais, que para Pierson ([s.d.]) poderiam originar uma classe ou casta distinta dos grupos raciais de origem. Já a 4ª conferência – *As formas da expansão européia (II)* – continua a tratar sobre os modos pelos quais a expansão colonialista europeia ocorreu no resto do mundo: hibridização, expansão econômica, política e cultural. Pierson tece comentários ainda a respeito da suposta diferença de inteligência entre negros e mestiços estadunidenses, e que tal fenômeno ocorreria pelas condicionantes sociais desses dois grupos e não como consequência biológica da miscigenação (PIERSON, [s.d.]).

A 5ª conferência – *O papel do imperialismo na expansão européia* – discute os diferentes modos de imperialismo exercido pelas potências colonialistas europeias: ecológico, econômico, político e cultural (PIERSON, [s.d.]). A 7ª conferência – *A expansão ecológica da Europa Ocidental (I)* – trata do deslocamento migratório de europeus para outros continentes (PIERSON, [s.d.]). Em continuação, a 8ª conferência – *A expansão ecológica da Europa Ocidental (II)* – relata os casos da colonização britânica na Austrália e nos Estados Unidos; o sequestro de africanos para as Américas; e sobre as colônias de exploração e povoamento (PIERSON, [s.d.]).

A 12ª conferência – *A mistura racial e a diluição da linha de cor (II)* – discorre sobre o fenômeno que Pierson denomina de diluição da *linha de cor* na Bahia, por conta da miscigenação. Nesta conferência, o sociólogo explica os diferentes termos utilizados para se

referir às pessoas não-brancas em contextos variados (PIERSON, [s.d.]). Para ele, existiria na época uma tendência de embranquecimento da população da Bahia. Por fim, as três últimas conferências tiveram como objeto de discussão a pesquisa de doutorado de Pierson, cujo campo foi realizado em Salvador, que deu origem ao livro *Negroes in Brazil*.

Quando analisamos os temas explorados por Donald Pierson nas conferências da disciplina *Raça e cultura*, percebemos como seu interesse pelo tema das relações raciais não estava restrito ao estudo do caso brasileiro ou de seu país natal, mas estava calcado em entender as *situações raciais* em diferentes regiões do mundo impactadas pela colonização europeia. Fora a Europa, alguns países e regiões citadas nas conferências foram a África do Sul (além do próprio continente africano), a Austrália, o Japão e o Brasil.

Um ponto caro a essa perspectiva dos contatos raciais e culturais é a questão da miscigenação e seus efeitos sociais, aparecendo em algumas conferências, e será um dos principais eixos da análise de Virgínia Bicudo em sua dissertação. Esse fato ajuda a mostrar como, na ELSP, Virgínia Bicudo estava orientada por Pierson na perspectiva teórica forjada por Park, para realizar sua pesquisa sobre pretos, mulatos e suas atitudes raciais. No entanto, veremos ainda que ela não se manteve amarrada de modo estrito a essa teoria em sua pesquisa e, além disso, teve acesso a um percurso formativo mais heterogêneo na instituição. A socióloga separa seus entrevistados entre pretos e mulatos, para verificar se há atitudes raciais distintas entre esses dois grupos, partindo do pressuposto que a situação do mestiço serve como uma espécie de índice para a análise da *situação racial*.

O motivo para esse interesse na abordagem internacional no tema dos contatos raciais e culturais é entregue pelo próprio Pierson. No artigo *Raça e organização social*, o sociólogo estadunidense (PIERSON, 1945a) afirma que a finalidade de sua pesquisa na Bahia era tornar possível a comparação da *situação racial* de lá com outras analisadas anteriormente em mais locais do mundo, como Índia, África do Sul, Havaí e Estados Unidos. Já no artigo *O estudo de contato racial*, Pierson (1945b) discorre sobre a fundação de um Seminário sobre contatos raciais e culturais em 1934 na Universidade de Chicago, formado por estudantes pós-graduados, para o estudo dessa temática no âmbito internacional. Os dirigentes do Seminário eram: Robert Park – Pierson coloca seu nome em primeiro lugar, o que não é algo gratuito –, Robert Redfield, Herbert Blumer, Louis Wirth e Radcliffe-Brown. Mais tarde juntou-se ao grupo W. Lloyd Warner e Everett Hughes.

Segundo Pierson, o Seminário buscou reunir todo o conhecimento existente acerca de contatos raciais e culturais ao redor do mundo. Depois disso, realizaram estudos de outros

casos de contato racial e cultural, ou ajudaram a executá-los, ao mesmo tempo que aprofundavam seus conhecimentos naqueles casos já estudados. Nesse sentido, o sociólogo revela que sua pesquisa sobre contatos raciais na Bahia estava vinculada a esse esforço de mapeamento internacional, como um desses casos a serem estudados. A partir daí, podemos presumir que todos os enviados de Park ao redor do mundo realizariam suas pesquisas mobilizando a teoria do *ciclo de relações raciais*, tal como feito por Pierson na pesquisa em Salvador.

A respeito da natureza do Seminário de contatos raciais e culturais, Isabela Oliveira Pereira da Silva (2012) aponta que essa iniciativa envolvia um esforço coletivo, em que pesquisadores eram designados para diversos locais fora dos Estados Unidos para desenvolver estudos sobre contatos raciais e culturais, sendo alguns lugares selecionados o México, o Brasil e Havaí, que não à toa eram locais estratégicos para a geopolítica estadunidense. Nesse sentido, é relevante a informação que em 1934, ano de fundação do Seminário, já estava em prática por parte do governo estadunidense a *Política da boa vizinhança*, doutrina da política externa direcionada para seu aumento de influência na América Latina, para evitar que a região estivesse sob a ingerência dos países europeus.

Além da *Política da boa vizinhança*, nas décadas anteriores os Estados Unidos haviam realizado diversos avanços imperialistas e neocoloniais sobre outras áreas do mundo como: tomada de parte do território mexicano e também do Havaí, incorporação dos territórios de Porto Rico, Filipinas e Guam, além da invasão militar em Cuba (Silva, 2012). As pesquisas realizadas no âmbito do Seminário, que tinha Robert Park como uma de suas principais lideranças, “buscava responder as demandas advindas das profundas mudanças sociais, demográficas, geográficas e culturais em curso desde o final do século XIX” (Silva, 2012, p. 87). Dito isso, percebemos como esse empreendimento internacional sediado na Universidade de Chicago estava atrelado a um contexto geopolítico de expansão da influência internacional dos Estados Unidos, que já ocorria há algumas décadas.

A ida de Pierson para Salvador está inscrita nesse contexto de avanço imperialista estadunidense sobre o restante do continente americano, cuja pesquisa enquadra de forma simpática o padrão de relações raciais encontrado na capital baiana – padrão que ele considerava representar o Brasil como um todo, já que supostamente não seria conflitivo. Nesse sentido é que o pano de fundo da pesquisa de campo realizada por Donald Pierson em Salvador mostra como a teoria e prática sociológica não são produzidas no vácuo: ambas se

constituem em meio a tensões e disputas sociais, políticas e econômicas, podendo ser mobilizadas por diferentes grupos sociais.

Agora saberemos mais sobre a Escola de Chicago, grupo no qual Pierson foi formado, e os tensionamentos nos estudos sobre questão racial na Sociologia estadunidense.

2.2. A ESCOLA DE CHICAGO E A QUESTÃO RACIAL NA SOCIOLOGIA DOS ESTADOS UNIDOS ENTRE O FIM DO SÉCULO XIX E AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

A Escola de Chicago é conceituada por Alain Coulon (1995) como um conjunto de pesquisas sociológicas realizadas entre os anos de 1915 e 1940 na Universidade de Chicago. Segundo o autor, a Sociologia realizada em Chicago prezava fortemente pela pesquisa empírica e tinha uma atuação marcada pelos estudos urbanos, além de ser orientada por um reformismo social, decorrente da preocupação sobre os problemas sociais que ocorriam na cidade. Os pesquisadores formados nesse grupo enxergavam a cidade como um *laboratório sociológico*, analisando problemas como delinquência e pobreza, vistos com frequência como questões ligadas aos negros (WINANT, 2000).

A Universidade de Chicago foi criada em 1895 a partir de uma grande doação feita pelo empresário John Rockefeller (BECKER, 1996) e no âmbito da história da Sociologia estadunidense a instituição adquiriu lugar de destaque. Rockefeller encarregou a William Harper, um ex-pastor batista, a liderança dessa iniciativa, que por sua vez chamou Albion Small para fundar o departamento de Sociologia na universidade (COULON, 1995). Segundo Eufrásio (1995), Small teve êxito em transformar o Departamento de Sociologia em Chicago no primeiro a oferecer ensino de graduação e pós-graduação da área com alta qualidade no mundo – e não apenas nos Estados Unidos.

No tocante à questão racial, a Escola de Chicago representou um avanço ao romper com o biologismo que dominava o cânone branco da disciplina até então nos Estados Unidos. O Departamento de Sociologia da Universidade foi o primeiro entre as instituições mais reconhecidas do país a aceitar um número substancial de graduandos pertencentes às minorias raciais, como pessoas negras (WINANT, 2007). Chicago também foi a fonte do principal paradigma sobre as relações raciais nos Estados Unidos, entre a década de 1920 até depois da II Guerra Mundial (MACLEAN; WILLIAMS, 2008), a partir de Robert Park, professor da Universidade e nome fundamental nos estudos sobre relações raciais na Sociologia

estadunidense. Park formou uma linhagem de sociólogos e antropólogos entre os anos 1910 e 1940, inclusive vários deles atuaram profissionalmente em outros países (Silva, 2012), como ocorreu com Donald Pierson no Brasil, ao vir trabalhar como professor na ELSP após obter seu doutorado em Chicago. O paradigma do chamado *ciclo de relações raciais*, formulado por Park, explicava o processo de interação entre dois grupos de diferentes culturas ou origens raciais, sendo composto pelas seguintes fases em sequência: competição, conflito, acomodação e assimilação.

Apesar de considerar que havia esse padrão nos casos de contatos raciais ao redor do mundo, o próprio Park (1928) no artigo *Human migration and marginal man* deixa em aberto que pode haver casos em que a assimilação ocorreria em ritmo muito lento, ou mesmo nunca aconteceria de fato, sendo essa a situação na qual ele considera haver um *problema racial*. Segundo o sociólogo, isso ocorreria em casos nos quais as raças e culturas em contato fossem muito diferentes. Esse paradigma forjado por Park representava um afastamento de teorias evolucionistas presentes entre intelectuais estadunidenses, em favor de uma abordagem sociocultural (MACLEAN; WILLIAMS, 2008; WINANT, 2007).

Apesar da grande importância do paradigma criado em Chicago nos estudos de relações raciais nos Estados Unidos à época, o campo não estava imune a tensões. Robert Park defendia que a Sociologia não deveria ser mobilizada como instrumento de luta política nos conflitos raciais que ocorriam no país, para manter assim sua *objetividade* científica (MACLEAN; WILLIAMS, 2008; WINANT, 2007). O sociólogo negro W. E. B. Du Bois era um dos intelectuais que discordava dessa posição, pois considerava que não havia separação entre a teoria, representada pela Sociologia, e a prática política. Essa posição de Du Bois explica-se por seu engajamento militante, visto que ele, por exemplo, integrava a Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP), importante organização do movimento negro estadunidense.

Em relação à sua trajetória acadêmica, Du Bois estudou durante parte de seu doutorado na Universidade de Berlim, na Alemanha, entre 1892 e 1894, sendo o primeiro negro a obter o título de doutor pela Universidade de Harvard, no ano de 1895 (BHAMBRA, 2014; NASCIMENTO, 2015). Ele também trabalhou como professor de Sociologia na Universidade de Atlanta entre 1897 e 1910, realizando uma série de pesquisas em instituições negras – de cunho religioso, educacional e econômico, por exemplo – sobre as condições sociais dessa população, principalmente no Sul do país, sendo essas pesquisas reconhecidas por sua sofisticação empírica e analítica (WINANT, 2007).

Uma das principais obras desse sociólogo é *The Philadelphia Negro*, publicada em 1899. Essa foi uma pesquisa que combinava Sociologia rural e urbana com estudos sobre temas como estratificação social, criminologia, Sociologia da religião, Sociologia histórica e política (WINANT, 2007). Um dado importante sobre *The Philadelphia Negro* é que este foi o primeiro grande estudo empírico realizado com abordagem sociológica nos Estados Unidos. No entanto, esse reconhecimento é dado geralmente para o estudo de William Thomas e Florian Znaniecki, *The Polish Peasant*, realizado na Universidade de Chicago duas décadas após o estudo de Du Bois (BHAMBRA, 2014). Esse fato ajuda a mostrar como também nos Estados Unidos houve um apagamento da importância de Du Bois no cânone sociológico forjado posteriormente, tal qual ocorreu com a pesquisa pioneira de Virgínia Bicudo sobre atitudes raciais em São Paulo.

Outras intelectuais e militantes negras contemporâneas à Du Bois são Anna Julia Cooper e Ida B. Wells-Barnett, que direcionaram seus escritos e intervenções públicas tanto para a comunidade negra, como para o público branco, tendo elas vivido durante o período da *Reconstrução* e testemunhado a ascensão das leis *Jim Crow* (MACLEAN; WILLIAMS, 2008). De acordo com Patricia Hill Collins (2019), ambas fizeram parte de uma tradição que uniu o exercício intelectual com o ativismo, participando do movimento de associações de mulheres negras. Esse conjunto de organizações, na passagem do século XIX ao XX, tratava de diversas questões relativas às mulheres negras, mobilizando uma ideologia de *elevação da raça* durante o período da segregação racial nos Estados Unidos (COLLINS, 2019).

Anna Julia Cooper foi uma das primeiras mulheres negras a obter o título de bacharel na Universidade de Oberlin, no estado de Ohio, e tornou-se doutora em Filosofia da História pela Universidade de Sorbonne, na França. Tornou-se professora de latim, grego, matemática, história e ciência (MACLEAN; WILLIAMS, 2008). Sua obra mais conhecida é *A voice from the South*, publicado em 1892, que consiste em uma série de ensaios que trazem a perspectiva feminina e negra sobre as relações raciais nos Estados Unidos. Ela discordava que os negros deveriam ser assimilados pelos brancos anglo-saxões dominantes, acreditando na diversidade como desfecho do conflito racial (MACLEAN; WILLIAMS, 2008). Na obra, Cooper também defende a pauta da educação de mulheres negras nos Estados Unidos (COLLINS, 2019).

Ida B. Wells-Barnett foi professora e jornalista que atuou no movimento de associações de mulheres negras e também se engajou na causa anti-linchamento⁹, além de ter

⁹ A causa anti-linchamento procurava coibir os linchamentos públicos, prática de tortura comum contra homens negros nos Estados Unidos (COLLINS, 2019), que geralmente ocorria com participação ativa de muitas pessoas brancas, além daquelas que observavam como expectadores.

sido uma das fundadoras da NAACP (GOMES, 2013). Junto com outros professores negros, Wells-Barnett criou os jornais *The Free Speech* e *The Headlight of Memphis*, que se popularizaram em 1892, para defender as causas dos negros no Sul dos Estados Unidos, mesmo ano em que ela publica, também, o panfleto anti-linchamento chamado *Southern Horrors* (MACLEAN; WILLIAMS, 2008). Em 1895, Wells-Barnett publica *The Red Record*, obra em que realiza um levantamento de linchamentos contra negros obtidos em jornais voltados ao público branco, demonstrando o papel da mídia em moldar a opinião pública. A partir dos dados levantados em *The Red Record*, ela simulou uma audiência de tribunal com um júri formado por brancos, demonstrando a inocência dos negros linchados e a culpa dos linchadores brancos. A produção intelectual e a militância de Cooper e Wells-Barnett mostram como havia mulheres negras tensionando a intelectualidade branca dominante desde antes da virada para o século XX, mesmo com toda a marginalização social que homens e mulheres negras sofriam já naquele momento histórico.

Acabamos de ver como W. E. B. Du Bois, Cooper e Wells-Barnett tinham uma visão bastante diferente de Robert Park sobre a relação entre produção de conhecimento e militância política. Agora veremos as críticas que Park recebeu de seus colegas contemporâneos. Um deles foi o sociólogo negro Oliver C. Cox, que obteve seu doutorado na Universidade de Chicago em 1938. Apesar de estar inserido em uma rede de acadêmicos importantes, em uma instituição central para a Sociologia estadunidense naquela época, Cox foi relegado por seus pares à condição de *outsider* no cânone sociológico estadunidense (JOHNSON, 2004). Como um intelectual marxista, ele discordava da concepção de Park dos Estados Unidos como uma sociedade de casta ou birracial, apontando que esta era uma separação originalmente econômica, em que o racismo seria um suporte para manutenção do capitalismo (MACLEAN; WILLIAMS, 2008).

Fazendo uma ponte com a Sociologia brasileira, embora Virgínia Bicudo assinale de modo enfático que o marcador racial seja um importante vetor para conformar a estratificação social em São Paulo, ela não chega a propor analiticamente conexões entre raça e a estruturação econômica capitalista da sociedade, como fez Cox. Isso sugere que a autora não havia mapeado esse debate marxista para a redação da sua pesquisa de mestrado. Por outro lado, Bicudo se debruçou na dissertação sobre a subjetividade dos pretos e mulatos, revelando uma maior preocupação do ponto de vista sociológico com a constituição do indivíduo, em detrimento de uma visão marxista sobre o fenômeno do racismo, como formulado por Oliver C. Cox.

Além de Park, essa chamada *escola de casta* – em função de sua interpretação da situação racial americana como marcada por uma linha de casta – tinha como outros dois grandes nomes os intelectuais Lloyd Warner e John Dollard (SLATE, 2011), cujos estudos foram produzidos durante os anos 1930 no Sul dos Estados Unidos. Em 1948, Cox publica o livro *Caste, class and race*, em que apresenta uma análise marxista das relações raciais nos Estados Unidos (PETTIGREW, 2004), no qual critica a *escola de casta*, principalmente Robert Park, por conta da noção que este teria da estabilidade das relações raciais no Sul do país (SLATE, 2011). Em outra oportunidade, Cox também critica o uso feito por Lloyd Warner da categoria *casta*, pela sua analogia religiosa com a Índia, além dele apresentar a segregação racial como algo mais sólido e permanente do que Cox considerava que seria na realidade. Isso significa que Cox recusava a ideia de que essa organização em casta no Sul se mantivesse desse modo por uma mera acomodação pacífica dos negros à uma imposição dos brancos. Cox também considerava que os negros desejavam a assimilação, mas ainda assim permaneciam inassimiláveis (MACLEAN; WILLIAMS, 2008).

E. Franklin Frazier era outro sociólogo negro que teve sua carreira vinculada à Universidade de Chicago, tendo publicado em 1932 o livro *The Negro Family in Chicago* e em 1939 o *The Negro family in the United States* (JOHNSON, 2004). Ele discordava da hipótese formulada por Park acerca do *ciclo de relações raciais* em relação ao seu desfecho para os negros nos Estados Unidos. Para Frazier, o *ciclo* se encerraria não com a assimilação dos descendentes de africanos – como seria o padrão nos processos de contatos raciais, de acordo com Park – mas, com a existência de dois sistemas raciais separados, com instituições sociais próprias. Frazier considerava que nos Estados Unidos os negros teriam sido aculturados, isto é, absorveram os traços principais da cultura, mas ainda assim não teriam sido assimilados pela sociedade estadunidense (COULON, 1995). Ele também era contra a ideia defendida por Park que a Sociologia era uma ciência que não poderia se engajar politicamente, pois Frazier era um intelectual público e um militante político (MACLEAN; WILLIAMS, 2008).

Pudemos ver como Robert Park foi uma figura importante na Sociologia estadunidense, mas na mesma medida de sua importância podemos dizer que ele se tornou um personagem divisivo, cuja produção continua a ser revisitada décadas depois de sua morte. Segundo Athens (2020) alguns rótulos foram impostos à Park, como sua adesão ao darwinismo social e que sua produção sociológica teria um caráter conservador.

Em relação ao primeiro ponto, essa suposta adesão não levaria em conta que Park nunca defendeu que o comportamento de grupos raciais estavam determinados por sua herança biológica – ainda que no início da sua carreira considerasse que esses grupos tinham heranças biológicas que moldavam *temperamentos raciais*, mas que ainda assim estavam relacionados a uma herança social (ATHENS, 2020). Em relação ao segundo, Athens (2020) argumenta que a Sociologia de Park não poderia ser conservadora pelo fato da mesma considerar a relação entre os problemas do indivíduo com os problemas da coletividade; conter a ideia de controle social como algo que perpassa o entendimento na vida em grupo; e também por compreender que uma sociedade está sujeita às mudanças por meio de reforma ou revolução. Desse modo, podemos ver como a produção de Robert Park, inclusive sobre relações raciais, permanece relevante na Sociologia dos Estados Unidos, sendo objeto de críticas e também de defesas ao longo dos anos.

Além de Robert Park, outro nome fundamental no estudo das relações raciais nos Estados Unidos foi Gunnar Myrdal, um sociólogo sueco que foi o coordenador da obra *An American Dilemma*, publicada em 1944 e originado de uma extensa investigação sobre as desigualdades raciais no país, financiado pela Fundação Carnegie (GOMES, 2013). A ideia original do projeto é que fosse montado um dicionário sobre o negro estadunidense, que seria dirigido por Robert Park e W. E. B. Du Bois, a fim de sanar problemas de “assimilação” dos soldados negros dentro das forças armadas durante a II Guerra Mundial (GOMES, 2013). O estudo de Myrdal contou com a participação de vários pesquisadores negros. Ele assume o paradigma de casta em sua análise e conclui em *An American Dilemma* que a questão das desigualdades entre negros e brancos nos Estados Unidos é um problema moral que opera a nível individual, pois haveria uma discrepância entre o ideário liberal do país e essas desigualdades de cunho racial (MACLEAN; WILLIAMS, 2008). Para Myrdal, o racismo no país seria uma anormalidade em relação aos valores da democracia liberal, ainda que tenha sido uma dimensão fundacional da sociedade e cultura estadunidense (WINANT, 2007). Em última análise, esses *valores tipicamente estadunidenses* sancionariam a assimilação dos negros (BHAMBRA, 2014).

O estudo conduzido por Gunnar Myrdal teve forte impacto no debate sobre a questão racial nos Estados Unidos. De acordo com Winant (2007), *An American Dilemma* seja talvez o estudo mais influente na Sociologia das relações raciais – ao menos nos Estados Unidos, devemos complementar. No entanto, Winant também argumenta que o estudo de Myrdal não resultou em uma denúncia do racismo nos Estados Unidos. Segundo ele, um dos motivos para

isso seria o fato de *An American Dilemma* ter sido financiado pela Fundação Carnegie, instituição que não aceitaria uma crítica radical sobre o racismo nos Estados Unidos, ainda mais durante a II Guerra Mundial, conflito em que os *Aliados* tinham como inimigos Alemanha, Itália e Japão, três países comandados por governos fascistas.

Lyman (1998) é outro a apontar que marxistas, e outros defensores dos direitos civis, consideravam que as proposições de Myrdal para mudar a situação do negro nos Estados Unidos ocorreriam muito lentamente, ou jamais se concretizariam. Esse autor também defende que *An American Dilemma* gerou críticas de setores (brancos) defensores do *status quo*, pois as propostas de Myrdal para resolução da situação dos negros causariam, no discurso deles, mudanças abruptas. Entre os diferentes grupos que se opunham ao estudo de Myrdal, por motivos diversos, os segregacionistas do Sul foram os mais agressivos, ficando marcado entre eles como um dos que tentaram desfazer tal racismo institucionalizado nessa região do país (LYMAN, 1998).

Feitas essas considerações, esse breve panorama acerca do campo sociológico das relações raciais nos Estados Unidos durante os anos 1930 e 1940 serviu para mostrar como ele abrigava mais disputas do que se pode imaginar em um primeiro momento. Robert Park durante esse período foi um intelectual central, mas isso não significa que houvesse domínio total do campo por parte dele: tanto no final do século XIX e início do XX, na figura de Du Bois, como em autores contemporâneos a ele, como Frazier e Cox, havia tensionamentos a respeito de qual perspectiva teórica e conduta política a Sociologia deveria adotar frente ao racismo nos Estados Unidos.

Sobre esses tensionamentos, um aspecto que precisa ser levantado é que Du Bois, Frazier e Cox eram três sociólogos negros que possuíam posições críticas mais contundentes sobre o racismo estadunidense, cada um à sua maneira. Tal como esses intelectuais fizeram nos Estados Unidos, Virgínia Bicudo tensionaria a perspectiva dominante sobre questão racial da intelectualidade nacional à época, ao se contrapor em sua dissertação à posição de Donald Pierson sobre o tema. Porém, ao que tudo indica, ela acionou outros recursos teórico-metodológicos para tal, passando talvez ao largo da crítica feita nos Estados Unidos aos limites do paradigma de Robert Park. Ao fim pudemos ver como, tanto acima como abaixo da linha do Equador, havia intelectuais negros e negras contestando o cânone branco e suas interpretações acerca do racismo.

Agora que já temos conhecimento do contexto de chegada de Pierson ao Brasil e da importância da Escola de Chicago para os estudos sobre questão racial nos Estados Unidos.

Vejamos agora, a partir da exploração do material de arquivo, a partir de quais possíveis parâmetros Virgínia Bicudo foi introduzida ao programa de pesquisa de Robert Park sobre relações raciais.

2.3. VIRGÍNIA BICUDO NA ELSP: FORMAÇÃO EM UMA INSTITUIÇÃO EM MOVIMENTO

2.3.1. Da França aos Estados Unidos

A Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) foi uma instituição de ensino e pesquisa criada em 1933 na cidade de São Paulo, como uma reação de frações da burguesia paulistana à derrota na Revolução Constitucionalista ocorrida em 1932, sendo o industrial Roberto Simonsen um de seus principais fundadores (EDUARDO, 2009). O objetivo inicial desse grupo era que a Escola formasse quadros especializados da elite dirigente. Eis o seguinte trecho do manifesto de fundação da Escola:

É evidente que esse estado de coisas, não obstante a ilusão de alguns sonhadores de panacéas, não deriva de um fator único, suscetível de exames e solução tranquilizadora. Vários e diferentes são os fatores, cada qual de maior ou menor efeito corrosivo. Dentre eles, no entanto, destaca-se naturalmente por seu caráter básico, a falta de uma elite numerosa e organizada, instruída sob métodos científicos, ao par das instituições e conquistas do mundo civilizado capaz de compreender antes de agir, o meio social em que vivemos (KANTOR; MACIEL; SIMÕES, 2009, p. 237, grifos nossos).

O mesmo manifesto, mais à frente, afirma que o ensino em vigor na época acabava marcado pelo autodidatismo, sendo necessário um “centro de cultura político-social” que fosse um indutor de pesquisas sobre a realidade brasileira e formasse as lideranças nacionais. No mesmo documento a ELSP coloca-se como a solução para essa lacuna diagnosticada. A citação acima demonstra que esse grupo da burguesia paulistana pretendia que a Escola fosse o fomentador de uma espécie de modernização social, por meio da formação de uma elite que não seria mais formada segundo uma lógica bacharelesca, regida pelo autodidatismo e pelo saber diletante. Ao contrário, esta elite vindoura seria moldada pela racionalidade científica, a fim de exercer um autointitulado papel de liderança nacional.

Uma vez que este grupo já tinha definido o seu Norte para a atuação da vindoura instituição, procuraram uma inspiração externa para o projeto pedagógico. Segundo Rafael

Estevão Marão Guimarães (2011), Simonsen possuía uma predileção pela Sociologia francesa. No entanto, pelo seu caráter *multifacetado*, ela seria demasiadamente difusa para os objetivos instrumentais e urgentes que aquele grupo de fundadores tinha para a ELSP. Já a Sociologia estadunidense seria uma opção mais orientada para resoluções práticas. Em um primeiro momento os sociólogos estadunidenses estavam voltados para os estudos dos problemas sociais, como o saneamento básico, a delinquência e a habitação, enquanto que, em um segundo momento voltaram seu olhar para as classes sociais que eram marginalizadas (EUFRASIO, 1995). A partir desse critério, os fundadores da ELSP deram preferência a esses professores treinados na Universidade de Chicago, por considerar que os egressos de lá teriam uma orientação de trabalho adequada aos objetivos iniciais de intervenção social da Escola (SIMÕES, 2009).

A partir do quadro abaixo, em que constam as disciplinas cursadas e as notas obtidas por Virgínia Bicudo durante a graduação da ELSP (FUNDAÇÃO ESCOLA SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO, [s.d.]) podemos ver como o propósito inicial da instituição, de formação de quadros técnicos qualificados para intervenção social, refletia no caráter interdisciplinar da graduação. A esse propósito inicial também colaborou as disciplinas que subsidiavam a atuação na máquina estatal e na iniciativa privada, como Contabilidade, Estatística, Finanças Públicas, Administração Pública e Economia Internacional, por exemplo. O diálogo interdisciplinar propiciado pela ELSP, desde a graduação, criaria um terreno fértil para Virgínia Bicudo mesclar a Sociologia com seus conhecimentos trazidos da Psicanálise e da Higiene Mental em sua pesquisa sobre atitudes raciais.

Tabela 2: Histórico Escolar de Virgínia Bicudo na Graduação¹⁰

1ª série/1936			
Disciplina	1º exame	2º exame	Média de aprovação
Biologia Social	4	5	4,5
Economia Social	5	5	5
Estatística	6	5	5,5
Introdução à Economia	5,5	5,5	5,5
Psicologia	5	5	5

¹⁰ A nota máxima na Graduação da época na ELSP era 6,0

social			
Sociologia	6	6	6
2ª série/1937			
Disciplina	1º exame	2º exame	Média de aprovação
Ciência Política	5	3	4
Contabilidade	4,5	4,2	4,3
Economia internacional	5	5	5
Finanças Públicas	4	4	4
Histórias das doutrinas econômicas	4,5	5	4,7
Psicotécnica	3	3	3
3ª série/1938			
Disciplina	1º exame	2º exame	Média de aprovação
Administração pública	5	5	5
Contabilidade	4	5,5	4,7
Economia Internacional	4	5	4,5
Educação Nacional	5	5	5
Finanças Públicas	4	4	4
História das Doutrinas Econômicas	4	5	4,5

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, em 1939 o projeto disciplinar da Escola é alterado com a chegada de Donald Pierson para atuar como professor na instituição: a formação de profissionais técnicos é preterida para dar lugar à formação de sociólogos especializados; apesar disso, a centralidade da pesquisa empírica foi mantida (KANTOR; MACIEL; SIMÕES, 2009; LIMONGI, 1989). De acordo com Lúcia Lippi de Oliveira (1987), a partir dos anos 1940, o

perfil da Escola foi forjado por três personagens, todos eles estrangeiros: o próprio Donald Pierson, Herbert Baldus e Emilio Willems. Os três exerceram liderança na instituição e primavam pelo rigor profissional e acadêmico. No caso de Pierson, ele exerceu múltiplas atividades na Escola:

Além da criação da pós-graduação, Pierson atuou na ELSP durante a década de 1940 como docente, orientador, editor da revista *Sociologia*, tradutor, pesquisador, dirigente da seção de estudos pós-graduados, representante de instituições estrangeiras de fomento e financiamento à pesquisa em uma série de esforços para divulgar as ciências sociais, tanto para um público leigo interessado na disciplina, quanto para os seus alunos (SILVA, 2012, p. 177).

Um passo importante para essa mudança em direção à direção à *academização* da ELSP foi a criação da Divisão de Estudos Pós-Graduados em 1941 na ELSP (OLIVEIRA, 1987). Essa iniciativa foi inovadora, visto que foi também a primeira para formação acadêmica de pós-graduação nas ciências sociais do Brasil similar aos moldes atuais. Isso tornou-se um diferencial para a Escola, atraindo inclusive alunos da Universidade de São Paulo (USP), já que esse modelo da ELSP era exclusivo até então (SIMÕES, 2009). Segundo o próprio Pierson ([s.d.]), em memorial sobre a criação da Divisão, ele teve a ideia de criá-la para que os alunos da graduação na Escola tivessem acesso a um universo maior das ciências sociais já desenvolvidas naquela época, já que não haveria tempo de conhecê-lo durante o curso já existente de graduação. No memorial, Pierson também relata que no fim de 1945 Oracy Nogueira, Virgínia Bicudo e Gioconda Mussolini já haviam obtido o grau de mestre na Divisão de Estudos Pós-Graduados, além de já atuarem como assistentes ou professores em suas respectivas áreas de trabalho. Uma vez consolidada a Divisão, Pierson a dirigiu até deixar o Brasil em 1957, em virtude de problemas de saúde, após trabalhar dezoito anos na ELSP (PEIXOTO, 1989).

A ideia de criar uma Divisão para estudos de pós-graduação veio de Pierson, mas para que o projeto se concretizasse havia um consenso entre os professores da Escola que era necessário ao menos três professores com doutorado, condição que se cumpriu com a contratação de Herbert Baldus e Emilio Willems (COTRIM, 2016), que futuramente seriam os responsáveis também por moldar o perfil da ELSP. Em 1941, esses três professores e também Bruno Rudolfer ministraram cursos de pós-graduação; no ano seguinte, o antropólogo A. R. Radcliffe-Brown e o estadunidense T. Lynn Smith colaboraram com a ELSP ministrando também aulas para a pós-graduação (PIERSON, [s.d.]). A Divisão reunia professores de diferentes áreas do conhecimento, o que permitia aos alunos uma formação

interdisciplinar (GUIMARÃES, 2011) – essa diversidade passou a existir, sobretudo, a partir de 1944, pois até esse ano havia disciplinas apenas na área de Sociologia e de antropologia (PIERSON, [s.d.]). Com essa centralidade que Pierson conquistou dentro da instituição, ele tentou criar uma réplica da Universidade de Chicago na ELSP com a:

[...] primazia dos estudos pós-graduados, formação de grupos de trabalho, onde a cada estudante corresponde um subtema da pesquisa mais ampla, sob a direção de um professor-doutor; além de seminários, leitura e orientação individual de alunos (PEIXOTO, 1989, p. 447).

A respeito das primeiras dissertações defendidas na Divisão de Estudos Pós-Graduados, em documento datado de outubro de 1950, obtido no Fundo Donald Pierson, há uma lista dos primeiros sete estudantes que concluíram o mestrado até aquele momento (PIERSON, 1950). Apenas o trabalho de Virgínia Bicudo versava sobre relações raciais, enquanto quatro desses trabalhos eram estudos de etnologia. Esse dado demonstra que o estudo sobre relações raciais empreendido pela socióloga não era a única temática de pesquisa nem a única perspectiva teórico-metodológica ensinada na Escola. Vejamos abaixo essas informações:

- Oracy Nogueira: Professor de Sociologia e Membro do Conselho Técnico-Administrativo da Escola de Sociologia e Política; coeditor da Revista *Sociologia*. O título da dissertação é *Experiências sociais e pessoais de pacientes tuberculosos em Campos de Jordão*.

- Florestan Fernandes: Professor assistente de Sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP. O título da dissertação é *Organização social dos Tupinambá*.

- Gioconda Mussolini: Professora assistente de Antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP. O título da dissertação é *Um estudo comparativo dos meios de defesa contra doenças e a morte desenvolvidos pelos Kaingang e os Bororo do Oeste*.

- Virgínia Bicudo: Professora de Psicanálise¹¹ na Escola de Sociologia e Política e também, além de psicanalista em clínica própria; o título de sua dissertação é *Estudos de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*.

¹¹ Sobre a profissão de Virgínia Bicudo, no documento está descrito que ela era *Professor of Psychiatry* além da expressão *practicing psychiatrist with own clinic*. Pela tradução livre, Pierson estaria se referindo à psiquiatria, mas optamos por traduzir essas informações para “psicanálise”, pois sabemos que ela atuou como professora de Higiene Mental e Psicanálise na ELSP, além dela ter atuado na Psicanálise clínica.

- Noemia Ippolito: Diretora de educação, recreação e saúde de um *playground* municipal. O título da dissertação é *Características sociais de crianças frequentadoras do playground da Lapa em São Paulo*.

- Fernando Altenfelder Silva: Professor assistente de antropologia na Escola de Sociologia e Política. O título da dissertação é *Organização social dos Terena no Mato Grosso*.

Além da Divisão de Estudos Pós-Graduados, outra iniciativa importante para o modelo de ensino e pesquisa da ELSP foi a revista *Sociologia*, criada por Emilio Willems e Romano Barreto em 1939 e publicada até o ano de 1966. Em 1947 torna-se uma publicação oficial da instituição (JACKSON, 2004). No período em que Virgínia Bicudo realizou sua pesquisa de mestrado havia uma presença expressiva de artigos escritos por professores da USP na revista, além daqueles produzidos pelos docentes da ELSP (JACKSON, 2004). Havia na revista uma seção inaugurada em 1941 exclusiva para Donald Pierson chamada *Notas sociológicas*:

[...] apresentarei de agora em diante, em cada número da revista e sob a epígrafe acima, material sociológico que, espero, será intelectualmente um estímulo e pedagogicamente útil. Às vezes, publicarei artigos escritos por mim. Outras vezes, e quiçá com mais frequência, apresentarei traduções do que considero ser importante contribuição ao conhecimento, ponto de vista, método ou técnica em Sociologia (PIERSON, 1941a, p. 1).

Ainda nesse capítulo trataremos mais acerca dos artigos sobre questão racial publicados na *Sociologia*, mas já podemos adiantar que a seção *Notas sociológicas* era o meio encontrado por Pierson para trazer uma orientação normativa sobre o fazer sociológico. Nesse contexto, mesmo antes da *Sociologia* pertencer oficialmente a ELSP, podemos dizer que a revista já era uma irradiadora da perspectiva sociológica forjada na Escola. Para nós, a revista é importante na medida em que foi um dos meios pelos quais Virgínia Bicudo poderia ter acesso a autores e teorias estrangeiras sobre questão racial.

Após conhecer maiores detalhes sobre a fundação e consolidação da ELSP como uma instituição de ensino e pesquisa, cabe fazer algumas breves considerações sobre a relação intelectual entre Pierson e Virgínia Bicudo. Eles mantiveram *status* institucional de orientador e orientanda entre 1942 – ano que ela é admitida na Divisão de Estudos Pós-Graduados – e 1945, quando ela defende sua dissertação.

Dos três alunos formados na primeira turma da Divisão de Estudos Pós-Graduados da ELSP, em 1945, dois deles foram orientados por Pierson, Oracy Nogueira e Virgínia Bicudo, sendo Gioconda Mussolini a terceira aluna. O sociólogo estadunidense manteve contato via

carta com Oracy durante alguns anos após a formatura dele no mestrado, de acordo com levantamento que fizemos há um total de 10 cartas trocadas entre eles, a primeira em 1946 e a última em 1952. No caso de Virgínia Bicudo, o contato via correspondência foi bem menor: encontramos em nossa pesquisa apenas uma carta enviada por Pierson, em 1965, na qual pedia à Bicudo que, caso tivesse contato com críticas da 1ª versão de *Negroes in Brazil* em português, as enviasse para ele, com o intuito de fazer eventuais alterações na 2ª edição que seria publicada (PIERSON, 1965).

Na carta, Pierson refere-se à socióloga de modo muito positivo, dizendo que ela era uma de suas mais sérias e dedicadas alunas no período em que ele residiu em São Paulo. Também afirma que leu o estudo produzido por ela para o Projeto Unesco, sobre atitudes raciais de alunos de escolas públicas em São Paulo, durante seu processo de mapear a bibliografia sobre questão racial para uma nova introdução da 2ª edição de *Negroes in Brazil*, a elogiou novamente pelo zelo habitual às suas produções. Ao final da carta, Pierson pergunta à Bicudo se encontrara o aluno negro com o qual teve contato na pesquisa da Unesco, afirmando que isso seria importante por se tratar de um *critical case*, uma vez que esse foi o único aluno negro que teve alta preferência por parte de seus colegas, nos questionários aplicados na pesquisa. Assim, essa preferência manifestava-se na vontade deles em sentar ao seu lado durante as aulas. Essa citação de Pierson indica que ele e Virgínia Bicudo provavelmente trocavam mais correspondências, apesar dessa única carta encontrada no Fundo Donald Pierson. Em sua entrevista a Marcos Chor Maio (2010a), Bicudo também fala sobre Pierson de forma positiva, como um professor dedicado e que estava sobre a influência dele ao escrever sua dissertação.

Em minha pesquisa realizada no Fundo Donald Pierson, localizado na Unicamp, percebi como o sociólogo estadunidense comunicava-se intensamente por meio de cartas com antigos alunos e orientandos. Nessas cartas ele pedia favores, dava conselhos sobre a carreira na Sociologia, fazia comentários sobre trabalhos e relatava sua rotina profissional. Nas cartas percebemos que Pierson prezava por esse diálogo com os ex-alunos, esforçando-se para mantê-lo e atender as demandas desses interlocutores. Em alguns casos, percebe-se que ele desenvolveu não apenas uma relação profissional, mas também de amizade com seus pupilos, pois em diversas ocasiões ele fazia comentários sobre situações pessoais com eles. O caso do sociólogo Hiroshi Saito é o mais emblemático desse forte vínculo entre Pierson e antigos alunos, pois verificamos que a troca de correspondências entre eles chegou a atravessar duas décadas, encerrando-se com o falecimento de Saito.

Em comparação com esse engajamento de Pierson com seus antigos pupilos, a menor intensidade de comunicação entre ele e Virgínia Bicudo por meio de cartas, ao menos segundo nossa pesquisa, indica que houve um distanciamento entre eles após a consolidação da carreira de Bicudo como psicanalista. Esse aparente diálogo esporádico entre eles também pode ser revelador, ou, ao menos, apontar caminhos. Ainda que houvesse um tratamento cordial e trocas de elogios entre eles, como mostramos nos carta e entrevista citadas, não muda o fato que parece não ter se mantido uma proximidade entre Pierson e Bicudo, como ocorreu entre o sociólogo estadunidense e outros ex-alunos.

Uma hipótese razoável para esse distanciamento pode ser o giro dado por Virgínia Bicudo na direção da carreira psicanalítica, o que implica um universo de afazeres à parte da Sociologia. Talvez a perspectiva mais crítica a respeito das relações raciais entre brancos e negros, defendida por Bicudo em sua dissertação, também tenha colaborado para o afastamento com Pierson, visto que ele pouco mudou sua defesa sobre a não-existência do preconceito racial no Brasil ao longo dos anos (GOMES, 2013; GUIMARÃES, 2009). Importante dizer que essas duas hipóteses podem coexistir.

2.3.2. Disciplinas cursadas por Virgínia Bicudo durante o mestrado

Após entender como funcionava a ELSP e suas concepções sobre ensino e pesquisa, vamos analisar propriamente as disciplinas cursadas por Bicudo em seu mestrado. De acordo com documento datado de 18 de maio de 1944 (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1944b), Bicudo cursou as seguintes matérias: Princípios de antropologia social; Estudos da Sociedade; Métodos das ciências sociais; Negro no Brasil; Introdução à antropologia social; Raça e cultura; Etnologia brasileira; Assimilação e Aculturação¹². A partir do cotejo do boletim com os anuários disponíveis¹³ da ELSP (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1942, 1943) é possível depreender que ela cursou as disciplinas respectivamente com os seguintes professores: A. R. Radcliffe Brown; Donald Pierson; Donald Pierson; Donald Pierson; Antonio Rubbo Muller; Donald Pierson; Herbert Baldus;

¹² No ano de 1942 essa disciplina se encontrava no anuário como *Assimilação e Aculturação entre os Imigrantes Alemães e Japoneses no Brasil Meridional*.

¹³ Os anuários disponíveis são relativos aos seguintes anos: 1940, 1942, 1943, 1944, 1945. As ementas das disciplinas foram encontradas nos anuários de 1942 e 1943.

Emílio Willems. Desses cinco professores, quatro eram estrangeiros, fato que ajuda a mostrar a relevância dos docentes de fora do Brasil na Escola.

No total de oito disciplinas cursadas por Virgínia Bicudo em seu mestrado, metade delas teve Pierson como professor. Essa informação indica o fato de que Pierson foi um personagem importante em relação aos autores e teorias que a socióloga teve acesso em sua pesquisa de mestrado. Nesse sentido, o sociólogo estadunidense foi um importante mediador desses conteúdos acadêmicos para Bicudo. Em relação às oito disciplinas cursadas por ela, tivemos acesso a seis ementas por meios dos anuários da ELSP¹⁴. Elas serão analisadas abaixo, com exceção da disciplina *Raça e Cultura*, cujas conferências proferidas por Pierson foram analisadas anteriormente no capítulo, e da disciplina *O negro no Brasil*, que será analisada no capítulo 2.

2.3.2.1. O estudo da sociedade

Esse curso ministrado por Donald Pierson está norteado no ensino dos fundamentos da Sociologia, com questões epistemológicas – como a distinção entre *coisas* e *ideias* – e também sobre a pesquisa sociológica, por exemplo a diferenciação entre uma pesquisa social *formal* e a *informal*, em que a primeira é realizada de acordo com o método científico. Abaixo um quadro dos pontos estudados na disciplina:

Tabela 3: Pontos do programa da disciplina O estudo da sociedade

Sobre a vida humana, três espécies de problemas podem ser propostas
Concepções fundamentais comuns a todas as ciências
Que é a Sociologia?
Distinção entre Sociologia e [exercícios como a Filosofia Social ou a Ética social]
Distinção entre Sociologia e [ciências como a Antropologia e a História]
Estágios do desenvolvimento da Sociologia
Pesquisa social

Fonte: Elaboração própria.

Esse exercício que Pierson realizava durante o contexto de institucionalização da Sociologia no Brasil entre as décadas de 1930 e 1940 – tentando distinguir a Sociologia de

¹⁴ A disciplina *Métodos das ciências sociais* e *Raça e cultura* não possui ementas disponíveis nos anuários analisados. No Anuário de 1944 há apenas uma descrição da disciplina *Raça e cultura*

outras ciências, ou de iniciativas que não fossem genuinamente científicas – tem origem no seu esforço de afirmá-la enquanto uma ciência legítima com parentesco nas ciências naturais. Esse projeto de Pierson era sintetizado no lema *For the establishment of the social disciplines as sciences*, como esse esforço de demarcação da Sociologia (MAIO; LOPES, 2015).

Vamos nos deter nesta questão sobre a pesquisa social, em que Pierson afirma que as experiências informais de pesquisa sempre são guiadas por uma teoria, seja ela implícita ou explícita; no entanto, não é formulada como hipótese nem está sujeita a *testing*. A pesquisa social *formal* debruça-se sobre problemas sociais, que por sua vez sempre se revelam como problemas de vida grupal. Todos os agrupamentos sociais desdobram-se ou em grupos fundamentais, de língua (raciais), por exemplo; ou em grupos que surgem historicamente pela imposição de um grupo fundamental sobre outro, como as classes e as castas.

Sobre a bibliografia para a disciplina há uma divisão feita por Pierson entre as obras indispensáveis e suplementares. Por ora iremos comentar alguns autores que o sociólogo considerava indispensáveis. Robert Park aparece com duas obras: a primeira em coautoria com Ernest Burgess, chamada *Introduction to the Science of Sociology* apelidada de *Bíblia verde*, por sua grande importância na época (VALLADARES, 2010); a segunda como editor da *An outline of the principles of sociology*.

Os autores Florian Znaniecki e William I. Thomas marcam presença com *The polish peasant in Europe and America*, considerado uma obra clássica sobre estudos de assimilação social de imigrantes poloneses produzida no âmbito da Universidade de Chicago. Segundo Cotrim (2016), o pioneirismo dessa obra em cinco volumes é o uso das histórias de vida desses imigrantes como metodologia para a pesquisa, por meio dos documentos pessoais.

Por tratar dos fundamentos teóricos e epistemológicos da Sociologia, podemos inferir que essa foi uma disciplina que trouxe subsídios para Virgínia Bicudo executar sua pesquisa acerca de atitudes raciais. Um dos pontos discutidos por Pierson nessa disciplina é a diferença entre pesquisas sociais *informais* e *formais*. Poderíamos pensar a atuação do movimento negro dos anos 1930 na cidade de São Paulo – como a organização que foi objeto da análise de Bicudo em sua dissertação – como uma forma de pesquisa social informal, pois eles buscavam atuar politicamente para organizar as pessoas negras em torno do combate ao *preconceito de cor*, cuja existência eles denunciavam. Essa denúncia realizada no âmbito político passaria a ser corroborada de modo científico a partir da pesquisa sobre atitudes raciais realizada por Virgínia Bicudo: nos termos de Pierson, o que antes era defendido com

base apenas em uma pesquisa social *informal*, se tornava referendada por uma pesquisa *formal*.

2.3.2.2. Introdução à antropologia social

Disciplina ministrada por Antonio Rubbio Muller com vistas a um estudo panorâmico da antropologia. Os pontos de discussão na ementa dos cursos são os seguintes: *cultura; características do indivíduo; antropologia social comparativa; contato étnico; intercursos mundial*. Em relação ao ponto de contato étnico, há os subitens *simbiose, substituição, mudanças sociais, assimilação, enquistamento*¹⁵, *outros fenômenos de contato*.

Nos autores estudados na disciplina parecia haver uma prevalência da tradição britânica, com nomes como Bronislaw Malinowski, A. R. Radcliffe-Brown, Raymond Firth e E. E. Evans-Pritchard. A ELSP encontra-se representada pela obra de Herbert Baldus e Emilio Willems chamada *Dicionário de Etnologia e Sociologia*. A bibliografia é composta quase totalmente por intelectuais estrangeiros. Essa disciplina está um pouco afastada do escopo de pesquisa que depois foi ambicionado por Virgínia Bicudo em seu mestrado, visto que vários desses autores abordados realizavam pesquisas etnográficas em sociedades marcadas e oprimidas pelo colonialismo europeu, um *Outro* que se encontra distante. Enquanto isso, Virgínia Bicudo realizou uma pesquisa circunscrita a um grande centro urbano, a cidade de São Paulo, em que seu objeto de estudo não apenas era bastante próximo – os pretos e mulatos citadinos –, como ela fazia parte desse objeto por ser também uma mulher negra.

2.3.2.3. Assimilação e aculturação entre os imigrantes alemães e japoneses no Brasil meridional

A disciplina ministrada por Emilio Willems debruçou-se sobre a assimilação e aculturação dos imigrantes alemães na região de Itajaí-Mirim em Santa Catarina e também dos imigrantes japoneses no Rio da Ribeira em São Paulo. Nos casos desses dois grupos de imigrantes procurou-se realizar uma análise em relação ao que Willems chamou de *cultura*

¹⁵ Condição na qual há forte isolamento de um grupo racial ou cultural em relação à sociedade ao redor.

material: elementos típicos do cotidiano como habitação, vestuário e alimentação. A disciplina também trata sobre condições especiais de assimilação desses grupos.

No tocante à bibliografia, o próprio Emilio Willems possui uma presença razoável, com o livro *Assimilação e populações marginais no Brasil*, seis artigos em português – um deles escritos junto com Herbert Baldus – e um publicado em francês. Willems e Baldus eram também professores da ELSP, o primeiro pesquisava sobre grupos imigrantes no Brasil, como os alemães, enquanto Baldus era especialista em etnologia indígena. Também há na bibliografia um escrito de Melville Herskovits em uma enciclopédia de ciências sociais sobre aculturação. Herskovits foi um dos antropólogos a fazer sua pesquisa de campo em Salvador sobre as relações entre negros e brancos na cidade, em um período posterior à pesquisa de Pierson. Inclusive ele protagonizou uma polêmica com E. Franklin Frazier sobre a permanência ou não dos elementos culturais africanos, em que ele defendia essa permanência, enquanto Frazier acreditava que tais elementos, como o Candomblé, por exemplo, continuavam na cultura baiana apenas como folclore (VALLADARES, 2010). Apesar de tratar sobre a assimilação e a aculturação de grupos imigrantes alemães e japoneses, a temática da disciplina também se aproxima da pesquisa empreendida por Bicudo no seu mestrado, pois uma das temáticas que ela tangencia é a questão da assimilação dos pretos e mulatos na sociedade paulistana.

2.3.2.4. Princípios da antropologia social

Disciplina ministrada por A. R. Radcliffe-Brown, importante antropólogo britânico que atuou como professor visitante na ELSP, cujos pontos de discussão da bibliografia são *Morfologia social*, *fisiologia social* e *a mudança social*. Nessa disciplina, mais voltada para a antropologia, também houve uma preferência pela tradição britânica, mas também estão incluídos autores estadunidenses – como Talcott Parsons e Margareth Mead. Também há autores franceses, como Emile Durkheim. Assim como em *Introdução à antropologia social*, essa disciplina parece estar fora do enquadramento que Virgínia Bicudo daria na sua pesquisa, por ela não ter optado por realizar sua investigação aos moldes da antropologia mais clássica, visto que ela não produziu uma etnografia conforme a tradição britânica.

2.3.2.5. Etnologia brasileira

Disciplina idealizada por Herbert Baldus, que realiza um panorama histórico da dinâmica entre os povos indígenas e a sociedade envolvente, desde o início da colonização portuguesa até aquele momento. Um dos autores presentes na bibliografia é Franz Boas, com o livro *Race, language, and Culture*. O estadunidense Melville Herskovits também está indicado na mesma com o livro *Acculturation: the study of culture contact*. Com exceção desses dois materiais, na bibliografia não há outros autores que tratem sobre as relações raciais entre negros e brancos. Essa disciplina também estava um pouco distante da pesquisa de mestrado que Virgínia Bicudo iria realizar, por estar focada no estudo dos povos indígenas no Brasil. No entanto, essa informação ajuda a reforçar que o quadro de temas de pesquisa na ELSP era diverso, não se restringindo ao estudo das relações raciais entre negros e brancos.

Como vimos anteriormente nas dissertações defendidas na Escola até 1950, os estudos de etnologia tinham certo peso na instituição. Tendo em vista que, a despeito da importância de Donald Pierson na ELSP durante aquele período, a questão racial não era o único tema de pesquisa por parte de estudantes e professores da instituição. Podemos perceber que a decisão de Bicudo por realizar seu estudo sobre atitudes raciais não se configura em uma trajetória inevitável. Pelo contrário, essa decisão parte de sua trajetória pessoal e profissional, entrelaçada a uma abertura institucional para esse tema de estudo na Escola, especialmente na figura de Donald Pierson.

2.3.2.6. Psicanálise e Higiene Mental

Em relação às disciplinas apresentadas até agora, esta se trata um caso diferente, pois Virgínia Bicudo atuou como docente e não na condição de aluna. A disciplina foi ministrada por Durval Marcondes e teve Bicudo como professora assistente¹⁶, que ocupou essa posição entre 1940 e 1946 (FUNDAÇÃO ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO, [s.d.]), constatado nos anuários consultados da ELSP de 1940, 1942, 1943, 1944 e 1945. A ementa da disciplina é o seguinte:

¹⁶ A referência para a análise da disciplina foi a ementa disponível no anuário de 1942 da ELSP.

Este curso tem por fim estudar as questões referentes à patologia e à higiene das relações inter-humanas e sua significação social. Constará de uma exposição dos conhecimentos psicanalíticos, especialmente no que eles podem contribuir para a compreensão dos fenômenos sociais, assim como do estudo dos métodos à disposição da ciência no sentido de melhorar as condições de ajustamento psíquico individual (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1942, p. 70).

Destaco o trecho acima a respeito da contribuição da Psicanálise para a compreensão dos fenômenos sociais, o que mostra que Durval Marcondes e Virgínia Bicudo não consideravam que a Psicanálise deveria ser pensada para benefício apenas do indivíduo de modo isolado da coletividade. Essa posição abre margem para o diálogo da Psicanálise com uma ciência como a Sociologia. Em relação ao programa da disciplina, podemos fazer a seguinte divisão do quadro abaixo: os pontos 1 ao 7 tratam de uma parte introdutória sobre essa área do conhecimento; entre os pontos 8 a 11 está a segunda parte, que trata sobre a aplicação da Psicanálise nas diferentes áreas do conhecimento; entre os pontos 12 e 16 está a terceira parte do programa, reservada ao estudo da *Higiene Mental*. De acordo com esse programa, a Psicanálise deveria ter diálogo com outras áreas do conhecimento, ao invés de se manter voltada apenas para si mesma. Essa postura de Marcondes e Bicudo parece estar alinhada à identidade multidisciplinar da ELSP e aponta novamente para a interação entre Sociologia e Psicanálise que Bicudo mobilizaria na sua dissertação.

Tabela 4: Programa da disciplina Higiene Mental e Psicanálise

1	Introdução. Considerações gerais sobre a função do aparelho psíquico e seus distúrbios. Conceito de anormalidade psíquica.
2	Evolução histórica da luta contra os distúrbios psíquicos. Origens e desenvolvimento da psicoterapia.
3	Criação da técnica psicanalítica. Reconhecimento da importância do inconsciente na vida psíquica individual.
4	Mecanismos do inconsciente. Estudo psicanalítico dos sonhos. Simbologia

5	Psicanálise dos instintos. Evolução psico-sexual.
6	Organização estrutural do aparelho psíquico: ego, id e super-ego.
7	Noções sobre a ação da Psicanálise no indivíduo. Estudo da transferência.
8	Contribuição da Psicanálise à antropologia social
9	Contribuição da Psicanálise à educação
10	Contribuição da Psicanálise à criminologia
11	Contribuição da Psicanálise ao estudo da arte e da literatura.
12	Orientação moderna da psiquiatria e da assistência psiquiátrica. Origem e evolução do movimento da Higiene Mental.
13	Profilaxia dos fatores psicopatogênicos. Herança e ambiente. Medidas eugênicas e suas limitações práticas.
14	Profilaxia dos fatores psicopatogênicos. Condições biológicas. Condições sociais e culturais.
15	Importância do período infantil do desenvolvimento individual na gênese das psicopatias. Significação das relações entre os pais e a criança. Distúrbios da constelação familiar.
16	Higiene Mental da criança. Clínica de orientação infantil; sua importância e linhas gerais de sua organização.

Fonte: Elaboração própria.

A experiência de Virgínia Bicudo como professora assistente da disciplina junto à Durval Marcondes, aquele que a iniciou no mundo da Psicanálise, reforça que ela estava aprofundando seu conhecimento teórico nessa área profissional. Inclusive seu período como professora assistente de Marcondes se deu ao mesmo tempo em que cursava o seu mestrado na ELSP. Esse dado mostra que em Virgínia Bicudo os mundos da Psicanálise e da Sociologia estavam na verdade bem próximos um do outro.

Em resumo, percebemos que o itinerário de Virgínia Bicudo na ELSP, em que pese a centralidade das disciplinas de seu orientador Donald Pierson em sua formação, foi marcado por uma pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas no interior das ciências sociais, bem como pelo cruzamento com outras disciplinas, em especial a Psicanálise. Ainda, constatamos como a temática da questão racial no Brasil estava longe de orientar o conjunto das matérias e das dissertações defendidas na instituição – aliás, vários de seus colegas defenderam pesquisas em temas ligados à etnologia indígena. No entanto, o tema das relações raciais, caro à Sociologia de Chicago e à agenda de pesquisa de Pierson, não era nada marginal nas discussões promovidas pela ELSP, como a análise da revista *Sociologia*, promovida pela instituição, nos indica.

2.4. ARTIGOS SOBRE QUESTÃO RACIAL NA REVISTA SOCIOLOGIA

Após a análise das disciplinas cursadas por Virgínia Bicudo, também faremos considerações acerca de alguns artigos publicados sobre questão racial na Revista *Sociologia* entre 1939 e 1945, respectivamente o ano de fundação da revista e ano em que Bicudo defendeu sua dissertação. Isso de modo a sedimentar mais um nível de análise sobre o contexto intelectual que estava disponível para a socióloga durante sua pesquisa de mestrado. Considerando que a *Sociologia* era uma revista vinculada à ELSP, podemos considerar que os artigos publicados nela fossem de fácil acesso à Bicudo, enquanto aluna da Divisão de Estudos Pós-Graduados.

O primeiro artigo, publicado em 1940, se chama *Inquérito sobre a posição social do negro em três municípios paulistas* e foi feito de forma coletiva pela Escola Normal de Pirassununga (1940). Tratou-se de uma pesquisa nas cidades de Pirassununga, Santa Rita e

Descalvado, onde primeiro há considerações sobre a presença do negro em locais de sociabilidade em cada cidade, como clubes ou escolas, se eles estão presentes ou não nesses locais majoritariamente brancos e as razões para esse fato ocorrer. Depois é mostrado um total de sete perguntas feitas a pessoas brancas em cada uma das três cidades, para “verificação do valor e posição social do negro” (ESCOLA NORMAL DE PIRASSUNUNGA, 1940, p. 70). As perguntas se referem a: aceitar pessoas de cor como membros da família; aceitar pessoas de cor como inquilinos ou companheiros de quarto; aceitar pessoas de cor como empregados em funções de confiança; confiar a educação do filho a um professor negro; confiar uma causa na justiça a um advogado negro; aceitar o atendimento de um médico negro para uma doença grave, operação ou parto; aceitar receber ordens de um superior negro no trabalho.

Essa pesquisa utilizou-se de uma metodologia quantitativa, que tratou de colher as percepções de pessoas brancas sobre os negros separadamente nas três cidades. A pesquisa realizada por Virgínia Bicudo no mestrado afasta-se bastante desta pelos seguintes motivos: por ser realizada na capital paulista, enquanto esta é feita em cidades do interior do estado; por fazer uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas, enquanto esta aplicou questionários; por se focar em capturar as atitudes raciais de pessoas pretas e mulatas, enquanto esta pesquisa busca a percepção de pessoas brancas para entender a posição social do negro.

Avançando para 1941, foi publicado por Donald Pierson (1941a) o artigo *Um "sistema de referência" para o estudo dos contatos raciais e culturais* na estreia da Seção *Notas sociológicas*. Pierson traz os seguintes conceitos que considera importantes para a formação de um sistema de referência para estudar as mudanças culturais: cultura *folk* x civilização, isolamento x contato, contatos primários x contatos secundários e os tipos de interação entre diferentes grupos humanos – competição, conflito, acomodação e assimilação. Ele considera que esse conjunto de conceitos pode auxiliar na análise dos contatos entre as culturas indígena, africana e portuguesa.

Pierson considerava que existia um gradiente formado por todas as culturas, no qual em uma ponta estaria o folk e na outra a *civilização*. A cultura de folk é relacionada aos povos *primitivos* – na percepção de Pierson –, mais rurais e isolados, cuja sociedade é mais homogênea; enquanto a *civilização* é feita por sociedades urbanizadas, mais heterogêneas e marcadas pela secularização, cujo ápice é a metrópole moderna. Enquanto a cultura folk seria objeto de estudo do antropólogo, a *civilização* seria o objeto do sociólogo. Sobre isolamento e

contato, Pierson aponta que o primeiro é característico da cultura folk, enquanto o segundo é característico da *civilização*.

Sobre os contatos primários e contatos secundários, Pierson define esses dois conceitos da seguinte forma: o primeiro é regido pela proximidade e intimidade, que normalmente ocorrem na família, e nos locais isolados, onde existe uma identificação quase completa entre as pessoas; o segundo, por sua vez, é regido pela impessoalidade, afastamento entre as pessoas e seu caráter instrumental, tendo a cidade grande como o seu local por excelência.

Passemos, então, ao que Pierson chama de *tipos de interação social* entre os grupos culturais – que na verdade trata-se da teoria do *ciclo de relações raciais* formulada por Robert Park –, que seriam a competição, conflito, acomodação e assimilação. Por competição entende-se uma disputa latente e inconsciente entre esses grupos. O conflito ocorre quando essa disputa se torna aberta e consciente, decorrente de um agravamento da competição. Segundo Pierson, a característica principal do conflito é a luta por *status* “por uma posição que corresponda à concepção que o indivíduo ou o grupo tem do seu ‘papel social’” (PIERSON, 1941a, p. 13).

Na acomodação, o indivíduo ou grupo modifica-se apenas exteriormente, para se adaptar à cultura ao redor, mas mantendo a ligação com sua cultura original. Pierson aponta que a acomodação entre diferentes grupos culturais pode acontecer por meio de fenômenos como segregação, escravidão, raça e classe. Isso significa que a acomodação não pressupõe uma resolução benéfica para os grupos em disputa. Se pensarmos que essa teoria foi formulada por Park para pensar nos processos de interações sociais gerados pelo colonialismo europeu, é coerente concluir sobre uma acomodação baseada na opressão de um grupo racial ou cultural sobre outro. Já na assimilação, a modificação ocorre no interior do indivíduo ou grupo, em que este assume atitudes, sentimentos, memórias e pensamentos comuns à cultura dominante. Apesar de acomodação e assimilação serem fenômenos diferentes, o primeiro seria um passo para a ocorrência do segundo, sendo a assimilação realizada pelo mecanismo da imitação não-intencional da conduta de outras pessoas ao redor. Na visão de Pierson, esse processo de assimilação não pode ocorrer à força, pelo fato de acontecer inconscientemente.

Pierson propõe esse *sistema de referência* para o estudo de contatos raciais e culturais – no início do artigo ele explicita que o mesmo pode auxiliar no estudo de contatos entre as culturas indígena, africana e portuguesa – podemos considerar que Virgínia Bicudo tinha conhecimento desses conceitos apresentados no artigo. Concluimos isso pelo fato dela ter sido

orientada por Pierson e por ter cursado quatro disciplinas ministradas por ele durante o mestrado. Além disso, Bicudo utiliza o conceito de *contatos primários* e encontramos ecos do *ciclo de relações raciais* em sua pesquisa. No segundo caso, mesmo sem utilizar esse arcabouço teórico de forma explícita, entendemos que a socióloga indica em sua pesquisa que a assimilação de pretos e mulatos em São Paulo não aconteceria nos termos defendidos por Pierson. Em especial pelo material empírico mostrar que as tensões raciais estavam muito presentes, ainda que, de maneira geral, Bicudo mostre que pretos e mulatos absorveram fortemente os conceitos dos brancos, inclusive sobre si mesmos.

No mesmo ano foi publicado o artigo de Donald Pierson (1941b) *O negro na Bahia*, publicado originalmente em 1939, no mesmo ano de sua defesa de doutorado em Chicago, sendo esse o primeiro artigo escrito por ele como pesquisador (SILVA, 2012). Nesse artigo, realiza uma síntese da sua tese. Pierson relata o pano de fundo de sua pesquisa, colocando-a como um caso específico de estudo das circunstâncias e condições em que a migração e a fixação ocorreram no Brasil, além das consequências culturais em especial para o contingente de africanos e seus descendentes. Além de adiantar algumas conclusões de sua pesquisa, Pierson também trouxe um apanhado de informações geográficas sobre a capital baiana, fez um panorama histórico de Salvador e do Brasil durante o período da escravidão e, por fim, teceu comentários sobre a distribuição de negros e mestiços na estrutura de classes de Salvador.

A primeira versão da tese de Pierson foi publicada no Brasil em 1945, então podemos dizer que essa foi a primeira vez que Virgínia Bicudo poderia ter tido acesso em português a versão inicial de uma das referências das mais relevantes para sua dissertação – uma vez que esse artigo ele sumariza os primeiros resultados de *Negroes in Brazil*. Nele, já fica nítida a ênfase de Pierson na dimensão histórica para análise da *situação racial* em Salvador, distinguindo-se do estudo de caráter mais sincrônico feito por Virgínia Bicudo.

Ainda em 1941, foi publicado na revista o artigo de Emory Bogardus (1941) chamado *Encravamento racial*, em que ele fala brevemente de alguns casos desse fenômeno: os franceses na região da Nova Escócia, os Quechuas no Peru oriental e meridional e os indígenas na Guatemala. Para Bogardus, esse conceito significa que uma raça está envolvida por uma população de origem e culturas diferentes e até opostas. Ao analisar essas três *situações raciais* o sociólogo encontra cinco características em comum: 1^a) o encravamento é um conjunto de características culturais mantidas pelo sentimento de lealdade ao passado; 2^a) ele permanece por conta de reações defensivas contra elementos culturais que parecem

estrangeiros e perigosos, sendo também contra a dominação política e econômica dos *forasteiros*; 3ª) é alimentado pela hostilidade e autodeclarada superioridade por parte desses forasteiros; 4ª) essa condição pode ser estimulada pela sociedade ao redor, para evitar que sua posição de privilégio seja ameaçada; 5ª) o encravamento continua pela incapacidade mútua de se perceber as vantagens de uma unidade cultural entre o grupo encravado e o grupo ao redor.

Esse é mais um texto que trata da agenda de pesquisa em Chicago sobre contatos raciais e culturais em diferentes locais do mundo, mostrando casos da América do Norte, Central e do Sul. Nesse caso, se trata de grupos raciais e culturais que não se deixam ser assimilados pelos respectivos grupos dominantes ao redor. Tal agenda de pesquisa está presente na dissertação de Virgínia Bicudo, ainda que não exatamente na mesma forma colocada por Bogardus. Dizemos isso pois a pesquisa de Bicudo trata dos contatos raciais entre descendentes de africanos e brancos em um contexto urbano. Por conta disso, não havia nessa situação um afastamento na língua e nos modos de vida entre esses grupos raciais, ao contrário, havia constantes interações.

Em 1941 também foi publicado o artigo *Recreação e assimilação*, escrito por Emilio Willems (1941), onde ele analisa brevemente os hábitos recreativos dos grupos de imigrantes alemães e japoneses no Brasil, tema que integra a agenda de pesquisas sobre contatos raciais e culturais na ELSP. Entre os teuto-brasileiros conservava-se o jogo de boliche, o tiro ao alvo, a ginástica com aparelhos e o canto orfeônico como formas de recreação; entre os nipo-brasileiros o *baseball* foi um esporte bastante popular trazido do seu país de origem. Ao falar sobre o caso dos teuto-brasileiros, Willems aponta que para analisar a assimilação de uma etnia é necessário fazer um *cômputo geral* dos traços culturais perdidos, conservados, alterados e aceitos em todas as esferas da cultura material e não-material, ou seja, o processo de assimilação deve ser analisado de forma totalizante.

Assim como no caso do artigo de Bogardus sobre *encravamento racial*, a investigação de Willems diferencia-se da pesquisa realizada por Bicudo cujo campo da pesquisa foi uma metrópole em que os pretos e mulatos compartilhavam os modos de vida dos brancos. Enquanto isso, entre os grupos de imigrantes investigados por Willems existia uma diferenciação cultural em torno da população nativa, isto é, brasileiros.

Indo para 1943, Donald Pierson publicou os artigos *Competição e conflito* e *Acomodação e Assimilação*, para investigar essas quatro formas de interação social (PIERSON, 1943a, 1943b). No primeiro artigo uma das distinções entre competição e conflito é que a primeira é marcada pela disputa de *coisas concretas* – empregos, por exemplo –

enquanto que o segundo se constitui pela luta por *status*. Pierson, neste artigo, conceitua *status* como o resultante do conflito, de um lado, entre a natureza humana e os desejos fundamentais de uma pessoa, e do outro, a posição social em que essa se encontra.

Ao tratar de competição e conflito entre grupos raciais, Pierson afirma não haver tipo algum de aversão inata entre raças diferentes, sendo essa suposta aversão usada como justificativa para episódios de exclusão e violência entre tais grupos. Para haver preconceito seria necessário uma competição econômica entre dois grupos e a presença de marcas raciais que identifiquem o grupo competidor. No entanto, para Pierson o preconceito surge apenas quando o grupo que sofre competição sente que seu *status* está sob ameaça. A partir disso, Pierson conclui que no caso brasileiro não haveria preconceito racial, pois a libertação do negro teria sido gradativa, sem gerar medo ou ódio dos brancos e sem fazer com que eles se sentissem de alguma forma ameaçados; pelo contrário, essas relações entre brancos e negros seriam próximas e íntimas. Seria o oposto do caso estadunidense, em que no Sul do país o fim da escravidão ocorreu por meio de uma ruptura, passando por uma Guerra Civil e pela *Reconstrução* imposta pelos vencedores. Dentro de todo esse contexto os brancos estadunidenses teriam passado a se sentir ameaçados pelos negros.

Em continuação a esse artigo, Pierson (1943b) publica um segundo texto sobre acomodação e assimilação, no qual coloca que o conflito pode ter como desfecho um desses dois estados. Pierson diferencia a acomodação e a assimilação como uma modificação externa e uma modificação interna do indivíduo, respectivamente. Essa definição pressupõe que há uma escala de aprofundamento de absorção de características, atitudes e sentimentos de um grupo social por outro. A acomodação significa que os grupos em disputa encontraram um *modus vivendi*, o que permite uma vida mais estável. Nesse estado, o conflito diminui, enquanto que na assimilação o conflito desaparece.

Para que o “abrasileiramento” de imigrantes estrangeiros acontecesse, Pierson elencou algumas condições: existência de relações de proximidade do imigrante com os indivíduos do novo país onde habita; ausência de barreira física, como a cor, que esteja ligado à atitudes de preconceito; haver uma língua compartilhada entre os imigrantes e o grupo envolvente; e por fim, que tenha prestígio os padrões culturais do novo país aos olhos do imigrante. O sociólogo também considera que esse é um processo de fusão entre duas culturas, não de substituição de uma cultura por outra: ele dá o exemplo do caso baiano, em que os negros transfeririam sua identificação dos orixás para os santos católicos. Enfim, ele afirma que o indivíduo poderia ser assimilado sem se dar conta, ainda que fosse contrário e resistisse a essa assimilação.

Como já foi dito, Virgínia Bicudo não chega a utilizar de modo ostensivo na sua dissertação a teoria do *ciclo de relações raciais*, explorada por Pierson nesses dois artigos. No entanto, na sua pesquisa sobre atitudes raciais ela está informada sobre essa perspectiva, ainda que de modo subjacente. Entendemos isso pois a pesquisa mostra as relações ambivalentes de proximidade e tensão existente entre os descendentes de africanos e os brancos, com o escopo da pesquisa nas atitudes ligadas à raça dos pretos e mulatos. Também percebemos que essa perspectiva permeia seu trabalho, uma vez que a socióloga trabalha com muita ênfase a absorção das opiniões e conceitos do branco, por parte de pretos e mulatos, mesmo que isso signifique concordar com uma visão depreciativa sobre o próprio grupo. Esse processo em que o preto e o mulato, com matizes diferentes, passam a *pensar como o branco* corresponderia ao *ajustamento interno* concernente à assimilação, nos termos de Pierson. Um fato que corrobora para essa perspectiva teórica de seu orientador estar presente de modo mais sutil na pesquisa de Bicudo é devido à pouca ênfase na dimensão histórica - algo marcante na tese do Pierson. Isto é, seria mais difícil explorar as quatro fases do *ciclo de relações raciais* na pesquisa de Bicudo.

Também em 1943 foi publicado o artigo *Congadas e batuques em Sorocaba*, escrito por Florestan Fernandes (1943). No texto ele faz uma análise desses dois tipos de celebrações realizadas pela comunidade negra da cidade, discorrendo sobre os personagens presentes nessas festas, a sua organização entre os participantes, e o passo a passo realizado durante a festa. Esse breve estudo é diferente da pesquisa executada por Bicudo, pois se debruça sobre festas tradicionais dos negros feitas em uma cidade de interior, como um estudo folclorista, tendo uma orientação metodológica mais próxima da etnografia, ao menos na sua forma mais clássica. Enquanto isso, a pesquisa da socióloga é realizada na capital paulista, em um contexto de urbanização e modernização da cidade, para investigar atitudes ligadas à raça de pretos e mulatos por meio de entrevistas, guardando semelhanças com pesquisas realizadas pela Escola de Chicago. Nesse sentido, o estudo feito por Florestan Fernandes é útil para percebermos como não havia apenas um modo único de realizar pesquisas sobre a *questão do negro* naquele período.

Em 1945 Pierson (1945b) publica o artigo *O estudo de contato racial*, no qual começa afirmando que os estudos de contato racial estão aumentando em relevância, pelo fato dos grupos raciais passarem a estar cada vez mais em contato naquela época e, em consequência disso, os problemas raciais tornaram-se cada vez mais agudos. No artigo Pierson define *consciência de raça* quando um grupo racial se torna consciente de si próprio em contraste

com outro, defendendo que só pode haver uma situação racial onde há *consciência de raça*. Ele considera que essa consciência é suscitada pelo conflito entre grupos raciais. Importante dizer que a conceituação do sociólogo para *consciência de raça* significa a identificação como parte de uma raça, sem implicar necessariamente em um entendimento crítico do preconceito racial ou que o indivíduo que sofre o racismo passaria a combatê-lo. Assim sendo, no caso de pessoas pretas e mulatas em São Paulo, como mostrado na pesquisa de Bicudo: adquirir *consciência de raça* não implica automaticamente em uma adesão ao movimento negro; pelo contrário, esses pretos e mulatos com consciência de raça podem, inclusive, reproduzir visões racistas forjadas pelo branco. Esse conceito será um dos mais importantes para a dissertação da socióloga pois ela demonstra, ampliando e aprofundando essa questão em sua pesquisa, que os pretos e mulatos em São Paulo desenvolvem consciência de sua própria raça ao sofrer rejeição do branco, em especial ao ascender socialmente.

Pierson também alerta para o fato de que nenhum grupo racial se comporta de forma homogênea, isto é, vai haver diferentes condutas em respostas ao mesmo contato racial. Por isso, ele afirma que é importante investigar como a estrutura interna de um grupo se altera com o contato racial. Essa diferenciação interna também é encontrada na pesquisa de Virgínia Bicudo, pois entre os descendentes de africanos entrevistados havia diferentes reações ao contato conflituoso com o branco: sua defesa em preterimento dos negros, indiferença e postura combativa ao *preconceito de cor*.

Outra questão que Pierson (1945b) levanta é a miscigenação como um fenômeno que precisa ser considerado em todos os casos de contato racial e investigado em suas particularidades. Virgínia Bicudo dá grande destaque para a questão da miscigenação em sua pesquisa, visto que separa seus entrevistados entre pretos e mulatos e identifica diferenças nas atitudes raciais entre esses dois grupos. Esse artigo traz alguns pontos que Pierson considerava importante que estivessem presentes em estudos de contato racial e podemos ver como Bicudo estava alinhada com as expectativas de seu orientador, ao menos nas temáticas e, em parte, no marco teórico-metodológico a ser empregado na pesquisa.

Em 1945 também foi publicado o artigo *A assimilação dos judeus*, por Emilio Willems (1945). Ele diferencia a miscigenação de assimilação, em que o primeiro conceito remete a um processo biológico, enquanto o segundo se refere a um processo social. O sociólogo admite ainda que a miscigenação pode facilitar a assimilação, mas não é um elemento imprescindível, pois pode existir assimilação sem nenhuma união interracial. Ainda, segundo

Willems, a assimilação refere-se à erradicação de hábitos e atitudes – que são traços adquiridos da vida social – e sua substituição por novos.

Willems afirma que é absurdo defender que certos grupos humanos sejam inassimiláveis – ideia propagada pelos antissemitas contra os judeus –, e que a tentativa de justificar essa suposta característica biologicamente é uma forma de racismo. Willems reforça que também congrega da agenda de pesquisas sobre contatos raciais e culturais, reforçando o fato que a mesma era abraçada pela ELSP. Mesmo que a análise do sociólogo se refira aos judeus, grupo diferente daquele pesquisado por Virgínia Bicudo em sua dissertação, fica marcada a importância dessa temática para a instituição, conseqüentemente, na sua formação sociológica. Lembremos que Bicudo cursou durante o mestrado a disciplina *Assimilação e aculturação entre os imigrantes alemães e japoneses no Brasil meridional*, ministrada por Willems.

Por fim, em 1945, Pierson (1945a) publica o artigo *Raça e organização social*. Para o sociólogo estadunidense a sociedade pode ser organizada de três modos. Por meio da casta, que é um grupo fechado e hereditário, na qual casamentos são restritos ao próprio grupo, não há ascensão para outra camada social e seus membros devem seguir as mesmas ocupações de seus antepassados. Já na sociedade organizada em classes há possibilidade de passar de uma classe para outra, conforme presença de certas características e realizações individuais, isto é, a posição social não seria rígida e imutável (ao menos no plano teórico). Na sociedade com minorias raciais ou nacionais, haveria uma combinação das características de sociedades de classes e de castas. Uma minoria racial está em livre associação, mas não é aceita pela maioria racial; e também a ascensão de um indivíduo da minoria racial é reconhecida apenas dentro de seu próprio grupo, não pela sociedade mais ampla.

Na concepção de Pierson, a Índia seria um exemplo de sociedade organizada em castas, enquanto que os Estados Unidos seria o exemplo de sociedade com presença de minorias raciais, em que os negros formavam esse grupo minoritário. Já o Brasil seria uma *sociedade multirracial de classes*. Pierson deixou claro que o intuito de seu estudo na Bahia era integrar uma comparação com situações raciais analisadas em outros locais do mundo, como Índia, África do Sul, Havai e Estados Unidos. Numa sociedade de classes – categoria em que Pierson enquadrava o Brasil –, os indivíduos poderiam ascender por suas qualidades individuais, o que significaria que as distinções de raça tenderiam a ter cada vez menos importância e até passar despercebidas.

Outra questão é que o sociólogo defende que o papel social do mestiço é um importante índice de medição da situação racial: no caso da Bahia mostrou-se a tendência dos mestiços a serem incorporados ao grupo dominante e passarem a ser reconhecidos como brancos entre seus amigos e pessoas próximas, de acordo com Pierson. Relacionado a isso, o sociólogo também afirma que a existência do casamento interracial modifica de modo significativo o papel e a função do mestiço, pois as pessoas miscigenadas, que são fruto de relações matrimoniais interraciais, possuem maiores garantias por parte de seus progenitores, apontando que esse fenômeno ocorria na Bahia. Ele também considera que na Bahia os mestiços estariam em processo de assimilação pelos brancos. Por fim, Pierson traz o conceito de homem marginal, que designa o mestiço que é repellido pelo grupo social “superior”, ao mesmo tempo em que não quer manter ligação com o grupo “inferior”, o que implica no não-pertencimento do mestiço a nenhum desses grupos sociais.

Nesse artigo Pierson levanta uma série de temáticas sobre relações raciais que ele considerava importantes e Bicudo perpassa todas elas em sua dissertação: a ascensão social de pretos e mulatos; a investigação do mestiço como índice da situação racial e a situação de ambivalência desses mestiços entre os pretos e os brancos. Entretanto, sobre a concepção do Brasil como *sociedade multirracial de classes*, que Pierson defende, Virgínia Bicudo irá divergir dessa ideia.

Após percorrermos essas reflexões, agora vamos às conclusões deste primeiro capítulo. Nele, finalizamos esse primeiro esforço para aproximação do contexto intelectual de Virgínia Bicudo, em sua face mais alargada. Investigamos o campo de relações raciais na Sociologia dos Estados Unidos e a importância de Robert Park, além de entender que esse campo não estaria livre de disputas nem era unicamente branco, pois havia sociólogos e intelectuais negros e negras que de diferentes modos divergiam do paradigma dominante. Percebemos como a vinda de Pierson ao Brasil foi parte de um projeto sediado em Chicago voltado para pesquisas de campo internacionais, composto apenas por pesquisadores estadunidenses, atrelado à situação geopolítica dos Estados Unidos na época. Mostramos também como a ELSP tinha preocupação em dar um preparo teórico e de pesquisa empírica para seus alunos.

Sobre as disciplinas cursadas no mestrado, pudemos mostrar que Pierson teve uma centralidade nos estudos que Bicudo realizou, mas, ao mesmo tempo, ela teve acesso a diferentes temáticas de pesquisa e de perspectivas teórico-metodológicas. No caso da revista *Sociologia*, a heterogeneidade repetia-se, no entanto, ainda assim percebemos que Pierson foi

a referência fundamental para a realização da pesquisa de Bicudo. No próximo capítulo iremos abordar de modo mais restrito o contexto intelectual de Virgínia Bicudo, relativo aos textos e autores citados em sua dissertação ou que tiveram grande importância para suas formulações.

3. A CONSTRUÇÃO PRÓPRIA DE VIRGÍNIA BICUDO: DIÁLOGOS CRÍTICOS COM AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Após analisar no primeiro capítulo o contexto intelectual mais geral em que Virgínia Bicudo estava inserida durante sua formação na ELSP, nesse segundo capítulo iremos realizar uma análise de seu contexto intelectual mais restrito por meio da análise da obra de alguns nomes que foram importantes na produção de sua dissertação de mestrado. Ao nos debruçarmos sobre cada um desses autores, o objetivo não é fazer uma análise individual, mas entender como ela mobiliza-os em sua dissertação, reconstruindo de modo mais próximo o contexto intelectual no qual Virgínia Bicudo estava mergulhada.

Antes de entrarmos na discussão sobre os autores mobilizados por Virgínia Bicudo, apresentaremos uma primeira síntese do argumento geral da socióloga na dissertação. A partir dos dados que ela obteve sobre atitudes raciais de descendentes de africanos, a socióloga descobriu que tanto pretos como mulatos atribuíam a si mesmos diversas características negativas, como aparência física feia, se considerarem inferiores e também vergonha de sua origem racial. Isso acontecia por conta do processo de *identificação* com os brancos por meio dos contatos primários, em especial durante a infância. Além disso, ela conclui que à medida que se sobe da classe “inferior” para a intermediária, a *consciência de cor* de pretos e mulatos aumenta, junto com o esforço para compensar o sentimento de inferioridade.

Sobre a *Associação de Negros Brasileiros*, Virgínia Bicudo concluiu que se tratava de uma organização que buscava criar consciência de grupo na comunidade negra, para eliminar o sentimento de inferioridade que os assolavam e lutar contra as restrições racistas impostas pelo grupo dominante branco. No entanto, Bicudo conclui que os pretos e mulatos de classe intermediária não aderiram à *Associação*, em virtude de ambos terem absorvido fortemente os ideais do branco.

Ao analisar as atitudes raciais de pretos e mulatos das classes intermediárias, Virgínia Bicudo percebe que os pretos pertencentes a esses estratos não conseguem se integrar junto aos brancos e obter o mesmo *status* que eles, mesmo com títulos de educação formal ou ocupações de maior prestígio. No caso dos mulatos dessa classe, os brancos só permitem que se integrem caso embranqueçam no fenótipo e também no comportamento. A partir dessa integração dos mulatos condicionada a esse duplo embranquecimento, Virgínia Bicudo conclui que há um preconceito baseado especificamente na cor contra pessoas negras, ao invés de um fenômeno meramente subordinado a um preconceito de classe.

Ao analisarmos a conexão de autores mobilizados por Virgínia Bicudo em sua pesquisa, veremos como ela os utilizou para chegar a contribuições importantes e inovadoras para o entendimento da questão racial em São Paulo. No caso de Robert Park, a sua teoria do *ciclo de relações raciais* mostra indícios de estar presente na pesquisa de Bicudo, ainda que não ocupe um lugar central na sua análise. No entanto, consideramos que ela tenciona essa teoria, ao apontar que as tensões raciais persistem, mesmo que a assimilação de pretos e mulatos estivesse, no mínimo, a caminho de acontecer.

Em relação a Gilberto Freyre, Bicudo o cita apenas uma vez na dissertação, no momento que discute sobre o fenômeno da miscigenação nas relações raciais no Brasil. A socióloga cita *Sobrados e Mucambos* para mostrar que historicamente há maior facilidade de assimilação do mulato ao grupo dominante branco, em relação ao preto. Apesar desse ponto de convergência entre os dois autores, Freyre e Bicudo reservam lugares distintos às tensões raciais nas respectivas obras. No primeiro esse fenômeno ocupa lugar secundário, enquanto para Bicudo as tensões raciais possuem dimensão central na sua dissertação.

Donald Pierson é o autor com quem Virgínia Bicudo precisa lidar de maneira mais direta, visto que é seu interlocutor principal, afinal foi seu orientador e produziu *Negroes in Brazil*, uma tese que se propunha analisar a *situação racial brasileira*. A socióloga perpassa uma série de discussões que Pierson realiza em sua tese, mas chega a conclusões diferentes dele. Na análise da mobilidade social de pretos e mulatos, ela conclui que esses continuam sofrendo preconceito baseado na cor, mesmo ascendendo de classe, significando que a saída da pobreza não anula o preconceito sofrido por pretos e mulatos. Sobre a questão da *consciência de cor*, ela conclui que pretos e mulatos a adquirem, em São Paulo, fortalecendo-a à medida que ascendem socialmente. Acerca da miscigenação no Brasil, a socióloga não considera na pesquisa que as uniões interracialis em grande escala signifiquem a inexistência de preconceito baseado em cor. Apesar das ambivalências que Virgínia Bicudo demonstra com a pesquisa de seu orientador, acreditamos que ela mobiliza a tese de Donald Pierson à contrapelo: extrai as temáticas a serem discutidas para seu estudo em São Paulo, mas não se permite engessar pela análise e as conclusões do sociólogo estadunidense.

No caso de Oracy Nogueira, a socióloga utiliza o conceito de *preconceito de cor*, criado por ele, para auxiliar seu embasamento da existência de um preconceito direcionado especificamente aos descendentes de africanos no Brasil, ainda que guarde uma dinâmica diferente dos Estados Unidos – país sempre usado como comparação no tocante às relações raciais em nosso país. O uso desse conceito auxiliou Bicudo a pensar a *situação racial* em

São Paulo dentro da sua própria dinâmica, sem deixar-se cegar por perspectivas teóricas estadunidenses, aplicando-as mecanicamente na análise da realidade nacional.

3.1 O CICLO DE RELAÇÕES RACIAIS DE ROBERT PARK, DE CHICAGO A SÃO PAULO

Virgínia Bicudo não mobiliza de modo ostensivo a teoria do *ciclo de relações raciais*, desenvolvido por Robert Park, em sua dissertação, o que não quer dizer que esse paradigma não tenha ressonância em sua pesquisa. Para percebermos como isso acontece, precisamos colocar novamente algumas características das fases de acomodação e assimilação. Segundo Pierson (1941a) essas duas últimas fases do *ciclo* consistem no seguinte: enquanto a acomodação significa uma modificação apenas exterior do indivíduo ou do grupo, a assimilação consiste na modificação interior desse indivíduo ou grupo, onde eles "vêm a adquirir pensamentos comuns, memórias comuns, objetivos comuns, símbolos comuns, atitudes e sentimentos comuns" (PIERSON, 1941a, p. 14) aos do grupo dominante.

Para o sociólogo estadunidense (PIERSON, 1943b) existe a diminuição do conflito na acomodação, por meio da construção de um *modus vivendi* mais estável: isso não quer dizer que seja uma situação benéfica para ambos os grupos, pois essa acomodação pode ocorrer a partir do segregacionismo ou de um sistema de castas. No entanto, na assimilação o conflito desapareceria por completo, sendo que esse processo ocorreria sem que o indivíduo percebesse.

Podemos perceber os ecos do *ciclo de relações raciais* em alguns momentos no estudo de Virgínia Bicudo. Uma das fases do *ciclo* presente nele é a de *acomodação*. Ela escreve que a estratégia inicial da *Associação* de gerar oposição do negro ao branco gerou a represália de maior animosidade do branco contra o negro, depois afirmando que essa situação mostra que a acomodação social entre negros e brancos é baseada no recalçamento¹⁷ das hostilidades entre eles (BICUDO, 2010). Esse recuo significaria uma diminuição do conflito, no conceito de acomodação do *ciclo*. Em outro momento, ela considera que especificamente os pretos alcançam uma *acomodação social de equilíbrio relativo* quando deixam de disputar *status* com os brancos. Isso ocorre por eles se ajustarem pelo convívio íntimo com os brancos, na

¹⁷ Conceito psicanalítico formulado por Sigmund Freud, o qual nomeia mecanismo de impedimento "que certas representações pertencentes ao sistema inconsciente tenham acesso ao sistema pré-consciente-consciente" (GARCIA-ROZA, 1985, p. 163)

classe baixa, ou por conformismo e isolamento nas classes intermediárias. Esse uso da categoria de *acomodação* também é próximo da forma como Pierson a utiliza ao explicar a teoria do *ciclo*, ao denotar a estabilidade por meio da diminuição do conflito.

Também há indícios que a categoria de *assimilação* do *ciclo de relações raciais* também esteja presente no estudo de Bicudo. Ao falar sobre o processo de consolidar a *Associação de Negros Brasileiros*, Virgínia Bicudo (2010) afirma que o negro havia absorvido a cultura do branco após íntimo convívio com ele. Ela também diz que as dificuldades da organização em arregimentar membros “seriam a expressão da intensidade com que o negro tinha incorporado ideias, atitudes e sentimentos do branco” (BICUDO, 2010, p. 154), afirmando também que ele havia incorporado a cultura desse grupo dominante, inclusive os pontos de vista relativos a ele próprio (BICUDO, 2010).

No caso específico dos pretos que ascendem às classes intermediárias, Bicudo aponta essa absorção intensa dos pontos de vista do branco – até sobre si mesmos – para explicar porque se ajustam pelo conformismo e isolamento (BICUDO, 2010). A socióloga também afirma que o fenômeno da mestiçagem “sempre operou em sentido favorável à assimilação do negro à cultura e ao estoque biológico do grupo dominante” (BICUDO, 2010, p. 156, grifos nossos).

A partir desses apontamentos, podemos concluir que, ainda que o termo *assimilação* não seja utilizado de modo ostensivo na dissertação de Bicudo, a ideia está presente no estudo, pois ela entende que os negros haviam absorvido o padrão cultural branco – até mesmo sobre si próprios, ainda que isso significasse uma autodepreciação de cunho racial. Com essas proposições, Bicudo parece compreender que os negros em São Paulo haviam sofrido *assimilação*, ou que esse fenômeno estava próximo de acontecer, levando em conta a concepção de Pierson sobre esse fenômeno, que teria como uma de suas características a mudança interior do indivíduo.

No entanto, ainda que os pretos e mulatos entrevistados por Bicudo eventualmente pudessem estar no caminho da *assimilação*, a socióloga mostra que isso não significa a pacificação das tensões raciais. No caso dos pretos de classe intermediária, eles buscam “conseguir características de status superior, através do casamento, do exercício de profissões liberais, do cultivo intelectual e da ‘boa aparência’” (BICUDO, 2010, p. 97) para se equiparar aos brancos. No entanto, mesmo com esses esforços, os pretos fracassam em obter o mesmo *status* que eles nessa classe. Em virtude disso, os pretos de classe intermediária isolam-se dos brancos, para evitar situações de sofrimento por causa do racismo, ao mesmo tempo que se

isolam de outros pretos por causa de seu sentimento de inferioridade, o que os levam a preferir relações com os brancos em detrimento de outros pretos. Nessa situação seu sentimento de animosidade contra o branco não é inconsciente, pelo contrário, o esconde para evitar maiores represálias do grupo dominante. Como podemos ver, ainda que a tensão racial não irrompa abertamente, ela permanece de modo latente, pois o preto deliberadamente esconde dentro de si os sentimentos de mágoa e revolta contra o branco.

No caso dos mulatos em classe intermediária, até existe a possibilidade de sua integração, desde que este seja branqueado tanto em aparência física como no comportamento, ou seja, a integração é condicionada para aqueles que seriam “os menos negros” possíveis. Por exemplo, um mulato com traços físicos mais marcadamente negros, que possui um comportamento que se encaixe no estereótipo racista, criado pelos brancos, não poderia ser integrado à essa classe. Diferente do preto de classe intermediária, no caso dos mulatos desse grupo a tensão racial aparentemente é suprimida. A questão é que, além da já falada integração reservada apenas aos mestiços próximos de um ideal de brancura, Virgínia Bicudo deixa nítido que essa supressão das tensões ocorre às custas de marcas psicológicas causadas pelo racismo, afirmando que “não desaparecem de sua personalidade a sensibilidade e o sentimento de inferioridade relacionados com a consciência de cor” (BICUDO, 2010, p. 120).

A análise de Virgínia Bicudo sobre os pretos e mulatos de classe intermediária ajudam a mostrar como o *ciclo de relações raciais* não é a perspectiva dominante de seu estudo. Dizemos isso pois, apesar da situação racial em São Paulo parecer caminhar para uma assimilação, nos termos do *ciclo*, isso não significa que a questão do *preconceito de cor* esteja resolvida para a socióloga.

A ênfase na análise de Bicudo não é dada para uma possível assimilação de pretos e mulatos no contexto paulistano, mas para as consequências maléficas do *preconceito de cor* sobre seus entrevistados, especialmente do ponto de vista psicológico. O trecho a seguir resume bem as conclusões de Bicudo em seu estudo, sobre essas consequências em relação aos pretos e mulatos de modo geral:

Através dos entrevistados, observamos que o preto e o mulato têm concepção desfavorável de si mesmos, como reflexo da concepção do branco sobre eles, dada a influência dos contatos primários, principalmente na infância. Consideram-se inferiores, feios, e se sentem envergonhados por sua origem (BICUDO, 2010, p. 159-160).

Podemos concluir que, ao analisar as consequências do racismo para a subjetividade de pessoas pretas e mulatas, Virgínia Bicudo percebe que há pouco espaço para o otimismo, mesmo que haja assimilação. Não há necessariamente uma recusa ao *ciclo de relações raciais* enquanto instrumental teórico. No entanto, ele não daria conta de analisar como o racismo afeta psicologicamente as pessoas pretas e mulatas.

Além disso, o fato de Virgínia Bicudo decidir trazer para o centro do seu estudo uma organização negra criada para combater o *preconceito de cor*, a *Associação de Negros Brasileiros*, mostra como a socióloga estava mais interessada em pensar a relação entre negros e brancos pelo prisma das tensões raciais, que pelo viés da assimilação. Bicudo (2010, p. 154) afirma que a *Associação* “apresenta-se como ensaio de um movimento coletivo, liderado por negros conscientes de seu status ligado à barreira de cor”. Ela também apontava que o programa da organização focava em problemas econômicos, pois seus dirigentes acreditavam que a ascensão econômica daria meios materiais para elevação intelectual e moral do negro, o que iria potencializar a luta por reivindicações sociais (BICUDO, 2010). Por meio dessas informações, podemos concluir que Virgínia Bicudo considerava que a *Associação de Negros Brasileiros* tinha como sua razão de ser a existência do racismo que os oprime, e que sua ação política era voltada para combatê-lo.

Podemos concluir que a teoria formulada por Park do *ciclo de relações raciais* está presente no estudo sobre atitudes raciais de Virgínia Bicudo, mesmo que não seja o paradigma central de sua análise. Ainda que, nos termos de Robert Park, seja possível dizer que naquele momento haveria uma assimilação dos pretos e mulatos em São Paulo, Bicudo enfatiza os tencionamentos raciais e as consequências dessas experiências de preconceito, em especial psicológicas, para os pretos e mulatos.

3.2. GILBERTO FREYRE: MODERNIZAÇÃO E ACOMODAÇÃO RACIAL NO BRASIL

Agora faremos algumas considerações sobre Gilberto Freyre (1900-1987), um autor basilar para se entender as relações raciais no Brasil, a partir dos anos 1930 até a atualidade. Segundo o próprio Freyre (2006), o antropólogo estadunidense Franz Boas foi uma figura importante para suas formulações em *Casa Grande & Senzala*, publicado em 1933, visto que, por meio desse intelectual, Freyre teria compreendido a separação existente entre raça e cultura. Assim, ele teria aprendido com Boas “a discriminar entre os efeitos de relações

puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio” (FREYRE, 2006, p. 32), deixando de imputar uma inferioridade biológica a indígenas e negros.

No entanto, Benzaquen de Araújo (1994) argumenta que Freyre não resolve a diferenciação entre raça e cultura tão bem como parece a princípio em *Casa Grande & Senzala* pois, segundo ele, é apresentada uma noção neolamarckiana de raça nessa obra. Tal ideia consistiria na alta capacidade dos seres humanos em adquirir, transmitir e herdar características a partir da interação com o meio físico, conseguindo se adaptar às mais diferentes condições ambientais. Assim, a interação com fatores externos, como o meio físico, poderia gerar alterações biológicas na raça. Isso significa que a fronteira entre raça, a esfera biológica, e cultura, aquilo que se aprende, na verdade era turva. O desdobramento disso é que a ruptura entre raça e cultura que Freyre considerava ter feito está mais no plano abstrato do que algo concreto.

A respeito da obra de Gilberto Freyre, ele ficou mais conhecido pelos seguintes livros, que compõem uma trilogia: *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem & Progresso*. O conjunto delas versa sobre a formação social brasileira, em que ele analisa desde o *Descobrimento* – que na verdade é o início da invasão e pilhagem colonial perpetrado pelos portugueses no continente americano – até o início da República. O seguinte trecho de *Casa Grande & Senzala* é representativo do pensamento freyreano a respeito da relação entre senhores e escravizados:

Todo o brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota do africano.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera da vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo (FREYRE, 2006, p. 367)

Em *Casa Grande & Senzala* (2006), Freyre apresenta o conceito de *equilíbrio de antagonismos* como definidor da formação social brasileira, entre a cultura europeia e africana, o católico e o herege, o grande proprietário e o despossuído, por exemplo. No entanto, ele apontava que o principal antagonismo era aquele entre o escravizado e senhor.

Para Élide Rugai Bastos (2006), Freyre considera que essas oposições não irrompem tanto para um conflito aberto e generalizado pela constituição do Brasil como para um encontro harmonioso, ocorrido por meio da miscigenação e acomodação cultural, entre o indígena, o negro e o português, que possuem características diferentes. Desse traço fundamental viria a capacidade do povo brasileiro de conciliar os antagonismos.

Virgínia Bicudo cita a obra *Sobrados e Mucambos* (FREYRE, 2004) no momento em que discute em sua pesquisa sobre o fenômeno da miscigenação no Brasil. A socióloga afirma que “a mestiçagem sempre operou em sentido favorável à assimilação do negro à cultura e ao estoque biológico do grupo dominante” (BICUDO, 2010, p. 156) desde o período colonial do Brasil. Para corroborar essa afirmação, Bicudo cita Freyre, sendo este um dos únicos trechos em que Bicudo faz considerações de cunho histórico no seu estudo, já que sua pesquisa de mestrado está circunscrita à cidade de São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. O trecho de *Sobrados e Mucambos* citado é o seguinte:

A favor da transferência deles (mulatos cor de rosa) do número de escravos para o dos livres ou de sua ascensão social de pretos para brancos, houve sempre uma poderosa corrente de opinião, ou antes de sentimento, isto desde o século XVIII. Em 1773 já um alvará del Rei de Portugal falava de pessoas "tão faltas de sentimentos de Humanidade e de Religião" que guardavam em suas casas, escravos mais brancos do que ele com nomes de pretos e de negros. (FREYRE, 1936, p. 327, *apud* BICUDO, 2010, p. 156).

Virgínia Bicudo (2010) cita-o na dissertação no momento em que discute sobre as dificuldades da *Associação dos Negros Brasileiros* em arregimentar maior número de pessoas negras para a mobilização política. Após a citação, Bicudo aponta que os mulatos pertencentes às classes intermediárias não aderiram à organização, o que poderia ter acontecido por eles não sentirem essa necessidade, visto que poderiam se integrar mais facilmente que o preto nesse estrato social.

Uma forma de interpretação possível da citação é que essa obra auxilia em demonstrar que a ascensão social de pessoas miscigenadas era um fenômeno que já ocorria desde o século XVIII no país, não sendo restrito ao tempo presente de Bicudo. A segunda possibilidade é que Virgínia Bicudo tenha mobilizado o autor como uma tentativa de negociação com o cânone sociológico da época, pois Freyre nos anos 1940 já era considerado um autor importante nos *estudos sobre o negro* no Brasil. Importante ressaltar que essas duas interpretações sobre o uso do autor por Bicudo não são mutuamente excludentes.

Um pouco antes do trecho que Virgínia Bicudo cita de *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre discorre sobre o sofrimento psicológico pelo qual os mulatos bachareis

passavam, pois mesmo como homens livres que ascenderam socialmente, possuindo reconhecimento social e títulos honoríficos, eles ainda assim eram afetados pelo racismo:

Esse mesmo sentimento de insatisfação talvez esclareça, por outro lado, a presença de bacharéis mulatos, como Natividade Saldanha, em movimentos revolucionários que talvez tenham correspondido menos ao seu idealismo afrancesado de doutores e de patriotas, que ao seu mal-estar quase físico e certamente psíquico de mulatos; à sua insatisfação de indivíduos mal ajustados à ordem social então predominante, como a *élite* branca, do tipo encarnado por Guedes Aranha e Antônio Carlos, querendo governar sozinha. [...] Mulatos que tendo se bacharelado em Coimbra ou nas Academias do Império foram indivíduos que nunca se sentiram perfeitamente ajustados à sociedade da época: aos seus preconceitos de branquidade, mais suaves que de noutros países, porém não de todo inofensivos (FREYRE, 2004, p. 728, grifos nossos)

Uma das conclusões de Virgínia Bicudo (2010) em sua dissertação é que os mulatos que conseguem ascender socialmente aos estratos médios até conseguem se integrar a esse grupo, desde que seu fenótipo seja embranquecido e que se reproduza os mesmos valores dos brancos. No entanto, essa integração ocorreria à custa de prejuízos à subjetividade dessa pessoa, como o sentimento de inferioridade causado pelo racismo. Essa conclusão de Virgínia Bicudo, e o que Freyre também escreve sobre a subjetividade ferida dos mestiços bachareis pelo racismo, nos faz concluir que há uma convergência entre eles nessa questão específica. Esse fato reforça que Bicudo traz Freyre para sua dissertação como uma negociação com o cânone, para que seu trabalho ganhe força em suas conclusões divergentes com Donald Pierson em *Negroes in Brazil*.

Se em *Sobrados e Mucambos* Freyre defende os *antagonismos em equilíbrio*, mesmo que estivesse passando por um enfraquecimento que aumenta as tensões entre brancos e negros, o trabalho de Virgínia Bicudo realizado nos anos 1940 traz uma outra perspectiva: o descontentamento dos pretos e mulatos com os preconceitos e discriminações dos brancos está no primeiro plano de seu estudo, inclusive com o surgimento de uma grande organização política do movimento negro em São Paulo. Não há ênfase na conciliação dos antagonismos raciais como em Freyre, mas nas tensões entre os pretos e mestiços em relação aos brancos, ainda que, por vezes, tal situação apareça nas falas dos entrevistados de modo camuflado. De diferentes modos, todas as pessoas pretas e mulatas entrevistadas por Bicudo tiveram suas subjetividades afetadas pelo racismo, desde os que possuem um discurso crítico em relação à esta questão, até aqueles que reproduzem concepções preconceituosas sobre os descendentes de africanos.

Sobrados e Mucambos é a obra que trata das mudanças ocorridas no Brasil Imperial, onde se inscrevem processos como a formação das cidades, os entrecosques entre o poder estatal emergente e a Casa Grande patriarcal, a adaptação dessas famílias patriarcais ao ambiente urbano e a ascensão de bacharéis e mulatos como figuras sociais e políticas de relevância. A obra também trabalha o tema da assimilação do mulato nas altas colocações da sociedade da época, em especial quando esse se torna um bacharel. Freyre descreve-o como um filho normalmente ilegítimo de um senhor patriarcal com alguma mulher escravizada. Por esse laço consanguíneo com figuras de grande poder, era comum que esses mulatos tivessem sua ida para a universidade financiada, além de ter um emprego de destaque garantido pelo progenitor. O bacharel também poderia ser também um genro que se liga a uma família patriarcal por meio do casamento, situação a partir da qual o pai da moça possibilitava a sua ascensão (FREYRE, 2004).

A consolidação dos bacharéis como figuras de influência ocorre no contexto de formação das cidades. A emergência dos núcleos urbanos, por sua vez, está inscrito em um processo mais amplo de modernização do Brasil, marcado pelo enfraquecimento da poder político do patriarcalismo e alargamento do poder público, nova situação que por sua vez leva ao aumento de tensões sociais (BASTOS, 2006). Nesse processo houve o distanciamento físico e social entre senhores brancos e os negros escravizados, ou seja, a despersonalização dessas relações (PAIXÃO, 2014).

O fato de Virgínia Bicudo citar *Sobrados e Mucambos* para corroborar seu argumento sobre a assimilação do mulato ao grupo dominante, por meio da mestiçagem, pode parecer estranho ao leitor contemporâneo inteirado da luta antirracista. No entanto, como já mostrado ela tinha motivação teórica e prática para fazê-lo em sua dissertação. Atribuo esse estranhamento ao fato de que Gilberto Freyre pode ser considerado o principal articulador do *mito da democracia racial*, construção ideológica responsável por sustentar a suposta inexistência do racismo no Brasil, já que no país as interações entre negros e brancos seriam supostamente harmoniosas ao invés de abertamente conflitivas, como no segregacionismo dos Estados Unidos ou no Apartheid na África do Sul.

Joel Rufino dos Santos (2015) ao elaborar os pilares do *mito da democracia racial*, aponta que um deles seria a mestiçagem como *algodão entre vidros*, isto é, um elemento amortecedor da violência inerente ao sistema escravocrata que aprisionava negros e indígenas. Rufino também pontua que, até os anos 1970, vigorava no Brasil a concepção de um país como uma grande família patriarcal em que, acima de tudo, todos são brasileiros, na qual o

macho-alfa branco ocupava lugar central e o negro estaria na posição de parente pobre, mas que ainda assim não seria rejeitado. Na década de 1970 o que Rufino chama de *pacto entre familiares* começa a ser confrontado abertamente a partir da ressurgência das organizações do movimento negro no cenário político brasileiro, como consequência do declínio da ditadura empresarial-militar, com destaque para a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978. Nesse sentido, Kabengele Munanga sintetiza de modo brilhante o que significa essa construção no imaginário brasileiro sobre nossas relações raciais, no livro *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*:

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são “expropriadas”, “dominadas” e “convertidas” em símbolos nacionais pelas elites dirigentes (MUNANGA, 2008, p. 77).

Sobre a miscigenação cultural e biológica retrata por Freyre em *Casa Grande & Senzala*, Munanga (2008) aponta que, na narrativa freyreana, essa dupla mestiçagem fez emergir lentamente o *mito da democracia racial*. Além disso, o autor argumenta que Freyre não privilegia na sua análise a violência presente na formação social – na forma de estupro principalmente – que permeou a miscigenação física na colonização. No entanto, segundo Veiga Júnior (2010), na ordem social imaginada por Freyre a violência e a intimidade entre senhores e escravizados, inclusive no plano sexual, caminham juntas, sendo a violência uma característica inscrita na sociabilidade. As variadas formas de violência perpetradas pelos senhores brancos contra os escravizados podem até estar presentes na narrativa freyreana, mas ainda assim é colocada em segundo plano pelo *equilíbrio de antagonismos*, o que ainda torna válido o apontamento crítico de Munanga a essa visão de Gilberto Freyre sobre a violência.

Contudo, Gilberto Freyre era um autor importante no debate sobre relações raciais já na década de 1940. Por exemplo, no famoso artigo *Negros do Brasil* escrito por Paulo Duarte em 1947, e publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, ele defende que o projeto de nação do Brasil com uma população branca era inconciliável com a defesa freyreana do mulato como o

tipo brasileiro. Duarte também afirma que essa ideia de Freyre era uma das causas do surgimento de conflitos raciais até então (supostamente) inexistentes (BASTOS, 1988).

Considerando sua relevância, Freyre foi um autor que teve forte impacto na percepção de Donald Pierson sobre a formação social brasileira, no que diz respeito às relações raciais entre negros e brancos, além de um interlocutor importante para o seu tema de pesquisa (SILVA, 2012). Virgínia Bicudo fez um movimento de trazer para seu texto, para corroborar seu argumento, um autor que foi fundamental para Pierson construir sua análise a respeito da natureza não-conflitiva das relações raciais no Brasil. Entretanto, Bicudo e Freyre possuíam visões distintas sobre os tensionamentos raciais. Esse fenômeno estava em segundo plano nas formulações de Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*, enquanto na dissertação de Virgínia Bicudo as tensões raciais assumem centralidade na sua análise. No entanto, mesmo com essa divergência ela conseguiu usá-lo para corroborar seu argumento em certo trecho de seu trabalho.

3.3. DONALD PIERSON E A PONTE ENTRE CHICAGO E SALVADOR

Após entendermos a presença de Gilberto Freyre na dissertação de Virgínia Bicudo, analisaremos a importância de Donald Pierson para a pesquisa da socióloga. Ele foi orientador de Bicudo na sua pesquisa de mestrado, portanto um autor central na sua investigação sobre as atitudes raciais de pretos e mulatos. Para entender melhor o arcabouço teórico-metodológico de Pierson vamos discutir primeiramente o conteúdo e debates em torno da disciplina ministrada por ele e cursada por Bicudo durante o mestrado, chamada *O negro no Brasil*. Seu objetivo era ser um grande panorama sobre “a ‘carreira’ do africano no Brasil” (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1942a, p. 105). A descrição da disciplina no anuário também afirma que o contato entre africanos e portugueses na América foi um dos casos importantes no estudo de *contatos raciais e culturais* ao redor do mundo.

3.3.1. Similaridades entre as temáticas da disciplina *O negro no Brasil* e a tese *Negroes in Brazil*

Em relação à estruturação dos pontos do programa de curso, existe bastante semelhança entre os títulos e descrições com os capítulos de *Negroes in Brazil* e suas temáticas discutidas, o que pode ser visto no quadro abaixo.

Tabela 4: Comparação entre a disciplina *O Negro no Brasil* e capítulos de *Negroes in Brazil*

Pontos do programa da disciplina <i>O Negro no Brasil</i>	Capítulos de <i>Negroes in Brazil</i>
Ponto I – Início de Contato, no Brasil, entre Africanos e Portugueses.	Cap. I – O porto da Bahia
Ponto II – Casa Grande e Senzala	Cap. II – Distribuição espacial das classes e cores
Ponto III – Miscigenação e intercasamento	Cap. III – A vinda dos africanos
Ponto IV – A ascensão do mulato	Cap IV – Casa Grande e senzala
Ponto V - A Distribuição Espacial das Raças numa Comunidade Brasileira (Bahia).	Cap. V – A miscigenação e a linha de cor
Ponto VI – A participação de pretos, brancos e mestiços nas atividades de uma comunidade brasileira (Bahia)	Cap. VI – Casamento inter-racial
Ponto VII – Ideologia racial e atitudes raciais	Cap. VII – Ascensão social dos mestiços
Ponto VIII – Sobrevivências da cultura africana	Cap. VIII – Composição racial das classes na sociedade baiana
Ponto IX – A situação racial brasileira	Cap. IX – “Ideologia racial” e atitudes raciais
	Cap. X – Os “africanos”
	Cap. XI – O candomblé
	Cap. XII – Brancos e pretos na Bahia

Fonte: elaboração própria

Considerando que Pierson utiliza como base sua pesquisa de campo em Salvador para traçar conclusões sobre a *situação racial brasileira*, faz sentido que sua tese seja o fio condutor para a disciplina cuja proposta é construir um panorama histórico das relações raciais entre negros e brancos no país. O ponto II da disciplina, chamado Casa Grande e Senzala, coloca em seu item a seguinte descrição:

Asprezas contingentes dum sistema escravizador, no Brasil como em outros lugares. Mas a escravidão (especialmente no que se refere aos criados domésticos e aos trabalhadores artífices) caracterizou-se aqui pelo

desenvolvimento contínuo e gradativo de relações pessoais íntimas entre senhor e escravo, as quais tenderam a humanizar a instituição e a solapar seu caráter formal. (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1942a, p. 106).

No capítulo IV de *Negroes in Brazil*, Pierson debruça-se sobre a dinâmica de relações entre africanos e seus descendentes com os brancos, vindos de Portugal ou nascidos em território americano, durante o período da escravatura. O sociólogo conclui que os portugueses implantaram na colônia uma *suave forma de escravidão* por conta do estreitamento de laços pessoais entre senhores e escravizados, o que teria superado o caráter formal e legal da instituição escravista (PIERSON, 1971), como dito também no fragmento acima do programa da disciplina. Um desdobramento dessa perspectiva defendida por Pierson foi, no mínimo, escamotear que a relação entre senhores e escravizados africanos sob o jugo do colonialismo português só poderia ocorrer sob a norma da violência e dominação. No caso das mulheres negras escravizadas esse *estreitamento de laços*, como Pierson chama, nada mais é do que a violência sexual a que eram sistematicamente submetidas pelos seus senhores.

O ponto VII da disciplina, chamado de *Ideologia racial e relações raciais*, traz em seu ponto C o fragmento da seguinte descrição:

O desenvolvimento, proveniente das circunstâncias e condições da vida colonial, de um "policy" (ou ideologia) racial não-formal, fundamentando e sustentando os mores raciais e manifestando-se apenas quando estes mores são questionados no exterior. Ação desta ideologia tal como se revela em minúcias íntimas numa comunidade brasileira (Bahia); organização da sociedade, baseada em classes e não em castas (como é na Índia) nem em grupos de minoria (como acontece nos Estados Unidos) [...] Crença e defesa de uma "arianização progressiva". Significado da expressão: "Nós estamos nos tornando um só povo" (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1942a, p. 108).

No capítulo IX chamado "*Ideologia racial*" e *atitudes raciais* em *Negroes in Brazil*, Pierson afirma que, na Bahia, brancos e negros não se enxergam como grupos raciais isolados entre si, e nem que a suposta "inferioridade" do negro seria racial, mas "apenas" cultural, isto é, poderia e estaria em vias de ser superada. Segundo o sociólogo todos os cidadãos eram considerados primeiramente como "brasileiros", sendo secundárias distinções de cunho racial (PIERSON, 1971). Desse modo, podemos notar como a nacionalidade era um recurso para mascarar as tensões de caráter racial existentes no Brasil, naquele momento histórico em que Pierson fez a sua pesquisa. Um outro ponto é que Pierson defendeu na tese que os negros na Bahia teriam uma consciência racial mínima pois

[...] se o indivíduo pode, com relativa facilidade, escapar à identificação com o grupo em que nasceu, não só no que se refere à raça, mas também, até certo ponto, no que se refere à cor, e se é pequena a tentativa por parte das outras pessoas para tratá-lo de modo diferente apenas por que alguns de seus ancestrais tiveram origem étnica diferente, as ideias de “nosso grupo” e “grupo alheio”, não surgirão facilmente em sua experiência; ou se surgirem, tenderão a representar entidades vagas, não vividas, não nitidamente delineadas e definidas (PIERSON, 1971, p. 260-261).

Ao comentar sobre as temáticas dos dois Congressos Afro-brasileiros, que ocorreram em 1934 e 1937, Pierson (1971, p. 250) no mesmo capítulo aponta a ausência de discussão sobre conflitos raciais no Brasil nos trabalhos apresentados, o que provaria a “relativa ausência de qualquer consciência de raça por parte de pretos ou mestiços”. No último capítulo de sua tese ele também comenta sobre a criação de diversas entidades do movimento negro nos anos 1920 e 1930 em São Paulo, Santos e Pelotas e como isso significaria a existência de alguma consciência de raça dos negros nessas cidades. No entanto, logo depois ele coloca de lado essa possibilidade, ao dizer que esses indícios de consciência de raça eram exceções, não o padrão no Brasil, apontando inclusive a tentativa fracassada das lideranças da Frente Negra Brasileira em criar uma filial em Salvador (PIERSON, 1945c).

Essa questão da *consciência de cor ou raça* é uma das divergências da dissertação de Virgínia Bicudo com a tese de seu orientador, pois ela conclui que os pretos e mulatos na cidade de São Paulo possuíam sim *consciência de cor*, mesmo de maneiras diferentes. A socióloga coloca que entre os pretos criados por brancos, os de classe intermediária possuíam maior *consciência de cor* do que os pretos das classes baixas (BICUDO, 2010), com a autora salientando que os primeiros receram educação mais cuidadosa desses brancos. Ela também identifica que os mulatos de classe baixa possuem mais *consciência de cor* que os pretos da mesma classe, pois em relação ao matrimônio sempre agem pensando na sua cor, seja para casar com um preto, mulato ou branco (BICUDO, 2010). Daí ela também conclui que a *consciência de cor* é mais manifestada no mulato do que no preto, possivelmente pelo primeiro ter uma ligação biológica e social com os dois grupos.

Ao analisar a *Associação de Negros Brasileiros*, pseudônimo criado por Bicudo (2010), aponta que o objetivo deles era desenvolver a *consciência de cor* entre os negros. Afirma também que uma organização como essa surge em virtude do negro desenvolvê-la, após ter convívio próximo com o branco e ser repelido por ele de algumas esferas sociais. A atuação do movimento negro em São Paulo, que Pierson apenas cita, cuja evidência de *consciência de cor* é rapidamente repelida pelo autor, é tomada como um dos pilares da investigação de Virgínia Bicudo. Neste momento vemos como a socióloga entende que a

experiência do racismo é a ignição para a tomada da *consciência de cor* e da organização política em torno da raça. Ao fim do trabalho, Bicudo afirma que esta consciência aumenta à medida que os pretos e mulatos ascendem da classe baixa para a classe intermediária. Enquanto Pierson defendia que, de modo geral, no Brasil os negros não teriam *consciência de cor*, Bicudo o contrapõe ao provar que em São Paulo pessoas negras a adquiriam em diferentes contextos.

Também no capítulo IX, Pierson investiga a interação entre classe e raça, a partir do escrito de um estivador¹⁸ negro sobre a situação de vida da população negra na Bahia, e conclui que as tensões raciais eram decorrentes de uma sobreposição entre a classe e a cor desses dois grupos. A tensão racial seria na verdade um conflito de classe. O sociólogo estadunidense corrobora isso pelo fato de *pessoas de cor* que conseguiram ascender socialmente, em geral, não se opunham aos brancos (PIERSON, 1971).

No entanto, Virgínia Bicudo (2010) encontra um quadro diferente em São Paulo. Na classe intermediária os pretos se isolam do branco pelo receio de sofrer situações de discriminação, enquanto também se distanciam de outros negros, pelo sentimento de inferioridade que sentem em relação a si mesmos. Os pretos dessa classe reprimem de forma consciente sua revolta contra o branco, por medo de sofrer represálias, “desenvolvendo atitudes de submissão, amabilidade, humorismo, etc” (BICUDO, 2010, p. 96). No caso dos mulatos da classe intermediária, eles possuem sentimento de inferioridade, manifestam vergonha da própria origem e exprimem desejo intenso de se passar como brancos. Caso estejam próximos do branco na aparência e nos seus valores, eles até conseguem se integrar a esse estrato intermediário, mas não sem carregar feridas psicológicas em sua personalidade. Ainda que a maior parte dos entrevistados não se organizem politicamente em torno da raça – como ocorre com os integrantes da *Associação*, não quer dizer que haja pacificação na *situação racial* em São Paulo, pois Bicudo consegue capturar que pretos e mulatos têm suas subjetividades afetadas pelas experiências de racismo. No caso dos pretos ele podem até apresentar alguma vontade de se opor aos brancos, mas não o fazem por medo.

Voltando à comparação, o ponto IX do programa da disciplina, a *situação racial brasileira*, está descrito da seguinte forma:

O contato entre africanos e europeus no Brasil encarado como episódio da expansão da Europa ocidental. Similaridade da ideologia racial não formal, que fundamenta e sustenta os mores raciais brasileiros, com as ideologias raciais não formais provenientes de condições similares em Goa (Índia),

¹⁸ Empregado que realiza trabalhos braçais nas áreas portuárias.

Africa do Sul, Java, Hawaii. Constraste e comparação do atual resultado das relações raciais no Brasil com as dos Estados Unidos e Índias ocidentais. O caráter exato do "problema racial" no Brasil. Natureza, origem e função do preconceito racial. Variações numa sociedade organizada segundo linhas de classe, em contraste com as sociedades organizadas segundo linhas de castas (ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1942a p. 109).

No capítulo XII de *Negroes in Brazil*, chamado *Branços e pretos na Bahia*, Pierson (1971) afirma que seu estudo em Salvador trata das consequências das migrações associadas à *Expansão da Europa Ocidental*. Essa categoria não deixa de carregar um eufemismo para o processo de colonização europeia no continente americano, ocorrido a partir do final do século XV, que resultou em extermínio em massa dos povos ameríndios e escravização desses indígenas e de africanos sequestrados. O sociólogo estadunidense afirma que seu estudo sobre Salvador “procurou ‘explorar’ um exemplo particular de contato racial e cultural e descrevê-lo em termos tais que o tornassem compatíveis a outros casos de contato racial e cultural em outras partes do mundo” (PIERSON, 1971, p. 345-346).

Nesse sentido, Pierson afirma de modo categórico que o negro enquanto unidade racial estaria desaparecendo em Salvador por conta da miscigenação com os brancos, uma vez que este processo levaria ao branqueamento daquela população. Ainda que o número de mestiços estivesse em crescimento, segundo Pierson (1971), isso estaria ocorrendo à custa do desaparecimento dos negros. Segundo ele, esse fenômeno pode ser explicado em virtude das condições da colonização portuguesa na América, como a escassez de mulheres portuguesas entre os primeiros colonizadores, situação que teria tornado comum suas relações sexuais com mulheres indígenas (PIERSON, 1971). Desse modo, a miscigenação que *absorve* o elemento negro e indígena parecia ser persistente na sociedade brasileira, ao longo da história até aquele momento.

Sobre essa questão, Pierson afirma que a sociedade escravocrata baiana não teria se conformado em castas como nos Estados Unidos ou na Índia, pois historicamente a miscigenação teria incorporado o negro e o indígena ao grupo dominante branco. Contudo, a função da casta vai no sentido oposto, de manter a integridade racial do grupo dominante. Assim, o sociólogo pondera que a situação racial baiana não se conformou desse modo pois o branco brasileiro em momento algum sentiu seu *status* ameaçado pelo preto ou mestiço (PIERSON, 1971). Segundo ele, nos Estados Unidos os brancos nutriram ressentimentos contra os negros por conta de supostos ataques injustificáveis, como os que teriam ocorrido no período da *Guerra de Secessão* e durante a *época da Reconstrução*. Essa situação teria

causado aos brancos um terror profundo que foi passado aos seus descendentes, criando um revanchismo de cunho racial. Em comparação, no caso baiano Pierson diz:

[...] as relações entre as raças têm sido, na Bahia, íntimas e cordiais. A ordem moral dos engenhos baianos que, como vimos, foi organizada, em grande parte numa base familiar e pessoal, continuou sem grandes modificações de importância até a época atual; e através dos sentimentos pessoais, grande número dos membros das diversas raças de há muito se identificam uns com os outros, compartilham as experiências pessoais e vieram, assim, a apreciar sua qualidade humana comum (PIERSON, 1971, p. 357).

Na perspectiva de Pierson, o *problema racial* brasileiro é que parte dos negros resistia à assimilação pelo grupo dominante branco, em virtude de existir no país uma ideologia racial não-formal que seria sintetizada na frase *Nós brasileiros, estamos nos tornando um só povo* (PIERSON, 1971). Esse discurso reflete o processo de miscigenação que deveria apagar negros e indígenas – física e culturalmente – em favor de permanecer apenas o *povo brasileiro*, idealização calcada na brancura física e na cultura europeia. Pierson tomava como um dado esse fenômeno da assimilação do elemento negro pelos brancos, em que seria apenas uma questão de tempo até que isso ocorresse definitivamente. Em virtude dele considerar que, no Brasil, a ordem social era baseada em classes e não em castas, como foi nos Estados Unidos, nosso país teria a conformação de uma *sociedade de classes multirracial*.

Virgínia Bicudo em sua dissertação toma como pressuposto que a sociedade paulistana está estruturada em classes, ao contrário de Pierson, que ao longo de sua pesquisa irá concluir que nosso país era estruturado em classes, pois ele tinha como principal parâmetro a estrutura societária estadunidense. Bicudo demarca que sua pesquisa está circunscrita à cidade de São Paulo, ou seja, ela não pretende que conclusões sobre a *situação racial* na cidade sejam generalizadas para o país inteiro, enquanto seu orientador chega às conclusões sobre relações raciais no Brasil a partir de sua pesquisa restrita à Salvador. Virgínia Bicudo apenas tangencia a questão do embranquecimento intergeracional dos negros na capital paulista, que aparece principalmente nas falas de seus entrevistados.

No entanto, o que a socióloga se aprofunda em investigar é a absorção de valores e conceitos dos brancos por parte dos pretos e mulatos, até sobre si próprios. Em certo momento ela inclusive usa a categoria psicanalítica de *identificação*, ao afirmar que “o preto adquire as maneiras de pensar e sentir do branco também no que se refere ao próprio preto” (BICUDO, 2010, p. 97), o que os fazem reproduzir discursos autodepreciativos racistas. Essa

questão da absorção dos valores do branco pelos negros é uma das principais discussões levantadas na pesquisa por Bicudo, aparecendo fortemente nas falas dos seus entrevistados.

Quanto à existência de um *problema racial* no Brasil, Virgínia Bicudo não se propõe a responder isso de modo explícito na pesquisa. No entanto, as conclusões de sua dissertação apontam para a existência de um preconceito baseado na cor que atinge os negros. As tensões decorrentes disso, sejam latentes ou abertas, afastam-se da harmonia que Pierson considerava existir na *situação racial brasileira*. Assim, vemos que Bicudo divergia da noção formulada por Pierson sobre o *problema racial* no Brasil, pois ele considerava isso consistia na resistência dos descendentes de africanos à assimilação, mesmo que não aborde isso diretamente no texto.

3.3.2. Análise da bibliografia da disciplina *O Negro no Brasil*

Neste momento iremos passar para a análise da presença de alguns autores na bibliografia da disciplina *O negro no Brasil*, que foi cursada por Bicudo durante seu mestrado. O próprio Pierson marca presença com sua tese, e com seis artigos que tratam sobre a questão racial em Salvador e no Brasil: *O negro na Bahia*; *A distribuição espacial das classes e das raças na Bahia*; *A composição étnica das classes na sociedade baiana*; *Os africanos na Bahia*; *O camdomblé na Bahia*; *A situação racial brasileira*. Como vimos anteriormente, o estudo de Pierson em Salvador foi um norte para estruturar as temáticas a serem discutidas na sua disciplina, então é esperado que as suas próprias produções estariam presentes na lista de autores a serem lidos.

Um autor que aparece três vezes na bibliografia do curso é Gilberto Freyre, com seus livros *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos* (especialmente o capítulo *A ascensão do bacharel e do mulato*), além de dois artigos *The negro in brazilian culture and society* e *Social life in Brazil in the middle of nineteenth century*. Em ambos os livros está presente a temática das relações raciais entre senhores e negros escravizados ou alforriados, permeada pela acomodação entre esses dois grupos antagônicos baseada na miscigenação.

3.3.2.1. Comparação entre capítulos de *Sobrados e Mucambos* e *Negroes in Brazil*

Ainda sobre Freyre, vamos fazer uma breve comparação entre o capítulo *A ascensão do bacharel e do mulato*, de *Sobrados e Mucambos*, e o capítulo *Ascensão social dos mestiços*, da tese de Pierson, visto que esse capítulo de *Sobrados e Mucambos* foi incluído na ementa do curso com destaque pelo sociólogo estadunidense. Freyre (2004) começa o capítulo pontuando que as duas grandes forças surgidas no período do Brasil Imperial foram o bacharel e o mulato, as quais muitas vezes estavam fundidas em uma só. Ao mesmo tempo houve um enfraquecimento do poder patriarcal, com a expansão das cidades e a transmutação das casas grandes em sobrados e das senzalas em mucambos. Esses bacharéis, que poderiam ser brancos ou mestiços, tinham como característica central sua formação em universidades europeias, trazendo, no retorno à terra natal, os comportamentos e valores alinhados a uma burguesia que emergia na Europa. A ascensão dos bacharéis como personagens sociais e políticos importantes no Império ocorreu pelas suas ligações com os senhores patriarcais, seja como filhos – quase sempre ilegítimos – ou como genros.

No caso dos bacharéis mestiços, Freyre identificou que alguns intelectuais, mesmo ao melhorarem sua condição de vida, permaneceram com marcas psicológicas resultantes do racismo direcionada a eles, em razão de seu fenótipo africano. Eles sofriam o racismo ainda que fossem miscigenados em uma sociedade na qual o padrão era a brancura. Ao falar sobre essas marcas psicológicas presentes nos poetas mestiços do século XIX, Freyre descreve-as como “[nota] aparentemente de simples ressentimento mal dissimulado em tristeza romântica, em mágoa individual, em dor abafada de namorado infeliz” (FREYRE, 2004, p. 728).

Sobre os mulatos, Freyre (2004) apontou que historicamente eles conseguiam a alforria com seus senhores de modo mais fácil que os negros de pele escura, sendo as cidades surgidas no século XIX um cenário propício para a sua ascensão social, por meio do saber manual ou universitário. No entanto, ele também relata a situação de mulatos filhos de imigrantes, vindos de países como Portugal ou Itália, que nasceram e cresceram em condição de marginalização social, nos mucambos e cortiços das cidades.

Nesse meio urbano que emerge durante o Império houve uma quebra na acomodação existente entre senhores e escravizados. Onde antes haveria equilíbrio e proximidade, transformou-se em acirramento entre os brancos e os descendentes de africanos. Segundo Freyre (2004), o remédio contra esse temor branco, de uma rebelião negra, foi o mestiço, uma figura pertencente a “dois mundos”, capaz de reacomodar o antagonismo crescente.

Agora faremos breves considerações sobre o capítulo de *Negroes in Brazil* chamado *Ascensão social dos mestiços*. Pierson (1971) inicia o capítulo afirmando que desde o início da colonização a mestiçagem criou um contingente de pessoas miscigenadas, que tiveram sua ascensão social facilitada em relação aos pretos. Esses escravizados mestiços costumavam ficar destinados às tarefas domésticas, que os permitiam benefícios, como o batismo, pelo senhor proprietário. Devido à proximidade com esses senhores, os mestiços desde o período colonial começam a fazer parte da classe de homens livres. Pierson também aponta que o desenvolvimento das cidades propiciou o progresso social dos mestiços, pela via da especialização técnica ou das academias superiores, além daqueles que iam realizar seus estudos universitários na Europa e retornavam como bacharéis.

Nesse contexto, houve uma transferência de poder da aristocracia rural branca à intelectualidade urbana, que incluía vários desses mestiços – em especial os mais claros, segundo Pierson (1971). Essa situação deu-se por conta da *ruptura* da ordem escravocrata e também devido a dependência cada vez maior dos proprietários rurais em relação aos intermediários urbanos. Nesse período de mudanças, Pierson afirma que o processo de abolição no Brasil não foi via rompimento da ordem, mas aconteceu de modo gradativo, o que facilitou a ascensão desses mestiços.

Apesar da sua facilidade de ascensão em relação aos pretos, os mestiços também tinham sensibilidade à sua origem racial, por carregar as marcas de *status* inferior (PIERSON, 1971). A partir dessa comparação, podemos perceber que a perspectiva de Donald Pierson sobre a ascensão social dos mestiços no Brasil dialoga bastante com as formulações de Freyre em *Sobrados e Mucambos*.

Dessa forma, podemos perceber que o mestiço ocupa um lugar de destaque nas análises de Freyre, Pierson e Virgínia Bicudo, ainda que de modos diferentes. Os dois primeiros fazem análises de natureza histórica, enquanto que Bicudo mantém seu recorte de pesquisa restrito ao seu período contemporâneo. Virgínia Bicudo (2010) estabelece como pressuposto em seu estudo que entender o *status* social da pessoa mestiça é um parâmetro para entender a *situação racial*, o que a leva a realizar uma análise das atitudes raciais de pretos e mulatos separadamente.

A análise histórica de Pierson, sobre a maior possibilidade de ascensão dos mestiços em comparação aos negros de pele escura durante o Império, será importante para reforçar seu argumento sobre uma *sociedade multirracial de classes*, pois seria uma das evidências acerca da não-existência de uma sociedade de castas no Brasil, com completa rejeição dos brancos

aos negros. Isso reforça que Pierson entendia que descobrir o lugar do mestiço era importante para a análise de uma *situação racial*. No entanto, ele e Bicudo chegam a conclusões diferentes: para Pierson, a possibilidade de ascensão social de mestiços aponta para uma acomodação racial pacificada; enquanto Virgínia Bicudo aponta que até pode existir ascensão social para pretos e mestiços, mas isso não significa a pacificação das tensões raciais.

3.3.2.2 Análise de outros autores da bibliografia

Retornando para a análise da bibliografia, o médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues está presente com os livros. *Os africanos no Brasil* e uma versão francesa de *O animismo fetichista dos negros na Bahia*. De acordo com Lilia Schwarcz (2009) há uma imagem paradoxal sobre Rodrigues. A primeira obra é responsável por grande parte do legado considerado positivo do médico, por conta do seu esforço no levantamento e classificação dos povos africanos que residiram no país, considerado pioneiro na antropologia brasileira. Por outro lado, Nina Rodrigues foi um intelectual-chave do *racismo científico*, pois defendia que os descendentes de africanos possuíam características inatas – físicas e psicológicas – que os tornariam inferiores aos brancos, além de considerar a miscigenação uma degenerescência para a nação brasileira. Essa inferiorização biológica do negro estava baseada em pressupostos falsamente científicos, como a medição de aspectos físicos, como o tamanho do crânio.

Arthur Ramos, herdeiro intelectual de Nina Rodrigues, também está presente na bibliografia de *O negro no Brasil*. Médico de formação e especializado em psiquiatria clínica e medicina forense (SILVA, 2012), tornou-se catedrático de Antropologia e etnografia na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 1939 (MENEZES, 2014), trabalhando na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) até falecer precocemente aos 46 anos em 1949. As obras de Ramos que estão na bibliografia, entre livros e textos mais curtos são: *O negro brasileiro*, *O folk-lore negro do Brasil*, *As culturas negras no novo mundo*, *O espírito associativo do negro brasileiro*, *Castigos de escravos*, *O negro e o folk-lore cristão no Brasil*, *Negros escravos*.

Segundo Isabela Oliveira Pereira da Silva (2012), Arthur Ramos foi um interlocutor importante na vinda de Pierson ao Brasil, facilitando sua inserção no campo da pesquisa em Salvador. Isto porque Ramos formou-se em medicina na Bahia e tinha múltiplos contatos na

cidade, facilitando a inserção do sociólogo estadunidense em espaços distintos como os círculos das elites soteropolitanas e os terreiros de Candomblé.

Junto à Nina Rodrigues, Francisco José de Oliveira Vianna foi outro adepto do racismo científico, acreditando que o processo de *arianização* do Brasil estava em marcha na sua época. Ele esteve representado na bibliografia com seu livro *Evolução do povo brasileiro*. O fato dele estar presente apenas com um de seus livros pode ser um sinal de que suas formulações sobre raça tinham perdido força durante os anos 1940. Nos anos 1930 ocorreu uma virada no paradigma do pensamento hegemônico sobre raça no Brasil: houve a saída de um racismo científico, perspectiva adotada por Oliveira Vianna, para um paradigma da cultura (CAMPOS; GOMES, 2016), sendo Gilberto Freyre um autor importante nesse novo momento. Oliveira Vianna foi um autor cujas formulações sobre a questão racial, assentada na inferioridade biológica dos negros em relação aos brancos, começavam a perder força no novo contexto histórico-intelectual. Ainda que esse fato seja verdade, não significa que Oliveira Vianna seja um autor rejeitado por Pierson, pois em sua tese há um agradecimento a ele pelo auxílio dado na pesquisa, além de ter afirmado que o considera um intérprete competente do Brasil (PIERSON, 1971). Contudo, mesmo com a perda de força do racismo científico, no período entre a I e II Guerra Mundial o movimento eugenista permanecia existindo (DÁVILA, 2006), abrigando ideias de defesa da superioridade racial branca.

Entre os autores estrangeiros da bibliografia de *O negro no Brasil* se destaca o nome de Roger Bastide, sociólogo e antropólogo francês, que fez carreira no Brasil vindo ao país como um dos integrantes da chamada *missão francesa* na Universidade de São Paulo (USP), chegando em 1938 e voltando para a França em 1954 (PEIXOTO, 2009). Segundo Peixoto (2009), a partir da chegada ao Brasil seus temas de pesquisa se ampliaram-se para o folclore, a arte popular, a possessão no candomblé, artes visuais e a arquitetura e as interações entre negros e brancos na sociedade brasileira, sendo o sincretismo a questão central de Bastide.

As obras que aparecem na bibliografia da disciplina é um dos capítulos da coletânea *Psicanálise do cafuné*, um artigo acadêmico chamado *Etat actuel des études afro-brésiliennes* e outros 10 textos publicados no *Estado de São Paulo*, vários deles sobre poesia afro-brasileira e também sobre o poeta negro Cruz e Souza. Em relação a *Psicanálise do cafuné*, que tinha o subtítulo *Estudos de sociologia estética brasileira*, trata-se de uma coletânea de cinco textos publicado pela primeira vez em 1941 por Bastide, que de acordo com Raveau (2016) busca produzir leis gerais a partir da multiplicidade das culturas e, utilizando exemplos da cultura nacional, mostrar a inserção dessas leis gerais no interior da cultura brasileira.

3.3.3 *Negroes in Brazil*: o mergulho de Pierson na capital mais negra do país

Após a análise da bibliografia da disciplina *O negro no Brasil*, agora iremos analisar de forma mais detida a tese de Donald Pierson, chamada *Negroes in Brazil*. Percebemos a sua importância para a pesquisa de Virgínia Bicudo por dizer-nos na primeira página da dissertação que a tomou como base para sua pesquisa. A tese é resultado da pesquisa de doutorado feita por Pierson, cujo campo foi realizado entre 1935 e 1937 na cidade de Salvador, sendo publicada nos Estados Unidos em 1942. Por conta disso é incontornável que Virgínia Bicudo o utilize para balizar seu próprio estudo na cidade de São Paulo.

Segundo Antônio Sérgio Guimarães (2009), Pierson foi um pioneiro ao introduzir técnicas modernas de pesquisa de campo no Brasil. Assim, a pesquisa do sociólogo estadunidense utilizou-se de diferentes técnicas como entrevistas, observação participante, “histórias de vida” de personalidades negras, levantamento de dados censitários e aplicação de questionários (MAIO; LOPES, 2017). Esses métodos diversos contribuiriam para seu objetivo de traçar um quadro amplo da *situação racial brasileira* a partir da capital baiana: segundo Pierson (1971) esse seria o local ideal para sua análise, por ocorrer ali, durante séculos, a *acomodação racial* entre descendentes de africanos, brancos e indígenas.

Um dado importante é que na tese de Pierson ele utiliza constantemente o termo *Bahia*, mas sempre se referindo à cidade de Salvador (SILVA, 2012). Afirma, também, que as formas culturais africanas foram bastante preservadas na cidade ao longo das épocas pois as chamadas *unidades tribais* não foram quebradas, o que permitiu a transmissão da herança cultural desses povos via tradição oral. Pierson, enquanto um pesquisador estrangeiro, escolheu Salvador por considerar a cidade representativa da *situação racial brasileira*. Enquanto isso, Virgínia Bicudo faz sua pesquisa em uma capital do Sudeste, marcada naquela época pelo intenso processo de industrialização, pela presença de imigrantes europeus e seus descendentes dentre a população paulista. Esses fatos fazem de São Paulo uma cidade com uma dinâmica sociocultural diferente de Salvador. Outra diferença é que, na pesquisa de Virgínia Bicudo, não há uma discussão sobre as formas culturais africanas em São Paulo, sendo o foco da pesquisa as interações entre raça e classe.

Além disso, Pierson considera que o grande número de *negros de ganho* na cidade – escravizados dedicados ao comércio, que tinham maior liberdade de circulação – colaborou

para a preservação dessas formas culturais, uma vez que reuniam ao redor de si diversos negros livres e que ainda não haviam sido aculturados. No prefácio à primeira edição estadunidense de *Negroes in Brazil*, Pierson (1971) relata sua escolha por empreender sua pesquisa no Brasil, pois seria o caso de uma *situação racial* diferente tanto da Índia, cuja ordem social era baseada em castas, quanto dos Estados Unidos, onde à época o negro estava passando de um *status* de casta para ser considerado uma *minoria racial*.

Gilberto Freyre, por meio de seus livros *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, foi um autor fundamental para a construção da tese de Pierson, como ele próprio admite, em um dos apêndices da pesquisa (PIERSON, 1971), ao listar as obras de autores brasileiros que mais lhes foram úteis. Um dos capítulos da tese faz uma reconstituição da colonização portuguesa na América que é muito similar à narrativa freyreana, mostrando o suposto caráter íntimo da relação entre escravizados e senhores patriarcais, o que teria suavizado a violência do regime escravocrata:

Embora prosseguissem as asperezas peculiares ao sistema de grandes propriedades agrícolas, as circunstâncias em que a assimilação gradual se dava eram, ordinariamente, circunstâncias impostas por uma suave forma de escravidão, na qual o desenvolvimento natural e contínuo de relações pessoais íntimas tendeu a humanizar mais a instituição e a modificar ao ponto o seu caráter formal e legal [...] (PIERSON, 1971, p. 148, grifos nossos).

Pierson ainda argumenta que os poucos casos de violência extremada contra escravizados ocorriam ou quando os senhores não residiam no local, ou quando estariam ameaçados por insurreições, ou em circunstâncias nas quais negros resistiam ao jugo escravocrata – nesses casos Pierson ainda alega que vários desses episódios de violência eram perpetrados por feitores negros ou mestiços. O subtexto desse raciocínio de Pierson é que a escravidão portuguesa em seu funcionamento normal seria caracterizada por uma benevolência, sendo esses episódios de violência apenas desvios de uma normalidade não-violenta. Ao olhar de forma mais crítica para a história brasileira, essa é uma visão bastante idealizada sobre a escravidão provocada pelos portugueses.

Quando analisa a distribuição racial entre as classes de Salvador à época, Pierson (1971) argumenta que os descendentes de africanos, em especial os negros de pele escura, concentravam-se principalmente na classe mais pobre pela sua condição original de sujeitos escravizados, sua posição de desvantagem ao receber alforria, suas oportunidades limitadas para melhorar sua situação social e o curto distanciamento histórico do fim da escravidão. Em relação às ocupações havia a seguinte situação: os pretos e mestiços escuros concentravam-se

nos empregos de baixos salários e *status* social, possuíam pouca presença nos empregos médios e eram quase inexistentes nos melhores empregos; mestiços mais claros concentravam-se nos empregos médios, mas também eram bastante presentes nos melhores empregos; os brancos, por sua vez, eram quase inexistentes nos empregos com salários baixos, enquanto predominavam nos melhores postos de trabalho.

O sociólogo estadunidense até admitia que existiam situações de discriminação contra negros, mas não seriam em decorrência de sua cor. No entanto, ele afirma que se essa discriminação fosse apenas por causa da cor, ou principalmente por consequência dela, isso implicaria que a cor se constituiria em um critério de posição social. Ou seja, para Pierson, a cor em si mesma não é o motivo da discriminação. Assim, essa eventual discriminação não encontraria apoio na opinião pública, passando a impressão que não seria um fenômeno ostensivo. Por conta disso, a *situação racial brasileira* seria marcada por um preconceito de classe que existiria contra os negros, pelo fato deles ocuparem os estratos sociais mais baixos e não devido à cor propriamente dita.

Dito isso, Virgínia Bicudo expressa um momento de ambivalência em relação a *Negroes in Brazil*, ainda que conclua sua dissertação afirmando a existência do preconceito com base na cor contra pessoas negras. Bicudo aproxima-se da interpretação de seu orientador acerca da centralidade da discriminação de classe em detrimento da cor e afirma o seguinte sobre as atitudes raciais nas classes intermediárias:

Entre nós, a cor apresenta o mesmo característico das classes sociais, no sentido de poder ser superada, constituindo, portanto, um dos fatores a se levar em conta na determinação do status social. As atitudes de consciência de cor do mulato, apesar de integrado ao grupo dominante, seriam a manifestação do fenômeno semelhante àquele que se verifica em indivíduos que subiram de uma classe para a outra (BICUDO, 2010, p. 123, grifos nossos).

Para corroborar esse raciocínio ela cita a tese de Pierson (1971), na qual ele afirma que a cor do indivíduo é um atributo de *status* dentre vários, que poderia ser contrabalanceada e superada caso apresentasse outras características, ainda que a cor coincida fortemente com o *status* de pessoas pobres. Em nossa interpretação, esse trecho mostra uma ambivalência, na medida em que Bicudo abre a possibilidade para outras características individuais superarem a cor negra em contextos de ascensão social, sendo esse um dos argumentos usados por Pierson para defender que descendentes de africanos sofreriam apenas um preconceito de classe.

A ambivalência em Virgínia Bicudo está em superar o atributo da cor pela ascensão de classe. Entretanto, o seu principal argumento para definir a existência de um *preconceito de cor* é precisamente a ascensão de mulatos condicionada ao branqueamento no fenótipo e no comportamento. Talvez, esse tenha sido um movimento de concessão feito por Virgínia Bicudo a Donald Pierson em virtude de sua condição de orientanda, servindo como estratégia para viabilizar sua pesquisa. Também há a possibilidade de que essa ambiguidade seja apenas aparente, se pensarmos que essa superação da cor por outros atributos individuais para ascensão, na lógica de Pierson, não impeça que esse indivíduo que ascendeu socialmente também sofra *preconceito de cor* nessa nova situação, como Bicudo mostra ao longo de sua dissertação.

Voltando para a análise de *Negroes in Brazil*, a partir desses entendimentos sobre a distribuição racial dentro das classes sociais, Pierson (1971) afirma que o Brasil se constituía como uma *sociedade multirracial de classes*. Quando o sociólogo cunhou essa expressão para definir o modelo de relações entre negros e brancos no país, notamos que ele visualizava principalmente a dicotomia entre classe e casta na sua análise. De acordo com o próprio Pierson (1945b) em artigo da *Sociologia*, o primeiro modelo permitiria a mobilidade social dos indivíduos, a partir de atributos meritocráticos ou devido a circunstâncias fortuitas; enquanto isso uma sociedade de casta seria organizada em grupos fechados e hereditários, sem possibilidade de mobilidade social.

Segundo Pierson, não teria se desenvolvido um sentimento de casta em Salvador, talvez pelo branco nunca ter se sentido ameaçado pelos descendentes de africanos enquanto grupo, ou por nunca ter sofrido afrontas ou ataques por parte dos negros. O sociólogo dá como exemplo oposto os Estados Unidos, cujo sentimento de ameaça em relação aos negros estava evidente nos brancos por conta dos acontecimentos durante a *Guerra de Secessão* e o período da *Reconstrução*. Nesse sentido, quando Pierson está em Salvador analisando a *situação racial brasileira*, sua referência analítica é principalmente a oposição abertamente conflitiva entre negros e brancos nos Estados Unidos.

Pierson não chega a negar que exista alguma animosidade entre os brancos e negros no Brasil. Por exemplo, ele mostra uma série de insultos e de provérbios ofensivos que estavam baseados na cor em um dos apêndices da tese. No entanto, ele considera que esses ditos populares seriam mais *sobrevivências culturais* do período escravocrata do que uma forma de discriminação baseada na cor, além de não se tratarem de mitos raciais, presentes em uma sociedade de casta (PIERSON, 1971). Ele também cita o etnocentrismo dos brancos de

Salvador em relação ao candomblé e outras formas culturais africanas, manifestado com hostilidades, argumentando que tal conduta é motivada por uma rejeição ao africano enquanto estrangeiro e não ao negro como totalidade. Dessa forma, o antagonismo vindo dos brancos teria cunho mais cultural que racial. Tendo em vista essas explicações sobre as particularidades da *situação racial brasileira*, Pierson (1971) afirma que no Brasil não haveria um *problema racial* como na Índia ou no segregacionismo estadunidense. Ao contrário, ele aponta que o *problema racial* do Brasil seria a resistência que os negros pareciam oferecer à assimilação.

Para efeito de comparação, em sua pesquisa na cidade de São Paulo, Virgínia Bicudo toma como pressuposto o que Pierson traz como uma de suas descobertas da pesquisa em Salvador: a abertura para ascensão social de indivíduos pretos e mulatos. No entanto, se em Pierson esse é um dos principais indícios para considerar a *situação racial brasileira* enquanto harmônica, para Bicudo tal condição não esgota sua investigação sobre as tensões raciais. O racismo contra pretos e mulatos ocorre com aqueles das classes baixas, porém atinge os indivíduos que ascendem para as classes intermediárias. Por conta disso, eles carregam concepções negativas sobre si mesmos, presentes nas suas subjetividades, ao passo que introjetam o discurso dos brancos acerca deles mesmos (BICUDO, 2010).

Para explicar esse processo, Bicudo usa a categoria psicanalítica de *identificação*, que ocorre através de *contatos primários* com brancos, em especial durante a infância. Quando a socióloga analisava a atuação da *Associação de Negros Brasileiros* utilizou a categoria psicanalítica de *recalcamento*. Isso porque, se inicialmente a atuação desse grupo era baseada na animosidade contra o branco, ao sofrer represálias desse grupo dominante a ação passou a se direcionar contra o negro que seria *traidor da raça*. Assim, a categoria de *recalcamento* era mobilizada para refletir sobre essas atitudes de submissão dos negros por medo de represálias dos brancos.

Bicudo mobiliza categorias psicanalíticas para abordar processos que atravessam pretos e mulatos, sendo tais informações obtidas principalmente por meio de entrevistas. Assim, a socióloga mostra como a análise de uma *situação racial* não precisa restringir-se a identificar se pretos e mulatos ascendem socialmente ou não. A atenção da sua investigação está voltada para as experiências interpessoais de racismo, como aquelas ocorridas na infância, no ambiente de trabalho e nas relações amorosas. Se em *Negroes in Brazil*, a ascensão social de *indivíduos de cor* é a principal prova da inexistência do preconceito calcado na raça, Virgínia Bicudo faz uma inversão em sua pesquisa: o fato de pretos e mulatos

ascenderem de classe, e ainda assim sofrerem restrições dos brancos, oferece a ela evidências para confirmar a existência de um preconceito baseado na cor em São Paulo. Temos ainda o fato que pretos e mulatos aumentam sua *consciência de cor* ao ascender para a classe intermediária pois, ao se encontrar nesse novo estrato social, é revelado mais fortemente o impacto da cor em suas interações sociais.

O uso de entrevistas como principal metodologia serviu como um dos fundamentos para Virgínia Bicudo colocar as tensões raciais no primeiro plano de sua pesquisa. Não apenas o uso em si, mas a forma como Bicudo as mobiliza em sua dissertação, dando grande espaço para o relato direto de pretos e mulatos entrevistados em seu texto, ao invés de apenas parafrasear essas falas. A socióloga consegue realizá-las de modo que essas pessoas verbalizem situações de sofrimento causadas pelo racismo em diferentes contextos de ambientes e de classes sociais.

Outro elemento que coloca as tensões raciais em destaque no estudo de Virgínia Bicudo é a *Associação de Negros Brasileiros*, pseudônimo criado para se referir a uma organização do movimento negro que existiu entre 1931 e 1937. A socióloga utilizou entrevistas com uma das lideranças da organização, análise de documentos e de matérias veiculadas em seu jornal, para investigar as atitudes raciais de pretos e mulatos por meio de uma instituição. Ao mobilizar esse material empírico, Bicudo mostra os objetivos, as estratégias de ação e os conflitos internos da *Associação*. Segundo ela, os agremiados da organização “Procuravam conseguir melhores condições econômicas e físicas, mas visavam também à elevação do nível intelectual e moral do negro” (BICUDO, 2010, p. 129). O fato da *Associação* ter como norte o enfrentamento ao racismo, e ter sido criada para combatê-lo, faz com que a tensão racial seja ainda mais presente no trabalho de Bicudo, por trazer essa outra camada para a perspectiva de pretos e mulatos.

No início da análise sobre a *Associação* há mais uma ambiguidade interpretativa de Virgínia Bicudo em relação a *Negroes in Brazil*. Ela inclui uma citação na qual Pierson explica que os negros estão concentrados nos piores empregos devido aos seus antepassados terem sido escravizados e também por carregarem as marcas raciais que teriam *status* inferior. Apesar disso, Pierson (1971) defende que o Brasil se constitui em uma *sociedade multirracial de classes*, em virtude de pretos e mulatos terem a possibilidade de ascender socialmente caso possuam atributos individuais para tal, mesmo que a cor coincida em grande medida com as classes sociais. A socióloga endossa esse apontamento de Pierson no que se refere à concentração de negros nos piores empregos (BICUDO, 2010), porém a causa dessa situação

não é a mesma para Bicudo. Logo após trazer no texto um relato do militante da *Associação* sobre as condições precárias dos negros no ambiente de trabalho, Bicudo observa que haveria uma diferença entre Salvador e São Paulo, pois na capital paulista os negros teriam mais dificuldade de ascender por conta do mérito, em virtude de sofrerem restrições em razão do racismo. Para fundamentar isso, ela cita trechos dessa mesma entrevista na qual o entrevistado relata as dificuldades que os negros encontravam para obter emprego, fossem eles pouco ou muito qualificados.

Nesse trecho da dissertação ela parece fazer uma aproximação com as conclusões de *Negroes in Brazil*, mas logo depois ela se afasta, colocando em dúvida se a tese de Pierson explica a *situação racial brasileira* de modo tão satisfatório como ele considerava que havia conseguido. Isso pelo fato da ascensão de pretos e mulatos em São Paulo não ser explicada nos termos estabelecidos pelo sociólogo estadunidense em sua tese, que pretendia capturar a realidade nacional como um todo. Essa passagem da dissertação é representativa da dinâmica entre Virgínia Bicudo e a tese de Pierson, no que tange à análise da questão racial: divergências frontais não-ditas abertamente, ao mesmo tempo em que ela faz concessões ao estudo de seu orientador. Apesar dessa dinâmica ambígua, a socióloga firma sua posição divergente com Pierson no último parágrafo da última página da dissertação, ao listar o que ela chama de *hipóteses* de sua pesquisa, que não é senão as conclusões:

7) Pela integração do mulato no grupo dominante das classes sociais intermediárias, sugerimos a hipótese de tratar-se de discriminação baseada na cor, visto perder significação desde que o indivíduo apresente características do grupo dominante e na medida em que sua pele vai “branqueando”, não sendo, portanto, levada em conta sua origem (BICUDO, 2010, p. 163, grifos nossos)

Outro fator importante para Virgínia Bicudo executar uma análise mais acurada, dando centralidade às tensões raciais, foi não estar presa ao padrão de relações raciais dos Estados Unidos para entender a *situação racial* em São Paulo, apesar de utilizar autores estadunidenses como referências. Percebemos isso pois ela pouco menciona a *situação racial* dos Estados Unidos em seu estudo. Desse modo, Bicudo consegue utilizar seu ferramental teórico-metodológico para entender as nuances do padrão de relações raciais em sua realidade local, sem ter a *situação racial* estadunidense como um referencial à sua análise.

Ainda que Bicudo não externalize suas divergências de forma explícita em sua dissertação e faça movimentos ambíguos frente à *Negroes in Brazil*, suas conclusões a respeito do padrão de relações raciais em São Paulo confrontam-se diretamente com as

formulações de Donald Pierson sobre a *situação racial brasileira* em sua obra. Virgínia Bicudo cria uma rachadura na imagem do Brasil como um país racialmente harmônico, endossada por Pierson em sua tese, que por sua vez significa negar o *mito da democracia racial* como uma realidade. Neste sentido, dentro do cânone da Sociologia brasileira ela foi uma das intelectuais que lançou a semente do questionamento desse *mito*. A socióloga em sua dissertação aponta para o horizonte de que, por trás de uma aparente acomodação harmônica, existe uma manutenção brutal de hierarquia racial com consequências econômicas, sociais e psicológicas aos pretos e mulatos em razão de sua cor, os quais sofrem de diferentes formas, seja na classe “inferior” ou na intermediária.

3.4. O RACISMO DE TIPO BRASILEIRO EM ORACY NOGUEIRA

Agora passaremos nossa análise para outro orientando de Donald Pierson na ELSP, Oracy Nogueira (1917-1996). Ele foi colega de Virgínia Bicudo na primeira turma de mestrado na Divisão de Estudos Pós-Graduados da ELSP, tendo por resultado de sua pesquisa a dissertação *Vozes de Campos do Jordão*, defendida em 1945 (CAVALCANTI, 1999). Esse trabalho se debruça sobre as relações sociais criadas entre os doentes portadores de tuberculose, suas relações com os profissionais de saúde e com a sociedade ao redor do sanatório voltado para o cuidado desses pacientes, localizado na cidade de Campos do Jordão (MAIO, 2014), em São Paulo.

Oracy Nogueira (1942) realizou durante seu mestrado na ELSP a pesquisa que resultou no artigo *Atitude desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relação aos empregados de cor*, publicada na revista *Sociologia*. Nele, o sociólogo analisa anúncios de emprego publicados entre os dias 1º e 31 de dezembro de 1941 no jornal *Diário Popular*. Nogueira inicia o artigo levantando os protestos de organizações das sociedades negras da época, que reclamavam do preconceito existente na restrição de oferta de emprego que excluía os negros, em que diversos anúncios eram direcionados apenas para pessoas brancas. Segundo ele “[...] se nota a existência de uma atitude desfavorável, da parte de certos habitantes de São Paulo, em relação às pessoas de cor” (NOGUEIRA, 1942, p. 329). O sociólogo já inicia seu estudo com esse pressuposto e irá esmiuçá-lo no decorrer de seu trabalho.

Nogueira argumenta que evitou usar a categoria *preconceito* para se referir às restrições impostas aos postulantes negros aos empregos anunciados, até ter certeza que os fatos relatados fossem aqueles de mesma natureza os quais os sociólogos estadunidenses consideravam como *preconceito de raça*, com diferença de intensidade no caso do Brasil (NOGUEIRA, 1942). Ele considera que os negros em São Paulo poderiam ser vítimas do *preconceito de raça*, como nos Estados Unidos ou na África do Sul, ou de um *preconceito de classe*, que atingiria os negros de modo indireto por sua condição de pobreza. No entanto, ao concluir sua investigação ele propõe a categoria de *preconceito de cor* como alternativa às outras duas, para explicar a situação dos negros em São Paulo. O *preconceito de cor* é:

[...] diferente do preconceito de raça, visto que este subsiste mesmo quando o indivíduo não apresenta exteriormente, qualquer característica da raça considerada inferior (como nos Estados Unidos, onde uma pessoa inteiramente loira, de olhos azuis e sem qualquer traço negróide pode sofrer as consequências do preconceito de raça, uma vez que se saiba que ela teve um ascendente negro, ainda que muito remoto); o preconceito de cor, seria, também, diferente do preconceito de classe, por atingir mesmo pessoas das chamadas “classes superiores”, uma vez que sejam de cor negra ou parda (NOGUEIRA, 1942, p. 357, grifos nossos).

Por fim, ele afirma que o *preconceito de cor* se impõe de modo mais intenso na medida em que o indivíduo tem a pele escura. Aproximando-se dessa conclusão, ao analisar as atitudes dos mulatos de classes intermediárias em sua dissertação e a possibilidade deles obterem *status* de branco, Virgínia Bicudo (2010, p. 122) conclui que “o mulato é discriminado na medida em que lembre sua origem africana, principalmente pela cor”. Ela conclui, a partir das entrevistas com esse grupo, que eles sofrem menos preconceito ostensivo à medida que seu fenótipo esteja mais próximo do branco e, além disso, também possuam comportamentos que sejam associados aos brancos. Isto é, que não fossem considerados alcóolatrás, tivessem comportamento sexual desregrado ou adeptos da *vadiagem*. Bicudo (2010) também aponta que nos Estados Unidos ou na África do Sul o preconceito é exercido pelo grupo racial dominante contra todos aqueles identificados como descendentes da raça oprimida, categorizando esses contextos pelo *preconceito de raça* desenvolvido por Nogueira.

Nesse sentido, Virgínia Bicudo mobiliza em sua dissertação o conceito de *preconceito de cor* criado por Oracy Nogueira no artigo, para subsidiar sua afirmação da existência de discriminação contra pessoas negras em São Paulo, ainda que esse fenômeno ocorra em uma dinâmica diferente daquela vigente nos Estados Unidos segregacionista daquele momento, que na época era usado como principal parâmetro para a análise da existência ou não de racismo no Brasil. Ou seja, o conceito é mobilizado em contraposição às categorias de

preconceito de classe e de raça. O fato desse conceito ter sido criado por Nogueira como um modo de entender o preconceito contra pessoas negras no Brasil, em comparação com a situação correlata nos Estados Unidos, torna importante seu uso por Virgínia Bicudo na pesquisa.

Dizemos isso pelo fato de que Oracy Nogueira nesse trabalho faz um movimento similar ao de Pierson em *Negroes in Brazil*. Enquanto o segundo analisa a *situação racial* em Salvador – generalizando para a *situação racial brasileira*, mas sempre usando como parâmetro a dinâmica estadunidense de relações raciais entre negros e brancos. O primeiro, por sua vez, conseguiu capturar as nuances do racismo existente no Brasil. Neste sentido, Pierson permaneceu preso à perspectiva do racismo nos Estados Unidos em sua análise: para ele o racismo era praticamente um sinônimo do segregacionismo de seu país natal, o que não o deixou perceber que um país como o Brasil, o qual teve um processo de formação histórica diferente dos Estados Unidos, poderia originar outra forma de racismo. Assim, em um movimento comparativo similar ao de Pierson, Oracy Nogueira chegou a um conceito final que se afasta da análise de seu orientador.

Virgínia Bicudo dá mais um passo para consolidar as divergências, entre os achados de sua dissertação com as conclusões de Pierson em *Negroes in Brazil*, ao mobilizar o conceito de *preconceito de cor* formulado por Oracy Nogueira. Portanto, a relação entre negros e brancos é regida pela tônica do conflito, não da harmonia. O fato de Nogueira ter sido colega de turma de Bicudo, no mestrado na ELSP, e terem sido ambos orientados por Pierson possivelmente mostra que, mesmo sob a orientação de um acadêmico que era figura forte na Escola e referência nos estudos sobre raça no Brasil, havia espaço para o tensionamento da imagem de um Brasil harmonioso racialmente.

Posteriormente à publicação desse trabalho na revista *Sociologia*, Oracy Nogueira realizou o chamado *estudo de comunidade* sobre relações raciais em Itapetininga, cidade no interior de São Paulo, fazendo parte do projeto Unesco. Ele foi um dos expoentes desse tipo de pesquisa, fato ligado à sua formação na ELSP, instituição que foi central para o desenvolvimento desse tipo de pesquisa no Brasil, durante a consolidação das Ciências Sociais no país (JACKSON, 2007; OLIVEIRA; MAIO, 2011). Segundo Nogueira, a comunidade é delimitada por:

uma área cujo âmbito é determinado pela distância a que se situam nas várias direções, os moradores mais afastados do centro local de maior densidade demográfica, havendo entre os moradores do núcleo central e os da zona circunjacente, assim delimitada, uma interdependência direta para a

satisfação de, pelo menos, parte de suas necessidades fundamentais (NOGUEIRA, 1955a, p. 95).

A pesquisa realizada por Oracy Nogueira no interior paulista levantou dados quantitativos e também qualitativos. Em relação à dimensão quantitativa ele utilizou da: análise da distribuição dos grupos raciais pelas classes sociais; levantamento do *valor do trabalho* de um escravizado ao longo do tempo; uma análise demográfica com recortes como raça, gênero e idade, em diferentes épocas do município; composição de clubes recreativos e irmandades católicas pelos postos de trabalho de seus membros.

Já a dimensão qualitativa o sociólogo realizou pesquisas como: uma observação participante para analisar a interação entre negros e brancos em diversos espaços de sociabilidade; entrevistas com moradores negros, mestiços e brancos; levantamento de provérbios e brincadeiras tradicionais que utilizavam estereótipos raciais; realizou uma investigação histórica que remontou à fundação de Itapetininga, mostrando que a cidade está conectada desde sua fundação ao sistema escravocrata; análise comparativa da ascensão social de estrangeiros, como italianos, e seus descendentes com os negros descendentes de escravizados. Dessa forma, levantando dados quantitativos e qualitativos, Nogueira buscou formular um quadro completo das relações raciais no município. Nesse sentido, Nogueira considerava que a cidade era uma espécie de microcosmo social do Brasil pois:

No município de Itapetininga está representada tôda a gama de condições e posições sociais que se podem encontrar no Brasil: famílias abastadas e tradicionais e elementos intermediários até a grande massa dos menos favorecidos; brancos, mulatos e pretos; imigrantes e seus descendentes; profissionais liberais, professores, funcionários burocráticos das repartições federais, estaduais e municipais, a massa dos pequenos trabalhadores urbanos e a proporção ainda maior dos trabalhadores rurais (NOGUEIRA, 1955b, p. 364).

Ao analisar o *estudo de comunidade* feito por Oracy Nogueira em Itapetininga, Marcos Chor Maio (1997) aponta que ele estabelece um diálogo crítico com a tradição consolidada dos estudos de relações raciais no Brasil da sua época, ao usar esse trabalho para tratar da *situação racial brasileira*, afirmando que Nogueira “colocou a sociedade brasileira no microscópio” (MAIO, 1997, p. 175). Esse diálogo crítico aconteceu, ao nosso ver, pois questiona o pensamento vigente naquele período, que a discriminação contra os negros no Brasil seria de cunho social e não racial.

Nogueira coloca em xeque essa ideia ao comparar a ascensão social de brancos descendentes de imigrantes aos negros em Itapetininga. No primeiro caso havia facilidade

dessas famílias ascenderem, enquanto que, no caso dos negros, quando havia ascensão, ela ocorria apenas individualmente por meio do casamento com pessoas brancas. Para Oracy Nogueira, o fato de descendentes de imigrantes brancos adquirirem melhores condições de vida, mesmo chegando *recentemente* no município, enquanto que os negros se mantiveram estagnados na camada mais pobre intergeracionalmente, expressa a existência do preconceito calcado na cor.

Oracy Nogueira foi o criador do conceito de *preconceito de cor*, categoria importante para a pesquisa de Virgínia Bicudo sobre atitudes raciais, pois ajudou a capturar a particularidade do racismo brasileiro em relação ao racismo nos Estados Unidos, descolando-se, assim, do país natal de Pierson, como uma suposta expressão única de opressão contra descendentes de africanos. Ao mobilizar o conceito de *preconceito de cor*, Bicudo consegue formular como o racismo opera no contexto nacional com características próprias em relação aos Estados Unidos, isto é, sem ser um fenômeno. Considerando que o país norte-americano era o grande parâmetro para a análise da situação racial brasileira na pesquisa de Bicudo, esse movimento da socióloga foi bastante relevante para as conclusões de sua pesquisa, que evidenciam fortes tensões raciais entre negros e brancos.

Além disso, a pesquisa de Nogueira em Itapetininga mostrou que o *estudo de comunidade* era um dos modos possíveis de investigar a questão racial no Brasil, naquele período em que Virgínia Bicudo realizava sua pesquisa de mestrado na ELSP. Isso reforça que a perspectiva teórico-metodológica utilizada foi uma escolha consciente de Virgínia Bicudo enquanto pesquisadora, não apenas o único modo viável da mesma ser realizada. No processo de investigar as atitudes raciais de pretos e mulatos, a socióloga buscou abordar os processos sociais e psicológicos, a fim de descobrir os significados dessas atitudes (BICUDO, 2010). Ao trabalhar esses processos psicológicos em sua pesquisa, a autora mobiliza conceitos psicanalíticos, como os de *identificação* e *recalcamento*, o que ajuda a entender sua escolha pelo uso de entrevistas como metodologia principal da pesquisa, seguindo assim uma vertente qualitativa. Sua investigação ocorreu em São Paulo, que era uma grande capital já nos anos 1940, marcada pela industrialização e pela urbanização. Todos esses elementos afastam a possibilidade de Virgínia Bicudo realizar um *estudo de comunidade* em sua pesquisa de dissertação.

A partir da análise sobre esses autores, percebemos como a pesquisa de Virgínia Bicudo foi atravessada por intelectuais nacionais e estadunidenses. A partir de discussões, perspectivas teóricas e conceitos levantados por eles, a socióloga busca trilhar um caminho

próprio para a análise das relações entre negros e brancos, fazendo uso desses elementos, e em alguns casos, fazendo uso à contrapelo de ideias colocadas por esses autores. Para cimentar esse caminho próprio, ela utilizou como método principal as entrevistas com pessoas pretas e mulatas, dando grande espaço para essas falas em seu trabalho, em que são reveladas as diversas experiências de racismo e suas consequências para os entrevistados. A socióloga usa categorias psicanalíticas como uma das formas de analisar a subjetividade desses pretos e mulatos, o que aparece com centralidade em sua pesquisa. Por fim, ela traz uma organização do movimento negro para sua análise, o que é fundamental para confrontar a idealização da não-existência de tensões raciais no Brasil. Com esses movimentos, Virgínia Bicudo coloca o conflito no primeiro plano de sua pesquisa e fissa a ideia de uma harmonia racial, que era bastante difundida naquele momento histórico.

4. O NÚCLEO DO PENSAMENTO DE VIRGÍNIA BICUDO: SOCIOLOGIA E PSICANÁLISE ENTREMEADAS

Neste terceiro capítulo iremos analisar em profundidade a dissertação de Virgínia Bicudo. Primeiro, mostraremos uma síntese de suas conclusões a respeito das atitudes raciais de pretos e mulatos; entenderemos como a Sociologia e a Psicanálise estão articuladas com a questão racial; formularemos as inovações trazidas por esse estudo de Bicudo; por fim, também nos debruçaremos sobre o estudo de Bicudo no Projeto Unesco, procurando entender as continuidades e inflexões neste estudo em relação à sua dissertação. No segundo momento, veremos a trajetória profissional de Bicudo na Psicanálise e na Higiene Mental mostrando como ela foi bastante marcada pelo olhar atento à subjetividade, ao mesmo tempo que Bicudo sempre prezou pelo diálogo entre o conhecimento sociológico e psicanalítico. No terceiro momento, mostraremos como a Frente Negra Brasileira foi inserida na dissertação, como essa inclusão representa um desdobramento da presença da Psicanálise no trabalho, e de que modo os discursos articulados pelos fretenegrinos sobre a questão racial são mobilizados por Bicudo na construção de suas análises sobre atitudes raciais, além de um breve panorama histórico sobre a Frente Negra.

4.1. CONCLUSÕES DE ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO

Na primeira parte de sua dissertação, Virgínia Bicudo subdivide os pretos e mulatos em classe “inferior” e classe intermediária, com o objetivo de explorar a interação entre *preconceito de cor* e classe social. Os que pertenciam às classes “inferiores” foram encontrados por meio da Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental Escolar, local a que Bicudo (2010) tinha acesso por haver trabalhado como visitadora psiquiátrica. Já os que pertenciam às classes intermediárias foram contactados por Bicudo por meio de apresentações, o que faz sentido pois a socióloga nesse momento já tinha acesso a esses estratos intermediários pela sua ascensão social. Assim, Bicudo leva a cabo uma prática de escuta das narrações dos entrevistados a respeito de suas experiências de sofrimento causadas pelo *preconceito de cor*. Com essas informações iniciais, veremos uma síntese de suas conclusões na dissertação.

Sobre os pretos de classe “inferior”, Bicudo considera que suas atitudes em relação ao preto e o branco estão baseados em um sentimento de inferioridade. Tal sentimento origina o antagonismo contra o preto, manifestada em atitudes de rivalidade, inveja e desprezo. Por sua vez, seu sentimento de inferioridade também leva a uma simpatia ao branco, que torna-o mais tolerante às manifestações de preconceito por pessoas brancas (BICUDO, 2010). Esse antagonismo direcionado ao preto, junto com a simpatia ao branco, gera uma falta de solidariedade entre os pretos, como analisado nas entrevistas por Virgínia Bicudo (2010).

A respeito dos pretos das classes intermediárias, Bicudo (2010) considera que eles manifestam muito mais atitudes ligadas à cor do que os pretos de classe “inferior”, isto é, manifestam *consciência de cor*. Isso significa que uma pessoa identificada socialmente como descendente de africanos, nesse caso um mulato, que ascende socialmente sabe que sua condição racial impacta nas suas interações sociais, e a partir desse entendimento toma suas decisões. Relacionado a isso, Bicudo (2010) também aponta que eles se sentem desanimados pela falta de solidariedade entre as pessoas pretas, ao mesmo tempo que se sentem ressentidos pela rejeição dos brancos. No entanto, os pretos dessa classe reprimem conscientemente seus sentimentos negativos em relação ao branco, para evitar atitudes de rejeição desse. Por conta dos *contatos primários* na infância e do intenso processo de *identificação*, esses pretos acabam por não manifestar atitudes que redundem em confronto ao branco, ao mesmo tempo em que passam a desprezar o preto.

Ao analisar as entrevistas desse grupo, Virgínia Bicudo (2010) também aponta que estes não deixam de sofrer *preconceito de cor* ao ascenderem socialmente. Eles procuram direcionar seu esforço para eliminar os supostos motivos de inferioridade, para agradar ao branco. No entanto, mesmo depois dessas pessoas pretas obterem profissões, níveis de renda e a instrução formal que os credenciarão a integrar satisfatoriamente essa classe, elas ainda eram repelidas nos espaços reservados para esses estratos intermediários. Ainda que eles tivessem os requisitos necessários para pertencer a aquela classe, nunca haveria uma perfeita integração, pois a cor se mantinha como barreira para a integração desses sujeitos pretos. Assim, os pretos isolam-se dos brancos, para evitar situações de sofrimento, ao mesmo tempo que se mantêm isolados dos pretos das camadas populares por considerá-los inferiores (BICUDO, 2010).

Quanto ao mulato de classe “inferior”, de acordo com Bicudo sua *consciência de cor* se evidencia nas atitudes que ele demonstra para evitar a todo o momento ser identificado ofensivamente como “negro”. Para a socióloga, esse mulato parecia ter *consciência de cor*

mais acentuada que o preto da mesma classe social, pois “[...] age pensando sempre na cor da epiderme, quando se case seja com um preto, seja com um mulato ou um branco” (BICUDO, 2010, p. 109). Bicudo (2010) também conclui, a partir das entrevistas, que os mulatos desenvolvem uma *consciência de cor* em maior grau do que o preto, por conta de sua ligação fenotípica e social com o grupo racial branco e negro. Em razão dessa dupla ligação, ele teria seu conflito mental intensificado, pois passava por um processo mais intenso de *identificação* com os brancos – pelo seu fenótipo ser mais próximo deste grupo, ao mesmo tempo que sofre rejeição também em razão do fenótipo. Com essa quebra de expectativa, o mulato se torna mais consciente de como sua cor impacta sua interação com os brancos.

Por fim, em relação aos mulatos das classes intermediárias, Bicudo (2010) mostra que eles possuíam vergonha de sua origem racial, que tentam escapar de ser identificados como *indivíduos de cor*, além de evitar a companhia de pessoas pretas, pois estes mulatos possuíam forte desejo de passar como brancos. O estudo aponta que esse indivíduo consegue se integrar ao estrato intermediário à medida que se “branqueia” na cor e na personalidade, adquirindo símbolos característicos associados ao branco, pois as restrições contra ele atuam quanto mais apresenta “[...] traços negroides associados com traços de personalidade com valores de status inferior” (BICUDO, 2010, p. 122). No entanto, mesmo que ocorresse a integração almejada, permaneceria na personalidade do mulato a *hipersensibilidade* ligada à *consciência de cor* e ao sentimento de inferioridade, como sequela das experiências do racismo (BICUDO, 2010).

Em relação ao conceito de *consciência de cor* mobilizado por Virgínia Bicudo em sua dissertação, além de suas modulações entre pretos e mulatos, a socióloga também conclui que esses dois grupos a desenvolvem à medida que ascendem para as classes intermediárias (BICUDO, 2010). No momento em que sua integração a esse estrato é bloqueada, no caso dos pretos, ou é condicionada a um branqueamento, no caso dos mulatos, eles desenvolvem a consciência que a condição racial impacta suas vidas negativamente, por conta do racismo. Isso significa que, de acordo com Bicudo, as tensões de natureza racial originaram a *consciência de cor* nessas pessoas negras.

Por fim, a partir desse conjunto de análises, Virgínia Bicudo conclui que há um *preconceito de cor* contra pretos e mulatos que existe e opera de modo independente, que não pode ser reduzido a um preconceito de classe. Bicudo (2010) chega a essa conclusão, sobre a existência de preconceito baseado na cor, principalmente pela integração do mulato à classe intermediária, visto que isso ocorre a partir do momento que ele se branqueia, deixando de existir tal situação de preconceito. Ao desvelar o *preconceito de cor* sofrido de forma

sistemática por pessoas negras, Virgínia Bicudo cria uma fissura na construção sociopolítica do Brasil como país racialmente harmônico.

4.2. CONEXÕES ENTRE SOCIOLOGIA, PSICANÁLISE E QUESTÃO RACIAL EM *ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO*

Após mostrarmos de modo sintético as conclusões da pesquisa de Bicudo, vamos discutir as conexões entre Psicanálise, Sociologia e a questão racial em seu estudo. Vamos iniciar pela principal metodologia mobilizada pela socióloga, que foram as entrevistas realizadas com pessoas pretas e mulatas. O uso de entrevistas em pesquisas sociológicas já era uma realidade naquela época, por exemplo na tese de Pierson, *Negroes in Brazil*. No entanto, a diferença é a preocupação de Virgínia Bicudo com o *rapport*, ou *transferência*. Esse conceito psicanalítico, segundo ela explica no início da dissertação, significa o estabelecimento de uma condição psicoafetiva para que o entrevistado comunique suas atitudes, mesmo aquelas que preferiria ocultar por medo de embaraços sociais (BICUDO, 2010). O uso de entrevistas por Bicudo também permite que seja mobilizado um elemento central da Psicanálise em seu estudo, que é a prática eficaz de escuta do discurso verbalizado pelo indivíduo (GARCIA-ROZA, 1985).

Nesse sentido, temos a mescla de um método de pesquisa usado na Sociologia com uma preocupação, trazida da Psicanálise, em estabelecer uma proximidade entre pesquisadora e *objeto*. Com isso, Bicudo conseguiria extrair uma maior riqueza de informações para suas análises, vencendo as inibições dos entrevistados em relatar acontecimentos sobre os quais inicialmente prefeririam ficar em silêncio, como as experiências traumáticas relacionadas ao *preconceito de cor*. Além disso, por meio das entrevistas a socióloga consegue ter acesso à subjetividade desses pretos e mulatos, pois os sujeitos verbalizavam suas experiências e percepções sobre a realidade ao redor.

Outro ponto em que essas três dimensões se conectam no trabalho da socióloga é na discussão sobre classe. Bicudo (2010) realizou a clivagem entre classe “inferior” e classe intermediária pela renda, profissão e nível de escolarização dos entrevistados. Essa divisão foi importante para analisar como as condições materiais e de *status* impactavam as atitudes raciais dos *indivíduos de cor* entrevistados e as interações com pessoas brancas. Em relação aos pretos, aqueles que integram as classes “inferiores” apresentavam atitudes de simpatia pelo branco, enquanto os de classe intermediária são ressentidos pela rejeição dos brancos,

mas escondem seus sentimentos negativos conscientemente (BICUDO, 2010). Já entre os mulatos, há um fator comum entre os pertencentes às classes “inferiores” e intermediárias de fugir a todo custo de ser identificados como pretos ou mulatos; no caso dos mulatos dos estratos intermediários, eles até conseguem se integrar, mas permanecem com *hipersensibilidade* e sentimento de inferioridade, como marcas psicológicas causadas pelo racismo.

Em relação às pessoas pretas entrevistadas, a análise dividida por classe mostrou que não basta que eles sejam igualados aos brancos em condições materiais, pois estes não o consideram iguais em *status* por conta da cor, significando que o marcador racial continuaria afetando essas interações sociais com os brancos. Sobre o grupo dos mulatos, a análise por classe mostra que eles até conseguem se integrar ao ascender, ao contrário dos pretos, mas o olhar psicanalítico de Bicudo captura que esta situação não ocorre sem que permaneçam marcas em sua subjetividade, causadas pelo racismo. Sobre o uso da Psicanálise por Bicudo nessa questão, no caso dos pretos entrevistados pela autora, tal conhecimento serviu para complexificar a análise sobre sua situação de isolamento na classe intermediária, pois além de apontar tal fato também mostra as consequências na subjetividade dessa situação. Já no tocante aos mulatos, o aporte da Psicanálise revelou as feridas na sua subjetividade, mesmo que tenham obtido *status* igual ao do branco ao ascender socialmente. Nesse sentido, uma análise restrita à dimensão de classe, que seria mais provável em uma pesquisa sociológica, não seria o suficiente para revelar como esse indivíduo mulato que ascende foi afetado pelo *preconceito de cor* do ponto de vista psicológico.

A modulação das atitudes frente ao branco caso esteja aflorada no consciente ou ocultas no inconsciente, também é uma dimensão em que Sociologia, Psicanálise e questão racial se encontram na dissertação. Bicudo (2010) afirma que, entre os pretos de classe “inferior”, os sentimentos negativos sobre o branco são inconscientes; enquanto isso, entre os pretos de classe intermediária tais sentimentos são reprimidos conscientemente por receios de represálias do branco. Ao longo do trabalho, Virgínia Bicudo (2010) captura nas entrevistas que pretos e mulatos possuem concepção inferiorizada de si mesmos, por terem absorvidos os conceitos do branco sobre eles, exemplificado na vergonha de sua origem racial e rejeição da própria aparência – por conta dos traços físicos negróides. O outro lado da moeda nessa suposta inferioridade era o branco, que reuniria em si tudo o que é positivo.

A questão é que, no caso dos pretos de classe baixa, não havia uma *consciência de cor* formada, para que eles entendessem que seu sentimento de inferioridade estava ligado à sua

pertença racial. Já entre os pretos de classe intermediárias, por eles possuírem uma *consciência de cor* estabelecida, conseguiam ligar esse fenômeno ao fato de serem pretos (BICUDO, 2010). No entanto, isso não se traduzia em uma reação aos brancos, pois este grupo detinha o privilégio na hierarquia racial. Essa condição de privilégio econômico, social e político fica cristalina no momento em que Bicudo analisa a atuação da Frente Negra Brasileira, que surge para combater o *preconceito de cor* e os privilégios dos brancos: os brancos são os donos das empresas, os “cidadãos de bem” e os que possuem poder político. Antes de qualquer coisa, esses *indivíduos de cor* só poderiam organizar-se politicamente em torno da raça por se tornarem conscientes que os brancos se opunham a eles.

Desse modo, a Psicanálise nos mostra que o preto, ao ascender de classe, passa a ser consciente de sua hostilidade ao branco, e também mostra como pretos e mulatos são marcados, na sua subjetividade, pelo sentimento de inferioridade em relação a este grupo dominante. No entanto, a Sociologia desvela, especialmente a partir do material empírico da Frente Negra, que o preto da classe intermediária não reage a tal situação pelo lugar social privilegiado do branco. Além disso, também mostra que esse sentimento de inferioridade é reforçado pela sua situação material dos *indivíduos de cor*, pois os brancos são privilegiados em diversos sentidos.

Por fim, a análise da infância na pesquisa de Virgínia Bicudo é outro elemento que articula Sociologia, Psicanálise e questão racial. No caso dos pretos, a socióloga mobiliza o conceito sociológico de *contato primário* e o conceito psicanalítico de *identificação* para analisar a absorção dos ideais do branco pelos negros. O *contato primário* define-se por sua intensa proximidade e intimidade, ocorrendo em especial no plano familiar (PIERSON, 1941a). Já a *identificação* se trata de um fenômeno que se intensifica na criança entre quatro e cinco anos de idade, no qual ela toma seus pais como modelo de comportamento, como Bicudo (1956) explica em *Nosso mundo mental*. No mesmo livro, a socióloga expõe que, para a Psicanálise, a explicação para desajustes psíquicos tem como uma das principais causas as excessivas frustrações que ocorrem principalmente na infância (BICUDO, 1956).

Em sua dissertação, a questão da infância é explorada por Bicudo especialmente na análise dos pretos de classe intermediária. Primeiro, a socióloga mostra que, por conta do processo de estabelecimento de *contatos primários* e *identificação*, os pretos de classe intermediária absorvem as ideias dos brancos, passando assim a desprezar outros pretos e, por consequência, a si próprios. Segundo, ela mostra que existe dois fenômenos diferentes entre os pretos criados por pessoas brancas: os que se mantiveram pobres foram criados por esses

brancos a fim de trabalhar como empregados domésticos; os que conseguiram ascender socialmente foram aqueles educados e instruídos pela família branca. Assim, entendemos que a explicação sociológica e a psicanalítica se articulam para desvelar como processos ocorridos na infância terão impactos até a vida adulta na subjetividade e na situação material desses sujeitos. Em relação ao primeiro, esse efeito se mostra na atitude de desprezo do preto por ele próprio, por conta da absorção da mentalidade do branco sobre si mesmo. No caso do segundo, esse impacto é revelado na diferença de tratamento recebido na infância entre os pretos que permanecem pobres e os que ascendem socialmente.

4.3. AS INOVAÇÕES TRAZIDAS POR VIRGÍNIA BICUDO EM *ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO*

Após trazermos sinteticamente as conclusões na dissertação de Virgínia Bicudo e as conexões entre Sociologia, Psicanálise e questão racial, discutiremos as inovações que ela conseguiu produzir nesse estudo. A primeira inovação realizada por Bicudo é traçar o padrão de relações raciais em São Paulo a partir das percepções de pessoas pretas e mulatas, por meio das entrevistas e de seu largo uso no estudo. O material empírico a partir do qual a socióloga constrói suas análises são os discursos dessas pessoas negras. Tais achados possuem como base as *falas* de pretos e mulatos para chegar às conclusões a respeito de suas atitudes raciais, além das consequências sociais e psicológicas do racismo que eles sofriam.

Assim, quando esses sujeitos pretos e mulatos falam por si, aparecem nos seus discursos os traumas, estratégias e contradições. Pela decisão da socióloga em dar centralidade para as falas dos entrevistados, são expostas diversas histórias de insultos, preterimentos e exclusões, pelo relato direto dos sujeitos que sofreram tudo isso na pele. Essa centralidade ocorre, primeiro, pela principal metodologia do trabalho ser as entrevistas, então a maior parte do material empírico do estudo de Bicudo vem desses relatos. Segundo, pelo grande espaço que Bicudo cede em texto para as transcrições das entrevistas.

Um exemplo representativo do uso de entrevistas por Bicudo é o caso nº 9, um preto de classe intermediária cujos relatos ocupam 18 páginas do trabalho, em que narra sua infância, o apadrinhamento por branco rico, as experiências de racismo sofridas na vida adulta, sua entrada em uma organização do movimento negro e reflexões sobre a questão racial. Os relatos desse entrevistado rememoram anos de sua vida e também ocupam espaço substancial na dissertação. Com esse uso das entrevistas, Bicudo mobiliza um mecanismo

importante para que as conclusões do estudo ganhem força, ao mostrar de forma crua nos diferentes relatos as experiências de *preconceito de cor* infligidas pelo branco, ao mesmo tempo como os *indivíduos de cor* hostilizam-se por absorver os ideais do branco.

Tal uso das entrevistas só é possível pela capacidade de Bicudo *ouvir* essas pessoas, algo trabalhado fortemente no seu trabalho como psicanalista e visitadora psiquiátrica. Não se trata de afirmar que a dissertação de Bicudo é mera replicação acrítica do que seus entrevistados falam, mas de refletir sobre suas subjetividades sem ser guiada por estereótipos racistas sobre características psicológicas dos negros. Assim, os discursos que esses sujeitos verbalizam são devidamente mediados na dissertação pelo conhecimento sociológico e psicanalítico.

A segunda inovação de Virgínia Bicudo foi trazer para o centro de seu estudo a Frente Negra Brasileira, a organização do movimento negro mais importante de sua época e uma das mais importantes do século XX no Brasil. No entanto, na dissertação, Bicudo não a chama pelo seu verdadeiro nome, mas pelo pseudônimo *Associação de Negros Brasileiros*, pois a organização foi colocada na ilegalidade pelo Estado Novo. Essa escolha da socióloga se torna importante por haver naquele momento a perspectiva de que não haveria um *problema racial* no Brasil, defendida por parte do cânone sociológico em formação. Trazer uma organização do movimento negro, que tem sua razão de existir no combate ao *preconceito de cor*, foi uma estratégia eficaz de Bicudo (2010) para tensionar essa idealização do Brasil como um país racialmente harmônico. A socióloga abre bastante espaço no seu texto para os discursos da organização, por meio dos relatos da liderança entrevistada e os artigos do jornal *A voz da Raça*¹⁹, como ela faz com os pretos e mulatos entrevistados na primeira parte do trabalho.

Ao realizar a escuta do que a Frente Negra *falava*, e passar todos esses discursos produzidos pelo crivo de seu conhecimento sociológico e psicanalítico, a socióloga mobiliza esses dados para auxiliá-la a concluir que existe *preconceito de cor*, como defendido pelos fretenegrinos. Esses achados de Bicudo confrontam o paradigma de parte das Ciências Sociais em sua época, que Antônio Sérgio Guimarães descreve abaixo:

Em termos literários, desde os estudos pioneiros de Gilberto Freyre, no início dos anos 30, seguidos por Donald Pierson, nos anos 40, até, pelo menos, os anos 70, a pesquisa especializada de antropólogos e sociólogos, de modo geral, reafirmou (e tranquilizou), tanto aos brasileiros como ao resto

¹⁹ Roger Bastide (1973) é outro intelectual atuante em São Paulo que analisa o jornal fretenegrino *A Voz da Raça*, além de outros, em *A imprensa negra no estado de São Paulo*. Esse texto está na coletânea *Estudos Afro-Brasileiros*.

do mundo, o caráter relativamente harmônico de nosso padrão de relações raciais (GUIMARÃES, 2009, p. 39).

De acordo com Silva (2011a), Virgínia Bicudo foi pioneira em travar contato e discutir sobre a Frente Negra em uma pesquisa sociológica. Se pensarmos que ela está produzindo esse trabalho nos anos 1940, período em que no incipiente campo sociológico sequer acreditava-se na existência de racismo no Brasil, trazer a Frente Negra para sua análise e legitimar sua denúncia sobre a existência de hierarquias raciais era não apenas inovador, mas corajoso de sua parte. Assim, Virgínia Bicudo foi uma intelectual importante para que o movimento negro conseguisse incidir sobre o conhecimento produzido na academia, cuja disputa sobre o padrão de relações raciais no Brasil tinha consequências concretas na vida da população negra.

A terceira inovação de Virgínia Bicudo em sua dissertação é mostrar o grupo racial negro em sua heterogeneidade, com suas nuances e diferenças, ao invés de caracterizá-lo de forma homogênea. O fato de Bicudo (2010) dividir o grupo entre pretos e mulatos, além de subdividi-lo entre classes “inferiores” e classes intermediárias, é um passo importante para essa análise mais apurada. Isso será fundamental para que Bicudo não formule conclusões absolutas sobre o grupo racial negro. Mas para além disso, o material empírico levantado por ela mostra que pessoas negras são múltiplas, não havendo lugar para reducionismos. Há aqueles que rejeitam se relacionar com outros negros e buscam brancos, há outros que preferem casar-se com negros, há militantes da causa racial, os que sabem que são alijados pela sua cor, mas se resignam, enquanto existem aqueles que se autodepreciam fortemente por ter introjetado a visão do branco sobre os negros.

Em suma, quando Virgínia Bicudo traz essa multiplicidade de experiências de *ser negro* sem apelar para um idealismo ou uma forma única de sê-lo, ela mostra a *humanidade* de pessoas negras. Dizer que homens e mulheres negros são seres humanos pode parecer uma afirmação óbvia, mas está longe de ser, visto que o racismo age permanentemente para desumanizar pessoas negras, seja pela animalização ou pela negação de seu direito à multiplicidade de visões de mundo.

A quarta inovação na dissertação de Virgínia Bicudo, relacionada a anterior, é ter mostrado a fragmentação dos negros enquanto grupo racial. Os exemplos mostrados no trabalho são: pretos de classe “inferior” manifestavam atitudes de desprezo e antagonismo com outros pretos; aqueles que ascendiam socialmente se afastavam de outros pretos por guardar sentimento de inferioridade; os mulatos de classe “inferior” evitam a todo custo ser identificados como negros; os mulatos de classe intermediária procediam da mesma forma,

além de evitar a companhia dos pretos. Por conta desses sujeitos negros estarem com a subjetividade impregnada com os pontos de vista do branco sobre si mesmos, possuíam grande dificuldade em estabelecer uma solidariedade de cunho racial (BICUDO, 2010). A falta dessa solidariedade é consequência do fato de que, na verdade, eles sequer gostariam de ser negros: repeliavam seus iguais, em diferentes contextos, ao mesmo tempo que rejeitavam sua própria condição racial.

No entanto, Bicudo mostrava que esse quadro não significava um destino inescapável pois, ao analisar a atuação da Frente Negra, percebe que um de seus objetivos era conformar essa consciência de grupo, que levaria a uma solidariedade racial (BICUDO, 2010). No entanto, uma das dificuldades sofridas pela organização foi a indiferença dos pretos e mulatos das classes intermediárias, o que segundo Bicudo (2010) mostrava como eles haviam absorvido os padrões do branco.

A partir desses pontos de inovação que exploramos, podemos perceber a importância que a dissertação de Virgínia Bicudo teve na Sociologia da época. Com seu estudo sobre atitudes raciais de pretos e mulatos Bicudo se recusa, nos termos do sociólogo negro Alberto Guerreiro Ramos (1995), a trabalhar com o *negro-tema*, que é o negro como *Outro* exótico e mumificado, mas seu olhar sobre ele é o do *negro-vida*, aquele que não se deixa enquadrar e está em constante mudança.

4.4. VIRGÍNIA BICUDO NO PROJETO UNESCO: SEU SEGUNDO MOMENTO NOS ESTUDOS DE RELAÇÕES RACIAIS

Após explorarmos detidamente diversas facetas do estudo de Virgínia Bicudo sobre atitudes raciais executado nos anos 1940, agora visitaremos a década de 1950 para nos aprofundarmos na outra pesquisa da autora sobre relações raciais. Em 1955, Bicudo publica, no relatório *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, o estudo chamado *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas* (1955). Essa é a segunda produção da psicanalista e socióloga que se debruça sobre a questão racial, resultado da execução do Projeto Unesco de relações raciais no estado de São Paulo. Até onde investigamos, não há outro estudo dela que aborde diretamente esse tema após a publicação desse trabalho.

De acordo com Marcos Chor Maio (1997), em sua tese sobre o projeto Unesco e sua relação com o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil, essa iniciativa tinha como objetivo investigar o modelo de relações raciais brasileiro, com o intuito de mostrar o país como um *laboratório*, isto é, uma nação que possuiria uma interação harmônica entre os diferentes grupos raciais. Esse direcionamento da Unesco está diretamente ligado com a ascensão do nazismo na Alemanha e a tragédia do Holocausto, fenômenos calcados nas ideias de superioridade racial ariana. Ao mostrar o Brasil como um modelo de relações raciais não-beligerante ao mundo, a esperança da Unesco era evitar que esse tipo de evento histórico trágico acontecesse novamente.

Sobre o estudo de Virgínia Bicudo, este apresenta uma metodologia quantitativa e também qualitativa: de um lado houve a aplicação de um questionário para 4.520 alunos de escolas públicas da cidade de São Paulo, com perguntas sobre quem preferiam que sentasse ao lado deles e os respectivos motivos, como uma via indireta para saber quais colegas preferem ou rejeitam. De outro lado, foram realizadas entrevistas com os pais de vinte e nove alunos mais rejeitados e preferidos, para assim “conhecer-lhes os traços da personalidade, o ajustamento entre os membros de sua família e as atitudes referentes às pessoas de cor” (BICUDO, 1955, p. 229). A composição racial da amostra de alunos pesquisada era a seguinte: brancos, 86,32%; negros, 6,86%; japoneses, 3,93%; mulatos, 2,89%. De acordo com Bicudo (1955), o objetivo da pesquisa era: primeiro, trazer à tona os sentimentos e mecanismos psíquicos de defesa que se mostram nas atitudes dos alunos em relação à cor de seus colegas; segundo, mostrar a influência das relações familiares no desenvolvimento dessas atitudes relacionadas à cor.

O conceito de *atitude racial* é mobilizado novamente por Virgínia Bicudo nesse estudo, para analisar a conduta dos alunos de diferentes grupos escolares e raciais frente aos seus colegas em relação à cor. No entanto, a metodologia desse trabalho de Bicudo apresenta uma ampliação de escopo: se sua dissertação possuía uma metodologia puramente qualitativa, com o uso de estudos de caso e entrevistas, o estudo do Projeto Unesco também mobiliza uma metodologia quantitativa, com a aplicação de questionário para milhares de alunos das escolas públicas paulistanas. Isso significa que, em algum grau, as discussões levantadas por Virgínia Bicudo na sua dissertação poderiam ser ampliadas para um contexto mais abrangente.

A partir da análise estatística das atitudes de preferência dos alunos, Bicudo (1955) conclui que existe uma predileção generalizada pelo branco, sendo que essa preferência cai bastante para o negro, o japonês e o mulato, respectivamente. Sobre a situação do mulato,

Bicudo considera que este mimetizou as escolhas de preferência do branco, escolhendo mais ao branco, depois ao negro e o próprio mulato. Ela sugere que isso pode ser devido à maior identificação do mulato com o branco, do que ocorrido com negros e japoneses.

A partir dos dados sobre rejeição dos alunos, Bicudo (1955) conclui que os grupos de alunos não-brancos seguiram o comportamento do grupo escolar branco, o que poderia apontar que as atitudes de rejeição desses brancos constituiriam “um padrão e estímulo para as atitudes de rejeição dos grupos de minoria” (BICUDO, 1955, p. 235). Bicudo considerava que o fato de alunos não-brancos seguirem o padrão de rejeição do grupo escolar branco denotava sua identificação com os ideais desse grupo dominante.

Sobre os motivos dados pelas crianças para suas preferências em relação aos colegas, em ordem decrescente, em primeiro são justificativas relacionadas com sua bondade; em segundo, a resposta para as preferências tem a ver com o sentimento de amizade por ele; em terceiro, a resposta foi motivada pelas suas qualidades como “bom aluno”; em quarto, a resposta das crianças foi motivada pelas qualidades relativas à sua “boa educação”; por fim, as crianças justificaram a escolha por outros motivos. Para Bicudo (1955), o fato dos escolares preferirem seus colegas com base na cor de modo implícito significa que as suas atitudes em relação à cor foram acompanhadas de uma atitude de censura, seja consciente ou inconsciente.

Já em relação aos motivos dados pelas crianças para a rejeição dos colegas, em primeiro estão as justificativas relativas a ele ser “mau aluno”. Em segundo estão as justificativas baseadas nele ser “mau”. Em terceiro está as justificativas relacionadas com sua “má educação”. Em quarto está a justificativa de “inimizade” e, por fim, justificam-se por outros motivos.

A partir desses dados, Bicudo (1955) conclui que existia uma relação de dependência entre a cor dos colegas que rejeitaram e a cor dos rejeitados, e também entre a cor daqueles que escolheram seus preferidos e a cor desses alunos preferidos. Por conta disso e da ausência quase total de justificativas de cunho racial para a rejeição, em apenas 0,22% das respostas, a hipótese da socióloga é que há um mascaramento das atitudes de preferência e rejeição, substituindo-as por associações entre o branco e qualidades positivas, enquanto os não-brancos estariam associados a qualidades negativas. Sobre as justificativas de rejeição explicitamente raciais terem sido baixas, Bicudo (1955) levanta a hipótese de que foi fortemente censurada pelos alunos.

Outro comentário importante sobre esse estudo de Virgínia Bicudo é que este avança para um tipo de *Sociologia da infância*. Se na sua dissertação isso já se mostrava, com vários dos entrevistados relatando sobre sua infância e os episódios de sofrimentos causados pelo *preconceito de cor* neste período da vida, já nesse estudo tal dimensão emerge para o primeiro plano: toda a parte quantitativa da pesquisa está debruçada sobre as crianças, analisando suas atitudes de preferência e rejeição baseada na cor.

A importância que essa questão assume no trabalho faz sentido com o direcionamento que sua carreira já havia tomado para a Psicanálise naquele momento, pois essa é uma área do conhecimento que tem um olhar muito voltado para a infância, por considerar que o desenvolvimento psíquico do indivíduo nesse período é fundamental para o ajustamento de personalidade durante o resto da vida. Já na parte qualitativa, Bicudo mostra por meio das entrevistas com os pais de vinte e nove alunos como as atitudes de preferência e rejeição dessas crianças, além do comportamento daqueles alunos muito preferidos e muito rejeitados, são moldadas conforme o ambiente familiar onde vivem. Em relação às crianças negras, a socióloga diz o seguinte:

Encontramos, portanto, todos os escolares de cor sob condições que constituíam estímulos intensos e frequentes para o desenvolvimento do ódio e do medo dadas as personalidades dos pais, ou a situação de abandono, motivado pela orfandade ou pela ilegitimidade. O estudo das condições da infância dos pais destes escolares nos levaria à mesma conclusão de que eles possuem personalidade neurótica devido às condições desfavoráveis da infância que tiveram, evidenciando-se assim a transmissão da neurose dos pais para os filhos pela via social (BICUDO, 1955, p. 265).

Com essa análise, Virgínia Bicudo fixa o *preconceito de cor* como um vetor de adoecimento mental das crianças negras, condição essa que trará reflexos na vida adulta delas, tal como o sofrimento passado por seus pais, segundo a lógica psicanalítica. Essa questão do adoecimento mental já estava em sua dissertação, mas aqui Bicudo a expõe explicitamente em termos psicanalíticos: as neuroses dos pais negros são transmitidas socialmente para as crianças negras. Assim havia um ciclo vicioso de desajustamentos psíquicos que se abatia sobre essas crianças negras, por causa de seus pais, e caso tudo se mantivesse como está, seus futuros filhos também estariam sujeitos a esses desajustes psicológicos causados pelo racismo.

Em comparação com os alunos brancos mais rejeitados, os alunos negros que mais sofreram rejeição tinham maiores dificuldades de desenvolver uma personalidade sadia: estes sofriam mais com piores condições para ajustamento na sua personalidade, além de piores

condições socioeconômicas e culturais (BICUDO, 1955). A psicanalista também concluiu que as atitudes referentes à cor dos pais desses alunos negros mostram que eles são hostis às pessoas negras, como eles próprios são. Isso acontece por eles introjetarem os ideais do branco, o que os fazem tratar outros negros e a si próprios como são tratados pelos brancos. Esses pais negros deslocam a sua hostilidade do branco para o próprio negro, tendo o branco como ideal amado e também temido. Esses sentimentos negativos dos negros em relação a si próprios “vão influir no desajustamento da personalidade, nos conflitos intrafamiliares e na desorganização da família negra” (BICUDO, 1955, p. 269).

Vimos como nesse estudo de Virgínia Bicudo há certa continuidade em relação à sua dissertação, como o estudo de atitudes raciais, o uso de entrevistas, além do enfoque na subjetividade de pessoas negras. No entanto, esse estudo também representa um aprofundamento da questão da infância das crianças negras, como seu desajustamento psíquico era produto de um ambiente familiar hostil e pouco estruturado – pela ação do racismo na subjetividade de seus pais; além de trazer a escola como espaço a ser estudado, mostrando como esta também se torna um espaço de reprodução do racismo, ainda que seja de modo mascarado, ao existir dentro dela a associação indireta de características positivas ao branco e características negativas ao negro. Nesse sentido, podemos ver como as *crianças-problema* que Bicudo tratava como visitadora psiquiátrica poderiam se encaixar facilmente no perfil das crianças negras que eram rotuladas negativamente na escola.

Outra mudança entre a dissertação de Bicudo e este estudo é a aplicação de questionários para mais de quatro mil alunos. Esses resultados estatísticos sobre a relação de dependência entre a cor dos alunos que preferem e a cor dos alunos preferidos, e a cor dos alunos que rejeitam e a cor dos alunos rejeitados, ajudam a reforçar a ideia que essas atitudes preconceituosas em relação a cor contra alunos negros estão disseminadas em larga escala na escola e, por sua vez, na sociedade.

Para concluir as considerações sobre a atuação de Virgínia Bicudo dentro do Projeto Unesco, um dado importante é que ela teve um grau de envolvimento com o estudo realizado por Roger Bastide e Florestan Fernandes. De acordo com o trabalho de Antônia Junqueira Malta Campos (2014), que trata sobre as interações de Florestan com as organizações do movimento negro de São Paulo no contexto dessa pesquisa, estas ocorrem com o objetivo de construir uma *Sociologia participativa* a respeito da existência do *preconceito de cor* em São Paulo.

O principal espaço de discussão entre esses pesquisadores, capitaneados por Florestan e Bastide, e os militantes do movimento negro eram as chamadas *mesas redondas* que ocorreram em 1951. Na primeira mesa redonda um militante chamado Raul Joviano Amaral cita Bicudo, dizendo que na sua dissertação ela prova que existe um preconceito de cor, além de um preconceito sub-racial entre pretos e pardos. De acordo com Campos (2014), no levantamento de todos os oradores das sete mesas redondas mapeadas, Virgínia Bicudo usou da palavra em uma delas. Campos (2014) mostra que a socióloga foi convidada para participar dos *Seminários de debate*, que seria um grupo reduzido com a finalidade de preparar a discussão para as mesas redondas, por ser uma das pesquisadoras ligadas ao Projeto Unesco, além disso, Bicudo também participou da *Comissão das senhoras de cor*, que pretendia investigar as questões das mulheres negras.

Essa participação na pesquisa coordenada por Bastide e Florestan, por meio da presença nesses diferentes grupos de discussão de pesquisadores e militantes do movimento negro, indica que naquele período dos anos 1950 Virgínia Bicudo tinha alguma interlocução com os militantes negros em São Paulo. Também mostra que o seu estudo anterior sobre atitudes raciais teve ressonância entre esses militantes.

Esses apontamentos ajudam a mostrar que Virgínia Bicudo não era uma intelectual encastelada dentro da academia, olhando a questão racial apenas como um objeto de estudo distante. Ainda que ela não tenha se vinculado formalmente a alguma organização do movimento negro, até onde sabemos, Bicudo manteve proximidade com esse universo da militância racial ao menos durante o intervalo entre o fim a pesquisa de campo do mestrado e 1955. Mesmo que depois desse estudo para o projeto Unesco ela não tenha abordado a questão racial diretamente em sua carreira na Psicanálise, seria reducionista pensar que ela apenas deixou de se importar com o racismo ou que ela já não se sentia mais afetada por ele.

Ao produzir uma dissertação, que incluía as formulações da Frente Negra sobre questão racial, Virgínia Bicudo chega a conclusões que se alinham aos militantes do movimento negro a respeito do *preconceito de cor*. Ao fazer isso, a socióloga reforça essas formulações e é reconhecida pela militância negra da época. Esses fatos mostram como a biografia de Bicudo deve ser olhada de modo cuidadoso, com os movimentos e contradições comuns a todas as pessoas, incluindo homens e mulheres negras.

4.5. PSICANÁLISE E HIGIENE MENTAL: A SUBJETIVIDADE JUNTO COM A SOCIOLOGIA NA TRAJETÓRIA DE VIRGÍNIA BICUDO

Após entendermos de forma detida as conclusões e as inovações da dissertação de Virgínia Bicudo e seu desdobramento no estudo do Projeto Unesco, agora iremos tratar sobre o envolvimento e trajetória dela na Psicanálise e na Higiene Mental. Um elemento importante da trajetória de Bicudo na Psicanálise é o fato que ela a exerceu sem ser formada em medicina, ainda mais ao considerar que ela foi uma das pioneiras para sua institucionalização em São Paulo. Dito isso, podemos nos perguntar como Virgínia Bicudo, sendo uma psicanalista não-médica, conseguiu se tornar uma figura importante no cenário psicanalítico nacional.

Para começar a responder essa pergunta, vejamos um artigo sobre a importância de Freud para as Ciências Sociais escrito por Virgínia Bicudo (1969). Nele, a psicanalista aponta que os conhecimentos a respeito de fenômenos como as organizações sociais, cultura e transformações sociais são prejudicados na medida que a dinâmica do inconsciente é desconsiderada por pesquisadores de outras áreas das Ciências Humanas. Ela advoga que o ser biológico torna-se humano pela ação conjunta de processos que se desenvolvem em diferentes níveis – biológico, psicológico e sociológico – e que essa totalidade exige o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, para dar conta da unicidade do ser humano como objeto de estudo.

Nesse sentido, segundo as formulações de Virgínia Bicudo no artigo, ela considera que os fenômenos sociais poderiam também ser explicados, em alguma medida, por processos do inconsciente. Um exemplo dado é que ela considera o abismo cada vez mais intolerável que havia em sua época, entre dominantes e dominados, era causado pela excessiva satisfação do prazer narcisista por parte dos primeiros, que implicaria uma restrição muito forte às maiorias.

Considerando que esse artigo é de 1969, quando Bicudo já é uma psicanalista experiente, então é possível inferir que essa importância que ela imputa à Psicanálise na explicação de fenômenos sociais já tinha suas sementes plantadas na sua dissertação, produzida na década de 1940, com o uso de conceitos psicanalíticos e seu olhar atento às subjetividades de pretos e mulatos.

Sobre o diálogo entre Psicanálise e as Ciências Humanas, que Bicudo procura defender nesse artigo, houve uma particularidade que propiciou este intercâmbio no processo de sua institucionalização em São Paulo. Na capital paulista houve uma forte rejeição da

Psicanálise, a partir de sua chegada, por parte dos médicos psiquiatras, que orbitavam na Faculdade de Medicina de São Paulo. Segundo Abrão (2010), essa oposição no meio médico fez com que a Psicanálise circulasse nos meios institucionais das Ciências Humanas, obtendo neles espaço para que sua institucionalização ocorresse de forma independente da Medicina. Isso fez com que, em São Paulo, a Psicanálise fosse aberta à habilitação de profissionais não-médicos, como ocorreu com a própria Virgínia Bicudo. Agora respondendo à pergunta no início da seção, esse processo foi o que possibilitou Virgínia Bicudo se tornar uma psicanalista mesmo sem formação médica, e a permitiu estabelecer pontes entre a Sociologia e a Psicanálise durante sua carreira. Não apenas conseguiu se inserir no campo da Psicanálise, mas também se tornou uma das primeiras psicanalistas do Brasil.

Agora saberemos como Bicudo iniciou sua caminhada na Psicanálise. Durval Marcondes, que seria futuramente uma figura importante para Bicudo na área, funda com Franco da Rocha a primeira versão da Sociedade Brasileira de Psicanálise em 1927 e paralelo a isso eles também fundam uma revista científica sobre Psicanálise, que teve apenas um único número (FACCHINETTI; PONTE, 2003), tendo sido mal-sucedida essa primeira tentativa. Um motivo era que parte dos integrantes da Sociedade não tinham interesse de exercer a análise clínica profissionalmente; outra razão é que Marcondes recebeu de Freud a recomendação de que a Psicanálise no Brasil estivesse mais próxima da Associação Internacional de Psicanálise (IPA)²⁰ (FACCHINETTI; PONTE, 2003). Após sua primeira tentativa de fundar uma sociedade de Psicanálise não ter êxito, Durval Marcondes irá recriá-la, então nesse momento os caminhos dele e de Virgínia Bicudo irão se cruzar. Nessa segunda tentativa os interessados em aprender Psicanálise tinham interesse em praticar a análise clínica, além de Marcondes ter seguido o desenho institucional recomendado pela IPA.

Ao ter contato com a Psicanálise durante sua graduação na ELSP, Virgínia Bicudo procurou Marcondes para aprofundar seus conhecimentos. Sobre esse momento em que eles se conheceram, Bicudo conta a seguinte história (TOGNOLLI, 1994): após ela expressar seu interesse na Psicanálise, Marcondes diz que ela deveria pedir permissão ao pai para começar seus estudos; segundo Marcondes isso era necessário pois o curso de Psicanálise tratava sobre sexualidade e por conta disso era cercado de preconceito. Na sessão seguinte, ela retornou e disse que seu pai havia dado permissão, sendo que na verdade seu pai, Theófilo Bicudo, já havia morrido. Esse ocorrido mostra como a Psicanálise era cercada por tabus naquela época, além do machismo que permeava o ambiente profissional daquele tempo. O fato de Bicudo

²⁰ A sigla está em inglês.

ser obrigada a trazer a permissão de seu pai, uma figura masculina de autoridade sobre ela, para que pudesse ingressar os estudos mostra também como ser uma mulher poderia ser um condicionante na sua trajetória profissional.

Na carreira dentro da Psicanálise, Virgínia Bicudo fez parte do então Grupo Psicanalítico de São Paulo, iniciativa liderada por Durval Marcondes para fomentar a Psicanálise no Brasil. Posteriormente o Grupo daria origem à Sociedade Brasileira de Psicanálise em São Paulo no ano de 1944, a partir do seu reconhecimento pela IPA, por meio de carta enviada por Ernest Jones, o então presidente da Associação. Na mesma ocasião é eleita a primeira diretoria da Sociedade e Bicudo é escolhida para o cargo de tesoureira (MORETZSOHN, 2013). Ela também foi a primeira mulher a passar pela análise no Brasil com uma psicanalista formada. Ela realizou esse processo com Adleid Koch (ABRÃO, 2014), que era judia e alemã, forçada a se exilar em nosso país em 1936, fugindo do nazismo na Alemanha (FACCHINETTI; PONTE, 2003).

Por não haver nenhum psicanalista formado e residente no Brasil até aquela época, era necessário que um profissional formado no exterior viesse ao país para submeter os membros do Grupo Psicanalítico de São Paulo à análise. O exercício profissional da Psicanálise exige que todo postulante passe pela experiência da análise pessoal por um psicanalista já formado, sendo essa uma condição imprescindível para que a formação psicanalítica seja completada (BICUDO, 1969). Por conta dessa exigência, Koch foi fundamental para que o reconhecimento do Grupo pela IPA avançasse, assumindo diversas funções ao mesmo tempo: ministrava cursos técnicos, cursos teóricos, realizava supervisões e as análises (FACCHINETTI; PONTE, 2003). Segundo entrevista dada à Folha de São Paulo por Bicudo, ela começou a ser analisada por Koch a partir de 1939 durante o período de cinco anos. Ao final desse período ela já clinicava (TOGNOLLI, 1994).

A oposição dos médicos psiquiatras aos psicanalistas chegou ao seu ponto máximo em um congresso de Higiene Mental, conforme entrevista dada por Bicudo à *Folha de São Paulo* (TOGNOLLI, 1994), em que relata que foi humilhada e ser acusada de charlatanismo pelos médicos psiquiatras. O evento que Bicudo se refere foi o I Congresso Latino-americano de Saúde Mental, ocorrido no ano de 1954 em São Paulo, evento em que psicanalistas e médicos psiquiatras foram obrigados a dividir espaço (ABRÃO, 2010). Na entrevista, Bicudo relata que a acusação de charlatanismo era feita pelos médicos, sob o argumento de que apenas essa categoria deveria exercer a Psicanálise; nesse relato ela confirmou que esse acontecimento a fez buscar um período de estudos em Londres. Esse ataque tomou sua proporção mais

dramática durante a mesa redonda em que seriam apresentados os trabalhos realizados pela Seção de Higiene Mental Escolar, composta por Virgínia Bicudo, Lygia Amaral e Judith Andreucci, momento em que as três foram acusadas de charlatanismo.

Virgínia Bicudo relata em duas entrevistas que ficou muito abalada após esse incidente no Congresso, citando inclusive que queria morrer (ARAÚJO, 2002 Apud ABRÃO, 2010; BICUDO, 1994a Apud GOMES, 2013). Abrão (2010) argumenta que ela estava mais exposta do que suas colegas psicanalistas não-médicas, por conta de sua presença nos meios de comunicação da época, o que a tornaria um alvo mais fácil a essas acusações. No entanto, a sua colega Lygia Amaral reagiu de modo muito mais brando às acusações de charlatanismo (ABRÃO, 2010; MORETZSOHN, 2013). Buscarei ponderar sobre essa diferença na reação entre as duas psicanalistas: considero que não há como observar a forma como Virgínia Bicudo ficou fragilizada com essas acusações, sem levar em conta o racismo.

Desde sua infância, Virgínia Bicudo precisou desenvolver estratégias, como o esforço em tirar boas notas, para evitar a rejeição causada pela cor da pele (MAUTNER, 2000). Considerando que os círculos em que transitava eram majoritariamente brancos, uma mulher negra como ela provavelmente era considerada um *corpo estranho* nesses espaços, ainda que fosse uma profissional em ascensão. Nossa interpretação é que esse episódio violento das acusações de charlatanismo a atingiu fortemente em virtude do desconforto que ela já sentia nesses espaços de maioria branca. Entretanto, Bicudo não era uma fraude, como apontado por seus opositores, mas era uma pessoa aplicada nos seus estudos e no seu trabalho, característica cultivada desde a infância.

Em paralelo ao seu período de aprendizado no Grupo Psicanalítico de São Paulo, outro movimento importante de Virgínia Bicudo foi seu período como professora assistente de Marcondes entre 1940 e 1946 (FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO, [s.d.]), quando ministraram juntos a disciplina de *Psicanálise e Higiene Mental* na ELSP. A parceria de Bicudo com Marcondes, como professora assistente dessa disciplina, é um indicativo da confiança obtida por ela. Também mostra a importância de Marcondes na sua formação enquanto psicanalista, pois certamente esse período como professora foi proveitoso para aprofundar seus conhecimentos na área. Bicudo também escreveu textos em duas coletâneas organizadas pelo psicanalista, os livros *Psicologia moderna* e *Noções gerais de Higiene Mental da criança*. No segundo livro ela escreveu dois artigos: *Papel do lar na Higiene Mental da criança*. *Influência das condições da organização da família e dos distúrbios das relações intrafamiliares* (BICUDO, 1946a); *Funções da visitadora psiquiátrica*

na clínica de orientação infantil. *Métodos de diagnóstico e de tratamento psicossocial* (BICUDO, 1946b).

Foi também por meio de Marcondes que Virgínia Bicudo ingressou na Seção de Higiene Mental Escolar em São Paulo, onde ela começou a trabalhar com as chamadas *crianças-problema*. Com o objetivo de cuidar das crianças para que esses futuros adultos sejam integralmente sadios, as clínicas de orientação infantil – como a desta Seção – tratam a criança para ajudá-la a se descarregar de sentimentos negativos, como inveja e medo, para mudar seu modo de sentir e reagir em relação às pessoas ao seu redor (BICUDO, 1956). Esse foi um primeiro contato com uma temática de trabalho que acompanharia Virgínia Bicudo por um longo tempo, pois parte da sua carreira seria dedicada à Higiene Mental, área de atuação focada no cuidado infantil. Em seu livro *Nosso mundo mental*, Bicudo formula o conceito de *criança-problema*:

É chamada criança problema aquela que, por dificuldades emocionais, não corresponde aos padrões de comportamento exigidos pela educação. Os sintomas de dificuldades emocionais da criança apresentam-se de formas diferentes através de manifestações físicas, psíquicas e sociais. As dores de barriga e de cabeça motivadas pelo medo de ir à escola são exemplos de dificuldades emocionais expressas por meio de sintomas físicos. A falta de aproveitamento escolar é um sintoma muito frequente de dificuldade emocional, atingindo a eficiência do trabalho mental. No nível social de relações da criança com os outros, as brigas, a indisciplina ou a timidez são alguns exemplos de reações frequentemente encontradas e motivadas por distúrbios afetivos (BICUDO, 1956, p. 167, grifos nossos).

Para resolver essa questão das *crianças-problema* no âmbito do poder público, Durval Marcondes foi o responsável pela criação da Seção de Higiene Mental Escolar em 1938, com cerca de 70 profissionais atuando sob sua coordenação (GARCIA, 2014). De acordo com Abrão (2010), a equipe da Clínica de Orientação Infantil mantida pela Seção era composta por uma equipe multidisciplinar: médico internista, médico psiquiatra, visitadora psiquiátrica e psicologista. A divisão de competências desses profissionais era a seguinte:

Neste sentido, cabia ao médico internista realizar o exame físico da criança com a finalidade de identificar alguma patologia de origem orgânica; ao médico psiquiatra era atribuída a função de fazer a avaliação do estado mental, procedendo a classificação nosológica quando necessário; a psicologista tinha a função de fornecer indicações relativas à condição intelectual e à estrutura de personalidade da criança, empregando, para tal, testes de personalidade e inteligência; por fim, a visitadora psiquiátrica ficava incumbida de uma dupla função: colher a história de vida das crianças, mediante a realização de entrevistas e observação direta na escola e na família, e realizar as intervenções necessárias por meio de orientações a

pais e professores e psicoterapia com a criança (ABRÃO, 2010, p. 94, grifos nossos).

Após o diagnóstico construído de modo multidisciplinar, o segundo momento consistia em atuar no ambiente em que a criança vivia, de modo a favorecer seu desenvolvimento e adaptação no espaço escolar, por meio de orientações aos pais e professores de como proceder: no caso dos pais, em relação à educação da criança; no caso dos professores, em relação às dificuldades apresentadas pela criança na escola (ABRÃO, 2009). Virgínia Bicudo (1956) considerava que uma *criança-problema* na verdade é uma criança-ambiente, isto é, ela reflete a situação total do contexto em que vive. Assim, essa assistência não seria dada apenas à criança de forma individual, mas também para a sua família, por exemplo, obedecendo assim a uma visão holística de cuidado. Isso significa que na Higiene Mental “muitas vezes os adultos precisam ser orientados e tratados, para que possam constituir-se em apoio seguro para criança” (BICUDO, 1956, p. 27).

Diante disso, podemos perceber que a própria existência da Seção tinha como um pressuposto que o cuidado das *crianças-problema* não deveria ficar sob responsabilidade apenas da família, mas também deveria ser alvo da atuação do poder público. Desse modo, mais uma vez a dimensão psicológica e social se articulam na atuação profissional de Virgínia Bicudo, mostrando como o núcleo familiar também é atravessado por problemas psicológicos e sociais.

Segundo Abrão (2014), os três pilares da atuação da Clínica de Orientação Infantil era a Higiene Mental, o movimento *Escola Nova* e a Psicanálise. O movimento da *Escola Nova* propõe uma mudança de paradigma no ensino público brasileiro (ABRÃO, 2010): a criança deveria ser entendida como um ser em desenvolvimento que possui uma lógica de pensamento própria; o conhecimento disso propiciaria a formulação de propostas pedagógicas mais adequadas. Outra característica da *Escola Nova* era sua defesa de uma educação laica, em contraposição ao ensino confessional católico que estava difundido naquele momento histórico (DÁVILA, 2006).

Sobre a presença da Psicanálise como um dos elementos fundantes na atuação da Clínica de Orientação Infantil, Abrão (2010) afirma que esta permitiu às Clínicas expandirem o entendimento sobre desenvolvimento infantil, o que permitiu entender melhor as dificuldades da criança na escola: diferenciar aquelas que possuíam problemas emocionais e aquelas que na verdade eram portadoras de alguma deficiência mental. Segundo Bicudo em *Noções gerais de Higiene Mental da criança*, a Psicanálise “demonstra que a personalidade

resulta de um compromisso entre as necessidades biológicas e psíquicas do indivíduo e as exigências sociais” (BICUDO, 1946b, p. 80), apontando que os problemas de conduta resultariam de um distúrbio de ajustamento entre esse indivíduo e a sociedade.

As Seções de Higiene Mental, como aquela fundada por Durval Marcondes em São Paulo, tinham um enfoque eminentemente preventivo sobre as crianças, para evitar que elas sofressem desajustamentos na sua vida adulta (ABRÃO, 2009; GARCIA, 2014). Em um texto no livro *Noções gerais de Higiene Mental da criança*, Virgínia Bicudo (1946a) aponta que um programa de Higiene Mental deve levar em conta os processos orgânicos, psíquicos e sociais, que interagem na dinâmica de personalidade da criança; relacionado a isso, Bicudo também considera a divisão entre o físico e o psíquico da criança uma abstração, pois ela funciona de modo total (BICUDO, 1956).

Bicudo também aponta que nas experiências infantis há “um processo de interação entre as forças físicas e psíquicas da criança e as forças sociais, culturais, econômicas e físicas do meio” (BICUDO, 1956, p. 259), sendo esse um sinal que, mesmo após consolidar a carreira na Psicanálise, ela não abandonou o aporte da Sociologia para entendimento e tratamento das *crianças-problema*, por considerar que o domínio social e psicológico não estão isolados entre si. Na introdução de *O nosso mundo mental*, Bicudo fala que seus estudos de personalidade foram desenvolvidos em diferentes instituições:

Na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, tivemos a oportunidade de conhecer as forças culturais, sociais e econômicas que atuam sobre o indivíduo, tornando-o uma pessoa. Nos cursos de formação de psicanalista da Associação Brasileira de Psicanálise travamos conhecimento com a natureza das forças e dos mecanismos psíquicos que agem na interação entre o indivíduo e o ambiente. Foi, porém, principalmente na Seção de Higiene Mental da Diretoria do Serviço de Saúde Escolar de São Paulo que pudemos sentir e viver os problemas da personalidade e da conduta de crianças e adultos, em seu conjunto (BICUDO, 1956, p. 12).

Esse trecho mostra como Virgínia Bicudo não erguia um muro entre a produção acadêmica e atuação prática, nem entre Sociologia e Psicanálise. No primeiro caso, ela atuou como uma intelectual pública em parte de sua trajetória profissional, além de atuar na promoção de políticas públicas para o cuidado infantil. No segundo, ela mobiliza ao longo da carreira esses dois tipos de conhecimentos, que lidam com diferentes dimensões da realidade.

A respeito do trabalho de Virgínia Bicudo na Seção de Higiene Mental Escolar, ela desempenhou o cargo de visitadora psiquiátrica, sendo essa profissão também voltada para o cuidado infantil. A psicanalista dedica um texto do *Noções gerais de Higiene Mental da criança* a esmiuçar a sua dinâmica de trabalho nessa profissão junto às chamadas *crianças-*

problema, na qual afirma que a raiz de seu trabalho é interpretar a personalidade da criança através dos processos sociais (BICUDO, 1946b). Para entender a situação a visitadora realiza um profundo mapeamento social da criança, em especial na família e no ambiente escolar, entendendo “como acontecimentos presentes e passados atuam no estabelecimento da personalidade” (BICUDO, 1946b, p. 81). O método dessa profissional para obter suas informações necessárias é a entrevista, por meio da qual precisava conquistar a confiança de seu interlocutor, para que eles deixassem de lado seu receio de reprovação social e fossem os mais sinceros possíveis. Desse modo, o interlocutor poderia ser devidamente orientado sobre os caminhos de adaptações sociais que precisaria trilhar para satisfazer seus desejos vitais (BICUDO, 1946b).

Um ponto importante que Virgínia Bicudo defende é que a visitadora psiquiátrica deve se desprender de julgamentos morais ou de natureza religiosa na relação com seus pacientes. Ao contrário, ela afirma que esta profissional deve analisar as situações sociais tão somente como fatos, para que possa exercer seu trabalho de modo satisfatório (BICUDO, 1946b). Consideramos que o fato de Bicudo sublinhar que a atuação da visitadora deveria ser objetiva, e não calcada em qualquer moralismo, expressa seu cuidado com que a profissão não fosse vista como um assistencialismo ou caridade, demarcando que sua atuação como nesse cargo obedece ao rigor científico. Podemos inferir também que exista a preocupação por parte dela em mostrar que a Seção de Higiene Mental realizava uma política pública cientificamente embasada.

Voltando à explicação sobre o trabalho da visitadora psiquiátrica, Bicudo (1946b) explica que a sua atuação consistia em duas fases: a primeira é a coleta de dados e a sua interpretação, a fim de propor ideias mais adequadas para o processo educativo, em substituição às ideias que geravam condutas danosas; a segunda fase é agir para mudar as atitudes, no âmbito do que a psicanalista chamava de *economia afetiva* – por exemplo os pais que são muito severos devem atenuar esse tipo comportamento, ou os pais relapsos devem assumir com mais firmeza suas responsabilidades. Sobre a coleta de dados, Virgínia Bicudo faz o seguinte panorama:

Ela parte do conhecimento da queixa dos pais e professores e deste para o conhecimento mais completo da criança: indaga sobre seus problemas, as particularidades de conduta e hábitos de asseio. Reporta-se ao seu desenvolvimento físico e psíquico desde a fase da gestação. Constam de sua ficha, no que se refere diretamente à criança, informações quanto aos antecedentes pré-natais e pós-natais, temperamento, caráter, conduta social; vida sexual; alimentação e sono; hábitos ligados às funções fisiológicas. As observações são planejadas com o fim de esclarecer sobre a condição dos

desejos vitais da criança, a possibilidade de satisfação e a habilidade com que a criança reage ao ambiente (BICUDO, 1946b, p. 86).

Tendo em vista todas essas características mostradas sobre o trabalho de Virgínia Bicudo como visitadora psiquiátrica, podemos ver como sua atuação nessa profissão deu subsídios para sua dissertação, defendida em 1945. Em primeiro lugar, a socióloga teve acesso a parte dos indivíduos entrevistados nessa pesquisa por sua atuação na Clínica de Orientação Infantil. Em segundo lugar, pela experiência obtida em realizar entrevistas nas quais deveria levantar uma série de informações sobre as crianças que estavam sob seu cuidado, não apenas aquelas de cunho mais *objetivo*, como antecedentes médicos: como visitadora ela precisava saber ao máximo as experiências de vida delas, criando uma atmosfera confortável e de confiança.

Quando lemos os relatos de pessoas pretas e mulatas obtidos pela psicanalista em sua dissertação, vários falando abertamente sobre experiências bastante íntimas e traumáticas, percebemos que a sua bagagem como visitadora psiquiátrica foi importante para conseguir informações que sustentassem sua análise acurada sobre as atitudes raciais de pretos e mulatos. As entrevistas dessas pessoas não são apenas um acessório, mas são fundamentais para a dissertação de Virgínia Bicudo.

Após entender a atuação de Virgínia Bicudo como visitadora psiquiátrica, vamos falar um pouco sobre suas iniciativas para levar a Psicanálise ao grande público. Em 1950, ela apresentou um programa de rádio na emissora Excelsior chamado *Nosso mundo mental*. O programa era feito no formato de rádio-teatro e abordava temas como “inconsciente, agressividade, inveja, ciúmes, culpa, fantasia, amor, ódio” (MORETZSOHN, 2013, p. 220). Depois, ela publica uma coluna no jornal *Folha da manhã* durante o ano de 1954, dentro da mesma temática (ABRÃO, 2014). Posteriormente, em 1956 foi publicado em livro compilado dos artigos, em versão revisada, também chamada *Nosso Mundo Mental* (BICUDO, 1956).

Nesse livro a presença da Higiene Mental é uma constante nas reflexões de Bicudo, campo que possui o objetivo de proporcionar aos indivíduos as condições que propiciem o desenvolvimento da personalidade de modo saudável, sendo voltada principalmente para o cuidado com a infância (BICUDO, 1946b), que é feito agindo para “cercá-la de condições ambientais favoráveis à saúde física e mental” (BICUDO, 1956, p. 9) Nos artigos de Bicudo em *Nosso mundo mental*, a Higiene Mental e a Psicanálise caminham lado a lado, pois há uma constância do uso de conceitos psicanalíticos para analisar os desajustamentos de personalidade infantis e seus desdobramentos na vida adulta.

Nas três iniciativas ela divulgou os conceitos psicanalíticos para o grande público e expor como a Psicanálise poderia ajudar a tratar problemas existentes na sociedade, em especial por meio do cuidado à criança. Ela fazia isso de modo didático, a partir de diálogos entre personagens fictícios e uma linguagem acessível. Bicudo possuía certo senso de missão em relação à Psicanálise, pois acreditava que esse saber poderia promover uma melhora social.

Após esse percurso pela carreira de Virgínia Bicudo nos campos da Higiene Mental e da Psicanálise vemos a importância de toda sua experiência profissional relacionada ao cuidado com a subjetividade em articulação com o contexto social no qual o indivíduo está inserido. Da mesma forma, vemos que não é gratuito a inserção de conceitos psicanalíticos como *rapport* (transferência), *identificação*, *recalcamento*, *projeção* e *inconsciente* ao longo de sua dissertação; nem é coincidência a forma como ela rastreia o sentimento de inferioridade presente de modo generalizado entre pretos e mulatos, presente na sua intensa autodepreciação em diversos níveis, fazendo essas pessoas verbalizarem experiências traumáticas causadas pelo racismo.

Todos esses elementos são resultado do trabalho de Bicudo como visitadora psiquiátrica, professora de Higiene Mental e Psicanálise com Durval Marcondes na ELSP, além de sua formação psicanalítica que acontecia em paralelo à sua pesquisa de mestrado na Escola. A partir desse conjunto de informações mostradas, como foi possível Bicudo (2010) abordar processos sociais e psicológicos para entender as atitudes raciais manifestadas por pretos e mulatos. Ao mesclar Sociologia e Psicanálise, Bicudo traz a subjetividade dessas pessoas para o centro de sua dissertação, mostrando que por trás de uma aparente harmonia racial existia toda sorte de sofrimentos psicológicos causados pelo racismo.

4.6. FRENTE NEGRA BRASILEIRA: OS NEGROS EM COLETIVIDADE DISCURSANDO SOBRE SI PRÓPRIOS

Após analisarmos a presença e a importância da Psicanálise na trajetória profissional de Virgínia Bicudo, e na sua dissertação, mostraremos como a presença do movimento negro representa um desdobramento do olhar psicanalítico da socióloga neste estudo. A pesquisa dela sobre atitudes raciais para sua dissertação também se debruça sobre uma organização do movimento negro chamada pelo pseudônimo de *Associação de Negros Brasileiros*, em que a

socióloga justifica a ocultação do real nome do grupo por “razões óbvias” (BICUDO, 2010). A autora analisa a organização por meio de entrevistas com uma liderança preta e também por meio do seu jornal, nomeado por Bicudo pelo pseudônimo *Os descendentes de Palmares*. Necessário lembrar que em 1945 o Brasil estava saindo da ditadura do Estado Novo comandada por Getúlio Vargas, período de exceção no qual havia perseguição sistemática de opositores políticos, situação que provavelmente fez a socióloga ocultar a identidade de seus interlocutores.

No entanto, podemos concluir que a organização que Virgínia Bicudo travou contato foi a Frente Negra Brasileira, segundo Mário Medeiros da Silva (2011a) e Janaina Damaceno Gomes (2013), pelas pistas no texto de Bicudo como o tempo de duração da organização entre 1931 e 1937, mesmo tempo de existência da Frente Negra, e também sua transmutação em partido político e seu fechamento pelo início do Estado Novo (SILVA, 2011a). Acrescentamos mais uma: a menção da liderança entrevistada por Bicudo (2010), afirmando que o primeiro presidente da associação era adepto do movimento Patrianovista, movimento político teve como seu líder o Arlindo Veiga dos Santos, que também foi o primeiro presidente da Frente Negra. A partir desses sinais ao longo do texto de Bicudo, os dois autores sublinham o pioneirismo de Virgínia Bicudo em analisar uma associação negra no Brasil.

O movimento de Virgínia Bicudo em trazer a Frente Negra Brasileira para sua dissertação representa uma continuidade do esforço em trabalhar a Psicanálise na sua pesquisa sociológica. Com essas entrevistas na primeira parte da dissertação a socióloga mostra, ao longo do texto, como ser preto ou mulato nas classes “inferiores” ou intermediárias gera feridas diferentes na subjetividade desses sujeitos. No entanto, o ponto em comum é que as feridas psicológicas estão sempre lá, apenas com modulações distintas.

Na segunda parte da dissertação, Bicudo traz a Frente Negra para sua análise e, ao fazer isso, ela passa da escuta dos discursos dos indivíduos para a escuta dos discursos produzidos coletivamente. As análises produzidas por Bicudo continuam tendo como pressuposto essa escuta dos sujeitos: a socióloga baseia-se nos discursos produzidos pelos fretenegrinos para tirar conclusões a respeito de atitudes raciais e sobre a atuação da organização. A *escuta*, aspecto próprio da Psicanálise, permanece na análise desses discursos formulados coletivamente. Por sua vez, a Sociologia está presente na escolha de Bicudo em se debruçar sobre uma instituição que trata o *preconceito de cor* como um problema a ser combatida socialmente.

Após introduzir como Psicanálise e Sociologia se articulam na segunda parte da dissertação, nesse momento vamos nos debruçar sobre a análise de Virgínia Bicudo a respeito da Frente Negra Brasileira. O objetivo da socióloga ao trazê-la para sua pesquisa era estudar as atitudes raciais a partir de uma instituição, já que até então em sua dissertação ela havia mobilizado apenas entrevistas de indivíduos pretos e mulatos, para analisar as atitudes raciais dos descendentes de africanos. De acordo com Gomes (2013), ao trazer para dentro de seu estudo uma organização do movimento negro, Bicudo aproxima a realidade brasileira da realidade estadunidense, em relação ao racismo. A ação do movimento negro, na figura da Frente Negra Brasileira, é mencionada muito brevemente por Pierson (1945c) na 1ª edição de *Negroes in Brazil* como indício de uma *consciência de raça* dos negros em São Paulo, mas que seria exceção no Brasil. Já no estudo de Virgínia Bicudo, a Frente Negra tem grande relevância, ao invés de mera citação protocolar.

Na primeira parte das formulações de Bicudo sobre a Frente Negra, ela traz uma série de *falas* de uma das lideranças da organização, sendo essa um preto que era funcionário público e profissional liberal. Importante dizer que os discursos produzidos por esse militante devem ser considerados como um discurso da organização, mesmo que tais falas sejam individuais, visto que ele é uma liderança frentenegrina. Nessa primeira parte, os fragmentos de entrevistas mobilizados por Bicudo (2010) giram em torno das grandes dificuldades que os negros tinham para obter emprego, mesmos os que possuíam diploma de ensino superior. Sobre essa marginalização generalizada dos negros que se expressava no mercado de trabalho, que afetava diretamente a subsistência deles, a liderança da Frente Negra afirmava que essa situação tinha como causa as restrições baseadas na cor, não na classe. Sobre as dificuldades para se organizar os negros politicamente, o militante entrevistado afirma o seguinte:

Empregados em trabalho de baixo salário, os negros se achavam absorvidos pelos problemas de prover a subsistência. Não lhes ficavam tempo e energia para adquirir elementos intelectuais a fim de compreender os determinantes sociais de sua miserável condição. Vimos ser necessário, em primeiro lugar, abrir caminho no campo econômico (BICUDO, 2010, p. 129).

A partir dos relatos desse militante, e da análise do programa da Frente Negra Brasileira, Bicudo conclui que a prioridade da organização era a melhora da situação econômica da população negra, por meio da ascensão social. No entanto, a socióloga também nota que as lideranças frentenegrinas tinham a ascensão econômica como um meio para elevar os níveis intelectual e moral dos negros, para assim atingir o fim de mobilizá-los politicamente para reivindicar direitos da população negra (BICUDO, 2010).

Nesse sentido, Bicudo também nos apresenta uma série de relatos do militante fretenegrino entrevistado sobre a profundidade das mazelas que se abatem sobre os negros em virtude do racismo, em suas dimensões econômica, social e psicológica. A partir desses relatos, que revelavam a perspectiva da Frente Negra de que a *questão do negro* tinha múltiplas facetas a ser combatidas, Bicudo percebe que a organização buscava, além de melhorar a condição econômica dos negros, cuidar da “instrução, da educação e do desenvolvimento da consciência de cor” (BICUDO, 2010, p. 129). Sobre esses diversos tentáculos do racismo, o militante entrevistado afirma o seguinte:

É um erro pensar que os negros tencionam criar uma questão dentro do país. Queremos apenas encontrar maiores facilidades em todas as atividades. Que o negro seja integrado absoluta e completamente em toda vida brasileira (econômica, política, social e religiosa). O negro brasileiro deve cessar de ter vergonha de seu componente racial. Este problema somente se resolverá por esforço geral, uma educação nova [...]. Protestamos porque nos repelem, unicamente como negro (BICUDO, 2010, p. 130).

O militante fretenegrino entrevistado pela socióloga também relata a tática inicial da organização, a fim de arregimentar novos integrantes, e a sua mudança em virtude de represálias dos brancos. Inicialmente a Frente Negra buscou arregimentar outras pessoas de cor para suas fileiras fomentando a animosidade contra os brancos. Isso gerou represálias por parte dos brancos, como os ataques constantes na imprensa e a não-contratação de mulheres fretenegrinas como empregadas pelas patroas brancas. Concomitante a isso, houve uma crise interna dentro da organização, que culminou na mudança das lideranças, que por sua vez mudou a tática da associação. Esse giro consistiu em deixar a luta do “contra o branco” para a luta contra o negro decaído, que se opunha ao próprio negro (BICUDO, 2010).

No primeiro caso, Bicudo aponta que os fretenegrinos desenvolveram a *consciência de cor* de seus integrantes a partir das atitudes de antagonismo contra os brancos; quando eles passam a centrar seus ataques nos negros que eram antagônicos ao negro, eles passaram a evitar as atitudes de oposição ao branco e substituindo-as por atitudes de simpatia (BICUDO, 2010). Importante dizer que a figura do *negro decaído*, atacado pelas lideranças fretenegrinas, se refere a pessoas negras que exercem comportamentos que esse grupo considera não aceitáveis. Segundo Bicudo (2010), houve resultados relevantes quando as lideranças da Frente Negra operaram a mudança de atitudes em relação aos brancos, como maior apoio da imprensa abertura e o reconhecimento da organização como partido político, por exemplo.

Virgínia Bicudo também investiga as atitudes raciais na Frente Negra por meio de seu jornal *A Voz da Raça*, com a análise dos dois últimos anos de publicação do jornal. A socióloga subdividiu os artigos publicados em três assuntos: primeiro, os que fomentavam a solidariedade racial, para fortalecer a disputa política contra outros grupos; segundo, os que faziam o enaltecimento do negro, para eliminar seu sentimento de inferioridade; terceiro, os que ensinavam a instrução e a moral ao negro, para elevá-lo na sua disputa contra os brancos. O trecho abaixo é um exemplo do primeiro tipo de artigo publicado no *A Voz da Raça*:

Estamos novamente no dia do povo negro. Treze de maio de 36... Justamente 48 anos de distância dos nossos antepassados tão desafortunados. Na verdade, nós de hoje não somos menos, porque eles tiveram a sua liberdade material, e nós, a despeito de sermos libertos, continuamos presos à escravidão pelo lado moral. [...] Se o leitor se der ao trabalho de investigar o pensamento de cada homem negro, letrado ou ignorante, há de ficar pasmado. Há uma perfeita comunhão de ideias: todos, ou a maioria, pensam duma mesma forma no tocante ao ideal. Todos sofrem do amesquinamento e da diminuição; sentem o preconceito e as preterições; sabem dos vexames e do pouco caso. Sofrem pela marca indelével de sua epiderme, pelo crime de terem nascido escuros (BICUDO, 2010, p. 139).

Bicudo (2010) percebe que os fretenegrinos mobilizam em seus discursos as experiências históricas de sofrimento dos descendentes de africanos, durante mais de três séculos de escravidão, como uma ferramenta para criar uma consciência de grupo, forjando assim uma solidariedade entre os negros. As lideranças da Frente Negra faziam a conexão entre um passado comum de opressão, por causa do escravismo que tinha como fundamento a raça, e o seu presente de marginalização perpetrado pelos brancos e que também é baseado na raça. Esse é um forte exemplo de discurso articulado coletivamente sob o qual Virgínia Bicudo fez a *escuta* psicanalítica e usou como base para suas análises, por buscar unir os negros em torno de um passado comum.

O segundo tipo de artigo publicado no *A Voz da Raça*, de acordo com Bicudo (2010), são escritos para o enaltecimento do negro que tinham como objetivo combater o sentimento de inferioridade. A respeito desse tema, um dos artigos do jornal fretenegrino diz o seguinte:

Precisam os negros perder o amor às profissões de dependência, em que ficam eternamente submetidos a patrões que os desestimam e diminuem muitas vezes até no salário. Não é que queiramos sejam todos os negros comerciantes. Deve o negro ser tudo quanto são os outros... E também negociantes. E os compradores negros não devem fugir de compras dos negociantes. Muito pelo contrário. Percam, pois, o temor, patrícios, sejam lojistas, vendeiros, mascates, como são os outros... Façam concorrência aos estrangeiros. Gritem, apregoem suas mercadorias com coragem. E teremos

dado mais um passo à redenção da nossa gente (BICUDO, 2010, p. 143, grifos nossos).

De acordo com Virgínia Bicudo (2010), os fretenegrinos combatiam o sentimento de inferioridade por avaliarem que era um obstáculo para a solidariedade racial e a ascensão social dos negros. No trecho acima, vemos como esses dois elementos estão presentes: o primeiro, ao incentivar que pessoas negras comprem de negociantes negros, como modo de fortalecer financeiramente o próprio grupo racial; o segundo, no apelo que os negros percam o medo de se lançar na disputa econômica. Percebemos mais uma vez como a dimensão econômica da marginalização do negro era uma questão candente para a Frente Negra, visto que, em última análise, tratava-se da sobrevivência da população negra. Desse modo, percebemos que os fretenegrinos entendem que o *preconceito de cor* impacta a subjetividade dos negros, o que os leva a se sentir inferiores aos brancos, e que contornar isso é uma tarefa da organização. Por sua vez, Bicudo articulou a Psicanálise com seu conhecimento sociológico, ao conseguir capturar esse movimento feito pelos fretenegrinos, já que uma dificuldade de natureza social tinha como fundamento um dano na subjetividade desses sujeitos negros.

O terceiro tipo de artigo publicado no *A Voz da Raça*, segundo Bicudo (2010), era para difundir a instrução e a moral entre os negros, para possibilitar que estes disputassem com os brancos em melhores condições culturais. Sobre o comportamento de grupos de pessoas negras na antiga Rua Direita, na região central de São Paulo, um artigo diz o seguinte:

O que, porém, não pode prevalecer, o que de nenhum modo pode continuar é o círculo viciado daquela passeata; é a pouca vergonha que se nota; o descaramento das ações praticadas que fazem corar um frade de pedra. É preciso acabar com os ajuntamentos de dom-juans sem escrúpulos, de rodinhas de incomportados. É necessário extinguir esses focos de obscenidades que provocam as cenas mais escandalosas; esse misturar de homens e mulheres sem a mínima sombra de pudor, sem nenhuma compostura. É urgente terminar com esse relaxamento que depõe contra os nossos foros de raça progressista. É imprescindível uma reforma nos costumes, nos gestos, nas ações e sobretudo nas galanterias de lupanar que ali campeiam livremente. É necessário cessar esse centro desmoralizador da raça (nobre raça sobre a qual uma pequena mancha se torna uma nódoa tremenda) (BICUDO, 2010, p. 146, grifos nossos).

No trecho acima vemos como os fretenegrinos consideravam importante difundir certos tipos de comportamento entre os negros, de forma a não ser rotulados pelos brancos por condutas consideradas inadequadas, como “indecências” no espaço público. Consideravam que era preciso curar as “nódoas” para que a raça não fosse desmoralizada frente aos brancos.

Desse modo, podemos perceber como as lideranças fretenegrinas tinham uma ideia regular o comportamento moral das pessoas negras, ao rechaçar “focos de obscenidades” praticadas por elas. Outro artigo também diz o seguinte a respeito desse tema:

Instrução é o que o negro precisa. O negro deve procurar instruir-se, se é que quer libertar-se dos grilhões da ignorância e quebrar as algemas vergonhas do preconceito que o aniquila.

[...]

NEGROS: precisamos de uma mocidade sadia, despida de vícios, bastante obediente e liberta da ignorância. Urge, pois, que trabalhem incessantemente para combater grandes males que há séculos vem flagelando a nossa raça. No meio negro, é necessário que se selecione e se expurgue a erva daninha, que a tenta corromper (BICUDO, 2010, p. 148).

No discurso fretenegrino, o aprimoramento intelectual e comportamental andavam sempre juntos, pois na visão deles a população negra guardava historicamente dentro de si problemas profundos em ambas as esferas. De um lado, o analfabetismo e a falta de escolarização formal, de outro, situações como alcoolismo e o “desregramento sexual”: no discurso fretenegrino, a *raça negra* não conseguiria se reerguer sem atacar esses dois tipos de problemas.

A partir desses dados levantados por Virgínia Bicudo sobre a Frente Negra Brasileira, veremos agora as análises empreendidas pela socióloga sobre a organização. Ela conclui que a organização foi originada pelo *preconceito de cor* vindo dos brancos, pois as atitudes raciais dos militantes fretenegrinos fundamentavam a existência desse preconceito por parte do grupo dominante (BICUDO, 2010). Isso significa que a razão de ser para estas pessoas negras articularem-se, a fim de fundar uma organização de cunho racial, é a percepção da existência do *preconceito de cor* e de seu impacto em suas trajetórias. O que motivava tais militantes a fundar e manter uma organização desse tipo é o embate político contra o racismo.

A socióloga considera que a Frente Negra “apresenta-se como ensaio de um movimento coletivo, liderado por negros conscientes de seu status ligado à barreira de cor” (BICUDO, 2010, p. 154), apontando também que a rivalidade e o antagonismo entre os próprios negros dificultou a consolidação do grupo. Bicudo (2010) percebeu que esses obstáculos – o afastamento dos negros, em especial os mulatos, das classes intermediárias, além da rivalidade intrarracial em paralelo com a simpatia ao branco – eram sintoma da absorção dos ideais e conceitos do branco.

Bicudo (2010) mostrou as limitações sofridas pela Frente Negra em sua tentativa de mobilizar a população negra para um projeto político de efetivação da cidadania para esse grupo, com o combate ao sentimento de inferioridade presente entre eles e também a

aplicação de um programa econômico, social e político para melhoria das condições de vida dessa parte da população. Analisando a mudança de atuação da Frente Negra, de combate ao branco para o combate ao *negro decaído*, a socióloga desvelou também como essa situação era um caso concreto da acomodação entre pretos e brancos baseado no *recalcamento* das hostilidades, que nos indivíduos pretos se manifesta por suas atitudes de submissão ao branco por medo de represálias dele. Já o caso dos mulatos foi diferente, de acordo com Bicudo (2010): enquanto os pobres faziam parte da organização e foram considerados pretos, aqueles pertencentes às classes intermediárias não aderiram às suas fileiras. Essa não-adesão dos mulatos das classes intermediárias à Frente Negra ajuda Bicudo a corroborar sua conclusão de que, branqueando-se no fenótipo e no comportamento, os mestiços conseguiam se integrar à essa classe intermediária.

Pelo material empírico coletado por Virgínia Bicudo, vemos como a Frente Negra produziu um discurso sobre a história do negro no Brasil, a situação de marginalização desse grupo em sua época e a estratégia para mudar esse quadro dramático. A socióloga mostrou como essa organização foi uma expressão de pessoas negras, organizadas politicamente, produzindo discursos sobre si. Janaina Damaceno Gomes (2013) é certa quando aponta que Virgínia Bicudo, ao trazer a Frente Negra para seu trabalho, coloca o negro no domínio da razão: a socióloga mostra que, na coletividade, os negros agem racionalmente.

O que os fretenegrinos fizeram, ao se organizar em torno da cor, foi tirar do domínio estritamente individual as experiências de sofrimento psicológico e interdições sociais sofridas por pessoas negras: se uma pessoa odeia sua própria aparência física, se sente inferior na sua autoestima e inteligência frente aos brancos, ou não consegue emprego por ser negra, isso não é um problema individual, mas uma questão social que precisa ser tratada e combatida publicamente por meio da mobilização política. Isso vale tanto para os discursos articulados no *A Voz da Raça*, quanto para os discursos da liderança entrevistada. Ao fazer esse movimento, a Frente Negra Brasileira confere legitimidade a esse incômodo difuso que muitos negros na época talvez nem conseguissem atribuir ao *preconceito de cor*. Isso por que, com a ajuda dos fretenegrinos, a percepção das consequências sociais e psicológicas causadas pela discriminação não poderia ser mais reduzido a algo que só existiria na imaginação dos negros.

O fato das lideranças fretenegrinas não estarem inseridas em lugares de destaque na academia, como os *intérpretes do Brasil* (brancos) mais famosos, não os impede de formular racionalmente sobre sua própria realidade. Não se trata de diminuir o conhecimento científico

em relação à experiência vivida, ou de aceitar acriticamente todos os posicionamentos da organização, mas de sublinhar que Virgínia Bicudo faz um movimento importante ao trazer uma organização do movimento negro para dentro de seu estudo. Um motivo é que Bicudo considerava os fretenegrinos interlocutores legítimos sobre a *questão do negro* justamente por terem surgido para combater o *preconceito de cor*.

O outro motivo é articulação da Psicanálise no estudo sobre os fretenegrinos, por tomar como base os discursos formulados coletivamente por eles como material empírico e realizar a *escuta* desses discursos e identificar como buscavam remediar as feridas na subjetividade dos negros. Percebemos como a articulação entre conhecimento sociológico e psicanalítico é uma constante na dissertação de Virgínia Bicudo, pois o olhar para a subjetividade dos sujeitos negros está presente, mesmo quando se analisa um movimento social de reivindicação política.

Neste momento traremos mais informações sobre a Frente Negra Brasileira, após entender como Bicudo mobilizou essa importante organização do movimento negro nas análises formuladas em sua dissertação, além de sua importância para as conclusões da autora. A Frente Negra foi uma organização que existiu entre 1931 e 1937, fundada na cidade de São Paulo. A organização inclusive atravessou fronteiras internacionais: nos Estados Unidos, havia frequentes matérias no jornal *Chicago Defender*, um dos maiores veículos da imprensa negra no país durante esse período; um homem chamado Mário Ferreira, da cidade de Lourenço Marques – atual Maputo, capital do Moçambique – enviou carta a Frente Negra com elogios e um pedido de envio de material sobre a organização (DOMINGUES, 2013).

A atuação da Frente Negra era organizada nos seguintes departamentos: instrução ou cultura; musical; esportivo; médico; imprensa; artes e ofícios; dramáticos; jurídico-social; doutrinário (DOMINGUES, 2006a). O departamento de instrução era considerado o mais importante da organização, considerando que a falta de escolarização formal era uma das principais mazelas a que a população negra estava submetida naquele momento do século XX, sendo o analfabetismo generalizado entre os negros nesse período (DOMINGUES, 2008). Entre os fretenegrinos havia uma defesa da educação como grande instrumento de combate ao racismo, pois à medida que se instruísem seriam melhor integrados à sociedade brasileira, com tal conceito no vocabulário desses militantes se referindo tanto à escolarização formal quanto à formação cultural e moral de pessoas negras.

Para combater o analfabetismo, o grupo iniciou em 1932 um curso de alfabetização de jovens e adultos, voltados para negros associados ou não à Frente. Já em 1934 foi dado início

ao curso de educação primária, primeiro no período vespertino e que depois se expandiu para o matutino. Também é importante ressaltar que os fretenegrinos faziam uma discussão sobre racismo no ambiente escolar, mesmo que incipiente: as lideranças da organização criticavam o tratamento discriminatório aos alunos negros e também o ensino de conteúdos escolares que reproduziam estereótipos racistas sobre o negro (DOMINGUES, 2008).

O departamento de imprensa era o responsável pelo *A Voz da Raça*, o jornal oficial da organização, que tinha tiragem entre 1.000 e 5.000 exemplares, chegando a ser lido nos Estados Unidos e no continente africano (DOMINGUES, 2006a). A primeira edição do jornal foi publicada em 18 de março de 1933 e a última em novembro de 1937, totalizando 70 edições, tendo um tempo de vida relativamente longo em relação a outros jornais da imprensa negra, que tinham dificuldades crônicas em se manter (OLIVEIRA, 2006). Por meio do *A Voz da Raça* as lideranças da organização expunham suas formulações a respeito do papel do negro como um agente importante na história da nação, ao lado do branco. Por conta disso, na visão da Frente Negra, a marginalização do negro na sociedade brasileira é um atentado à história da nação, além de apenas causar o seu enfraquecimento (OLIVEIRA, 2006).

O departamento doutrinário era responsável pela formação ideológica dos militantes fretenegrinos, que ocorria por meio de cursos, domingueiras (palestras no dia de domingo) e ensino cívico (DOMINGUES, 2006a). Nos eventos sociais da organização havia uma série de estratégias pedagógicas como palestras, poesias, exemplos de boa conduta e qualquer outro artifício que servisse para aperfeiçoar o comportamento do negro (OLIVEIRA, 2006). Nesse bojo, outra forte preocupação era com sua conduta no espaço público, em que os fretenegrinos deveriam se diferenciar daqueles que ainda precisavam ser salvos pela associação, como os “negros degenerados pelo uso excessivo do álcool, pela falta dos princípios cristãos, pelo analfabetismo, pela falta de trabalho ou pela procura desenfreada dos prazeres da carne” (OLIVEIRA, 2006, p. 62). Podemos dizer que os integrantes do grupo tinham uma conduta rígida no que tange aos costumes, como estratégia de garantir uma respeitabilidade do grupo negro junto aos brancos. Já a atuação das mulheres na Frente Negra ocorria em duas frentes: as *Rosas negras* cuidavam da organização de eventos sociais, como os bailes, enquanto a *Cruzada Feminina* era responsável por realizar ações de assistência da organização (DOMINGUES, 2008).

Torna-se imperativo sublinhar que o surgimento da Frente Negra Brasileira, e sua consolidação como uma organização robusta, é o desdobramento de um acúmulo histórico de mobilização da população negra, em torno de diferentes tipos de associações e de jornais: eles

surgiram em grande número na década de 1920 para fins religiosos, de lazer ou de combate direto às discriminações sofridas pelo negro (OLIVEIRA, 2006). Um exemplo é o jornal *O Clarim*, fundado por José Correia Leite e Jayme de Aguiar como uma publicação de natureza literária, que não tratava de política. Já em 1929 o jornal havia mudado de nome para *O Clarim da Alvorada* e nesse mesmo ano passou a ser um veículo de reivindicação política negra (SILVA, 2011b). Outra organização importante nos anos 1920 foi o Centro Cívico Palmares, surgida em 1926 e que teve vida curta, tinha em sua liderança muitos daqueles que também estariam um pouco depois no comando da Frente Negra, sendo um local de articulação de diversos grupos negros durante o período (OLIVEIRA, 2006).

Os fretenegrinos buscavam fazer pontes com brancos do mundo intelectual e político, além de apresentarem-se para as autoridades como um grupo de natureza pacífica e respeitador da ordem (DOMINGUES, 2006a). Eles procediam assim por a Frente Negra não buscava uma ruptura revolucionária do *status quo* como solução para resolver a marginalização do negro. Pelo contrário, seu horizonte de ação estava voltado para uma ampliação da cidadania do negro dentro da sociedade brasileira, por meio da reivindicação política.

Em relação aos seus posicionamentos políticos, a Frente Negra estava à direita, com um discurso nacionalista bastante próximo do fascismo. Um exemplo disso é o cabeçalho do jornal *A voz da Raça* com os dizeres *Deus, Pátria, Raça e Família*, se diferenciando da palavra de ordem da Ação Integralista Brasileira (AIB) apenas pela adição da palavra *Raça* (DOMINGUES, 2006b). Para o grupo que liderava a organização, encabeçado pelos irmãos Veiga dos Santos, a defesa do negro e a defesa da pátria nacional estavam ligadas de modo umbilical: para a Frente Negra ser negro e ser brasileiro era algo indissociável. Assim sendo, os fretenegrinos não reivindicavam uma ancestralidade africana (OLIVEIRA, 2006).

O outro lado da moeda do nacionalismo conservador fretenegrino era o rechaço ao que eles chamavam de *internacionalismo*, que redundava no anticomunismo no seio da organização, com artigos no *A voz da raça* nos quais escrevia-se sobre o *perigo comunista* que estaria rondando o Brasil (OLIVEIRA, 2006). Havia um alinhamento das lideranças do grupo à figuras fascistas como Hitler e Mussolini – inclusive por parte de Arlindo Veiga dos Santos –, pela defesa que eles supostamente fariam a suas respectivas pátrias e raças, com artigos elogiosos no jornal da organização aos regimes antidemocráticos que comandavam, além de críticas duras à democracia liberal (DOMINGUES, 2006a, 2006b; OLIVEIRA, 2006).

Nesse terceiro capítulo vimos uma síntese das conclusões de Virgínia Bicudo em sua dissertação, percebendo que as atitudes raciais de pretos e mulatos denotavam que os quatro grupos analisados no trabalho sofriam consequências sociais e psicológicas do *preconceito de cor*. Depois vimos que na dissertação Bicudo articula Sociologia, Psicanálise e questão racial na metodologia e nas temáticas exploradas. A partir dessas articulações, mostramos as inovações de seu trabalho para os estudos de relações raciais da época, que mostravam sua disposição em se afastar de estereótipos sobre os negros. Sobre a pesquisa de Bicudo para o projeto Unesco, analisamos como ela representa um desdobramento das temáticas trazidas na dissertação, mas também traz outras não trabalhadas antes, como o estudo mais aprofundado da infância de crianças negras e a escola como um espaço de reprodução de racismo, além de mobilizar metodologia quantitativa, permite generalizar parte de seus resultados.

Também fomos apresentados à trajetória profissional de Virgínia Bicudo dentro da Higiene Mental e da Psicanálise, entendendo como esses conhecimentos foram importantes na sua dissertação. Sua experiência como visitadora psiquiátrica, no cuidado às *crianças-problema*, a ensinou a realizar entrevistas de modo a extrair experiências de seus interlocutores. Com a Psicanálise ela aprendeu a importância da subjetividade na constituição do indivíduo, além de conhecer conceitos que mobilizaria na dissertação para explicar processos psicológicos pelos quais passavam pretos e mulatos. No entanto, vimos como Virgínia Bicudo sempre procurou perceber o indivíduo como um ser holístico, que deve ser entendido pelos prismas da Sociologia e Psicanálise e cujos conhecimentos devem ser articulados.

Por fim, analisamos a inclusão da Frente Negra Brasileira na dissertação de Bicudo como uma continuidade de seu uso da Psicanálise, pelo fato dela mostrar que a organização produzia um discurso racionalizado e coletivo sobre a questão racial, *escutar* esses discursos e se basear neles para suas análises. Isso ao mesmo tempo que permanece a análise sociológica sobre a atuação dos frentenegrinos. Ententemos também que Bicudo mostra que a Frente Negra tem sua razão de existir no combate ao *preconceito de cor*, sobre o qual ela comprova a existência em sua dissertação, o que ressoa as denúncias dos frentenegrinos. Além disso, a organização retira o *preconceito de cor* do plano de uma questão privada para um problema social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões dos três capítulos anteriores temos condições de responder a pergunta de pesquisa apresentada na introdução desse trabalho: como Virgínia Leone Bicudo conseguiu forjar sua perspectiva teórico-metodológica a partir de um universo de autores, nacionais e estrangeiros, que estavam à disposição em seu contexto intelectual de modo amplo?

No primeiro capítulo, procuramos entender o contexto intelectual amplo no qual Virgínia Bicudo estava inserida. Investigamos a sociologia estadunidense sobre relações raciais entre final do século XIX e a década de 1940 mostrando a centralidade de Robert Park neste campo, com o paradigma do *ciclo de relações raciais*. No entanto, também salientamos que esse campo não estava imune a disputas, pois havia sociólogos e intelectuais negros como W. E. B. Du Bois, Anna Julia Cooper, Ida B. Wells-Barnett e E. Franklin Frazier, que divergiam de Park do ponto de vista teórico e político. Após isso, mostramos como a vinda de Donald Pierson ao Brasil, orientador de Virgínia Bicudo no mestrado na ELSP e seu principal interlocutor na dissertação, para sua pesquisa de campo no doutorado, foi uma iniciativa do Seminário de contatos raciais e culturais, projeto fundado em 1934 e sediado na Universidade de Chicago.

Em relação à ELSP, espaço de formação de Bicudo na Sociologia, mostramos que seu projeto pedagógico era voltado inicialmente para o preparo de seus alunos, do ponto de vista teórico e de pesquisa empírica, para formação de quadros qualificados das classes dirigentes. Entretanto, aconteceu uma inflexão deste projeto com a chegada de Pierson na Escola, que passou a enfatizar a formação de pesquisadores no campo da Sociologia, em lugar da intenção inicial de formar esses quadros para intervir nas questões sociais. Outra característica da Escola era sua abertura para a interdisciplinaridade, como notado nas disciplinas cursadas por Bicudo em sua graduação, o que auxiliou a formar o caráter interdisciplinar da sua perspectiva sobre relações raciais, dando abertura para a articulação entre conhecimento sociológico e psicanalítico na dissertação.

Sobre as disciplinas que Virgínia Bicudo cursou durante o mestrado na ELSP, Pierson foi seu professor em metade destas, o que aponta para sua centralidade na formação da socióloga na instituição. No entanto, ela cursou disciplinas que a permitiram ter acesso a outros temas de pesquisas, como a etnologia indígena, e vertentes teórico-metodológicas, como a etnografia nos moldes da antropologia britânica. Esta diversidade também é revelada

no caso dos artigos sobre questão racial na revista *Sociologia*. Ainda assim, ao analisar os artigos escritos por Pierson publicados sobre o tema na revista, concluímos que Bicudo teve-o como importante referência, no tocante às temáticas discutidas, como a miscigenação, e conceitos mobilizados na dissertação, como a *consciência de raça* (a qual Bicudo nomeia *consciência de cor*) e os *contatos primários*, que seriam marcados por vínculos profundos mais presentes nas famílias e nos locais isolados.

No segundo capítulo, analisamos a inserção de quatro autores nacionais e estrangeiros na dissertação de Virgínia Bicudo: Robert Park, Gilberto Freyre, Donald Pierson e Oracy Nogueira. Fizemos isso a fim de desvelar como a socióloga mobilizava as formulações destes autores para articular a perspectiva teórico-metodológica de sua dissertação. No caso de Robert Park, vimos como Bicudo traz para a pesquisa algumas ideias do *ciclo de relações raciais*, ainda não o reivindique como paradigma teórico, tendo em vista que a socióloga mobiliza raramente os conceitos das quatro fases do *ciclo* no texto. Além disso, Bicudo demonstra que as tensões raciais permaneceriam mesmo com a eventual assimilação de pretos e mulatos, divergindo assim das formulações de Park a respeito disso, o que na prática a afastou desse paradigma.

Em relação à Gilberto Freyre, a socióloga traz um trecho de *Sobrados e Mucambos* para corroborar que historicamente os mulatos passavam por uma assimilação, do ponto de vista racial e cultural. Freyre e Bicudo convergem em captar, em suas referidas obras, o sofrimento psicológico dos mulatos que ascendiam socialmente. Entretanto, a diferença fundamental entre os dois autores é que, em *Sobrados e Mucambos*, as tensões raciais são secundárias nas reflexões de Freyre, enquanto Virgínia Bicudo aborda estes tensionamentos de modo central no seu trabalho. Sendo intencional ou não, é interessante notar que Bicudo mobilizou um autor basilar para a percepção de Pierson sobre a *situação racial brasileira* em sentido de concordância na sua dissertação, chegando depois a uma conclusão divergente de seu orientador sobre o padrão brasileiro de relações raciais.

Esse uso de Freyre por Virgínia Bicudo na dissertação é um dos exemplos do modo como a autora trabalhava criticamente com sua bibliografia, isto é, mobilizava as formulações desses autores que considerava adequadas, enquanto divergia dos elementos que considerava equivocados. Isso mostra que Bicudo possuía agência sobre a própria pesquisa, ao decidir quais autores seriam utilizados e de que forma seriam mobilizados, não sendo mera *expectadora* dos rumos de sua dissertação.

Donald Pierson foi o principal interlocutor de Virgínia Bicudo em sua dissertação, em virtude de *Negroes in Brazil* ter sido uma pesquisa pioneira em analisar a questão racial no país. Outro fator para esse nível de interlocução foi a disciplina *O negro no Brasil* cursada por Bicudo durante o mestrado, pois Pierson a ministrou e a baseou fortemente em sua própria tese. A tese *Negroes in Brazil* teve forte incidência de Gilberto Freyre, por meio dos livros *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, sendo o pilar da visão do sociólogo estadunidense acerca da formação social brasileira. O desdobramento disso é que o aporte de Freyre foi fator fundamental para Donald Pierson concluir que no Brasil existia uma *sociedade multirracial de classes*. Isso significava que os negros não sofreriam preconceito em virtude da cor, mas sim em virtude de sua classe, visto que não haveria impedimento para a ascensão social de pretos e mulatos.

Nesse sentido, Virgínia Bicudo divergiu de Pierson a respeito da não-existência de preconceito baseado na cor, mesmo demonstrando momentos de ambivalência em relação ao seu orientador, pois ela mostra que pretos e mulatos continuam a ser discriminados pelos brancos, mesmo ao ascender socialmente. A partir de suas escolhas teórico-metodológicas, Bicudo confere centralidade às tensões raciais em sua dissertação. Diferente de seu orientador ao analisar a *situação racial* em Salvador, a socióloga procura investigar a questão racial em São Paulo a partir das particularidades da realidade brasileira, evitando usar os Estados Unidos como o único referencial para investigar cientificamente o racismo.

Neste esforço de analisar a questão racial a partir da realidade brasileira, Bicudo mobiliza ao sociólogo Oracy Nogueira, seu colega de turma no mestrado da ELSP. Ele formulou o conceito de *preconceito de cor*, que explicaria o funcionamento do racismo brasileiro, que serviria como um intermediário entre o preconceito de classe e o *preconceito de raça*, que seria próprio do racismo estadunidense. O uso desse conceito foi importante para Virgínia Bicudo conseguir depreender que o racismo pode assumir diferentes conformações em países com realidades sociohistóricas distintas, como Brasil e Estados Unidos.

Assim, descobrimos que Virgínia Bicudo mobilizou temáticas, perspectivas teóricas e conceitos articulados por estes autores, sem jamais fazê-lo de forma acrítica. Pelo contrário, a socióloga faz uso à contrapelo de suas ideias quando necessário. O uso crítico das ideias desses autores foi fundamental para que a dissertação de Virgínia Bicudo terminasse por apontar a existência do preconceito baseado em cor. Desse modo, a socióloga foi uma das pioneiras na crítica ao *mito da democracia racial*, lançando as sementes para seu questionamento ao atacar sua ideia nuclear.

No terceiro capítulo, nos debruçamos de modo mais profundo na dissertação escrita por Virgínia Bicudo, mostrando suas considerações acerca das atitudes raciais dos pretos e mulatos das classes “inferiores” e intermediárias, as quais apontavam que todos estes grupos sofriam *preconceito de cor*, com efeitos sociais e psicológicos nesses sujeitos. Depois, analisamos como Bicudo conseguiu articular Sociologia e Psicanálise para se debruçar sobre a questão racial na dissertação, do ponto de vista metodológico e das temáticas abordadas.

A partir dessas articulações, mostramos as inovações de Virgínia Bicudo em sua dissertação em relação aos estudos da época que abordavam relações raciais, as quais mostravam sua disposição em fazer uma pesquisa calcada no rigor científico, sem se deixar guiar por estereótipos racistas: 1) traçar a *situação racial* em São Paulo a partir dos discursos de indivíduos pretos e mulatos, captados principalmente a partir das entrevistas, que expõem de modo contundente as exclusões e experiências de sofrimento causadas pelo racismo; 2) mobilizar em sua pesquisa a Frente Negra Brasileira, organização que colocava em xeque a suposta ideia de harmonia racial existente à época no país, revelando que eles atuavam para reagir ao *preconceito de cor*; 3) retratar os negros como um grupo que guarda diferenças internas, sem imputar a eles um pensamento ou conduta monolítica, revelando suas diferenças mesmo na maneira de lidar com o sofrimento causado pelo *preconceito de cor*, o que a fez demarcar seu estatuto de *humanidade*; 4) mostrar que os negros eram profundamente fragmentados, enquanto grupo, com vários fatores de rejeição uns contra os outros, como diferença de fenótipo ou classe social.

A respeito da pesquisa de Virgínia Bicudo para o projeto Unesco, analisamos como ela representou um desdobramento de questões discutidas na dissertação, ao mesmo tempo que abre espaço para outras, como a pesquisa a partir de uma perspectiva sociológica da infância de crianças negras e o racismo no ambiente escolar. No que tange à metodologia, Bicudo opta por explorar também a aplicação em larga escala de questionários, o que a permite maior generalização em parte de seus resultados.

Também apresentamos a trajetória profissional de Virgínia Bicudo nas áreas da Higiene Mental e Psicanálise, para entender como esse corpo de conhecimentos foi importante para sua dissertação. Na primeira, sua experiência como visitadora psiquiátrica no cuidado das *crianças-problema* a tornou habilitada para realizar entrevistas que conseguissem extrair as experiências de seus interlocutores, mesmo aquelas de natureza traumática. Na segunda, Bicudo aprendeu como a subjetividade é fundamental na constituição do indivíduo, sendo importante para que ela pudesse explicar os impactos psicológicos do racismo sofrido

por pretos e mulatos. A trajetória profissional de Bicudo nessas duas áreas foi marcada pela sua busca em entender a constituição do indivíduo na sua totalidade, em suas dimensões física, psicológica e social.

Em relação à presença da Frente Negra Brasileira na dissertação de Virgínia Bicudo, concluímos que se trata de um desdobramento do aporte psicanalítico na pesquisa, pois a socióloga revela que os fretenegrinos articulavam coletivamente um discurso a respeito de si mesmos e da questão racial, que trazia suas experiências de sofrimento psicológico, causados pelo racismo, como parte de sua estratégia de formulação. Nesse sentido, ela efetuou um exercício de *escuta psicanalítica* desses discursos, usando-os como material empírico na sua pesquisa sobre atitudes raciais. Ao mesmo tempo, a autora também analisa o grupo sociologicamente, ao mostrar que a Frente Negra possui sua razão de existir no combate ao *preconceito de cor*. Além disso, Bicudo apontou que a organização retirou esse fenômeno do plano da vida privada dos indivíduos e o reivindicavam como um problema de cunho social. Assim, ela corrobora as denúncias da Frente Negra acerca da existência do *preconceito de cor*.

A partir dessas reflexões nos três capítulos, é possível afirmar que Virgínia Bicudo construiu sua dissertação como uma pesquisa inovadora, em primeiro lugar, no plano teórico-metodológico. Concluímos isso por ela mobilizar seu conhecimento da Psicanálise e experiência profissional como visitadora psiquiátrica. Assim, ela pode demonstrar com profundidade os efeitos do racismo na subjetividade dos sujeitos pretos e mulatos, como manifestado em seu sentimento de inferioridade que reflete na vergonha da aparência física e da ascendência africana. Desse modo, ainda que sua dissertação seja formalmente um estudo sociológico, Virgínia Bicudo articula a Sociologia com seu conhecimento psicanalítico e experiência profissional como visitadora psiquiátrica para seu estudo de atitudes raciais. Em relação ao plano teórico-metodológico, outro ponto é que Bicudo não trabalha com os autores de sua bibliografia de forma acrítica, mas os interpela e acolhe suas formulações no texto, na medida em que sejam úteis para a análise de seu material empírico. Com isso, a socióloga evita reproduzir análises prontas, que seriam inadequadas para sua pesquisa.

O segundo fator para Virgínia Bicudo realizar uma dissertação inovadora foram as escolhas do material empírico na pesquisa. A base principal para suas reflexões são as entrevistas com pretos e mulatos, com a socióloga abrindo bastante espaço para os relatos diretos dos entrevistados no seu texto. Além dessas entrevistas, Bicudo também analisou a atuação da Frente Negra Brasileira, levantando informações a partir de entrevista com uma

das lideranças, documentos da organização e o jornal *A Voz da Raça*. Bicudo adiciona uma camada importante ao seu material empírico no momento que opta por trazer o movimento negro para sua pesquisa, pois revela as atitudes raciais dos negros organizados coletivamente. Além disso, Bicudo ratifica as denúncias da Frente Negra sobre a existência do racismo no Brasil, largamente rechaçadas pela sociedade da época, reconhecendo sua legitimidade para fazer tais denúncias, enquanto grupo político que combatia essas hierarquias raciais.

Dito isso, Virgínia Bicudo obteve êxito em produzir uma dissertação inovadora pela junção da perspectiva teórico-metodológica, pensada a partir dos objetivos da pesquisa e levando em conta as particularidades da realidade nacional, com as escolhas de seu material empírico, os quais mostravam pretos e mulatos produzindo discursos por si mesmos. Com essa junção, a socióloga conseguiu provar a existência do racismo sobre pretos e mulatos e os efeitos sistemáticos, sociais e psicológicos, sob suas vidas.

Após apresentarmos nossa resposta à questão de pesquisa que motivou esta pesquisa, reconstruindo o pensamento de Virgínia Bicudo sobre relações raciais ao longo dos três capítulos anteriores, traçaremos agora algumas reflexões sobre temas contemporâneos discutidos por Bicudo na sua dissertação relativos à questão racial, os quais estão presentes nos estudos acadêmicos e também fora da academia. O primeiro tema é o lugar que o *pardão* ocupa nas relações raciais no Brasil. De acordo com o *mito da democracia racial*, os *pardos*, chamadas de *mulatos* por Virgínia Bicudo à sua época, não pertenceriam à população negra. Esse não-pertencimento seria por não possuírem a pele escura ou fenótipo marcadamente negro, como o cabelo crespo ou lábios grossos, o que os fariam um grupo racial à parte dos negros de pele retinta.

Esta questão das diferenças entre o racismo sofrido por pretos e mulatos já foi levantada por Virgínia Bicudo em sua pesquisa, pois a socióloga decide separar as análises desses dois grupos por considerar que o *status* e papel social do mulato seria um índice do padrão de relações raciais. Nas suas análises, Bicudo mostra que os mulatos buscavam se desvencilhar de ser identificados socialmente como pessoas negras. Ela também mostra que os mulatos, assim que ascendiam socialmente, buscavam evitar a companhia de pessoas pretas por querer se passar como brancos. Além disso, a socióloga revela que a *consciência de cor* do mulato é mais pronunciada por conta de seu fenótipo mais próximo do branco. Por fim, ela descobre que o mulato permanece sofrendo psicologicamente mesmo ao ser integrado à classe intermediária. Em virtude desses apontamentos, Bicudo mostra que essas pessoas *pardas*, pobres ou que ascendem, sofrem experiências de racismo perpetradas por pessoas brancas

sistematicamente, derivadas de seu fenótipo com traços africanos, ainda que sejam pessoas miscigenadas.

Bicudo revela em suas análises que o racismo atinge pretos e mulatos de modo diferente. O maior exemplo disso é que, nas classes intermediárias, os pretos são bloqueados pelos brancos em sua tentativa de se integrar a este estrato, mesmo com os predicados que o permitiriam acessar todos esses espaços, como empregos de prestígio e instrução formal. Os mulatos conseguem se integrar a este estrato apenas se seu fenótipo e seu comportamento sejam considerados branqueados. No entanto, mesmo com essas variações, a socióloga nos mostra que tanto pretos como mulatos sofrem preconceito com base na cor. Um dos elementos que deixa isso mais evidente é a condicionante para que o mulato seja integrado à classe intermediária, pois este só é aceito a partir do momento que não é mais identificado como descendente de africanos. Isto significa que o negro de pele clara o seria apenas se não for mais identificado como negro, pelos brancos.

Desse modo, Bicudo na década de 1940 já delimita que negros de pele clara e de pele escura irão experienciar o racismo de modo distinto, mas sem deixar de apontar que os mulatos também o sofrem. Assim, seu estudo aponta que negar a identificação de uma pessoa parda como negra, ao considerar pelo fenótipo miscigenado que ela seria branca ou *menos negra*, na verdade é uma armadilha criada pelo *mito da democracia racial*.

Outra questão contemporânea tratada por Virgínia Bicudo na sua dissertação é o impacto do racismo nos relacionamentos afetivos dos negros. Bicudo mostra, mesmo sem ser uma discussão central da dissertação, como as relações amorosas estão longe de ser definidas apenas por sentimento mútuo, mas são atravessadas por condicionantes sociais como o racismo. Em relação às pessoas mulatas de classe “inferior”, Bicudo conclui que elas agem guiadas pela *consciência de cor* em relação ao matrimônio, seja para casar com pretos, mulatos ou brancos. Ao analisar as atitudes raciais dos mulatos das classes intermediárias, Bicudo afirma que o *homem de cor* (preto ou mulato) prefere um relacionamento interracial com a mulher branca, mesmo que ela pertença a uma classe social inferior à sua, em detrimento à mulher negra. Já ao tratar sobre os pretos de classe intermediária, Bicudo afirma que, no caso dos homens, uma das situações em que se bloqueia sua integração a este estrato é no casamento, pois eles são impedidos de casar com mulheres brancas desta classe.

Por mais que a dissertação de Virgínia Bicudo não aborde explicitamente a questão de gênero, da mesma forma que aborda a questão racial, na questão dos relacionamentos a socióloga confere mais destaque para as escolhas afetivas dos homens pretos e mulatos,

direcionadas para mulheres brancas. Neste sentido, as reflexões de Bicudo sobre esse assunto dialogam com a militância contemporânea de mulheres negras, as quais historicamente vocalizaram seu preterimento sistemático por homens brancos e negros em relacionamentos afetivos, por influência do racismo e sexismo (CARNEIRO, 1995; PACHECO, 2013). Assim, essas militantes passaram a compreender que existe uma *solidão da mulher negra*, expressão que nomeia “de maneira ampla o abandono, o desprezo e o sofrimento experimentados por mulheres negras no âmbito afetivo” (PEREIRA, 2020, p. 4).

Isso significa que os relacionamentos amorosos de pessoas negras (em especial de mulheres negras, nesse caso) não são uma questão restrita a esfera privada, pelo contrário, o desejo por um relacionamento e o parceiro a ser escolhido podem ser atravessados pelo racismo e sexismo. Assim, percebemos como Virgínia Bicudo revela na sua dissertação a incidência do racismo sobre os anseios afetivos de homens e mulheres negros, desvelando assim que a expressão *o amor não tem cor* não se sustenta na materialidade dessas relações.

O terceiro ponto de discussão contemporânea abordado por Bicudo, este trazido com centralidade no seu texto, é o efeito nocivo do racismo na subjetividade de pessoas negras. Nos últimos anos a questão da saúde mental vem deixando de ser tratado como tabu na sociedade brasileira. Exemplo disso é a popularização da campanha *Setembro amarelo*, que visa a prevenção do suicídio. Outro fato que nos mostra essa inflexão é que cantores negros passaram a tratar abertamente sobre o tema em suas músicas, a partir da experiência negra, como Baco Exu do Blues na música *Bluesman*, no álbum homônimo lançado em 2018, e Emicida na música *Ismália*, no álbum *AmarElo* lançado em 2019. Na música *Bluesman*, o Eu-lírico é uma pessoa negra (provavelmente um homem) a qual recusa o embrutecimento psicológico, sintoma da desumanização gerada pelo racismo, ao demonstrar seus sentimentos abertamente ao, por exemplo, se permitir chorar. Na música *Ismália* é representada a frustração, por conta do racismo, da expectativa dos negros em exercer sua humanidade plena. O efeito da série de violências calcadas no racismo, sendo seu ápice o assassinato de pessoas negras, é o adoecimento mental personificada na figura de Ismália.

Em relação às análises de Bicudo, do ponto de vista psicológico a condição que atravessa pretos e mulatos das classes “inferiores” e intermediárias é o sentimento de inferioridade. Nestes quatro subgrupos sob os quais a socióloga se debruça, esta autopercepção de inferioridade em relação ao branco aparece de formas distintas: com os pretos de classe “inferior”, na hostilidade contra outros pretos, junto com a simpatia ao branco; com os pretos de classe intermediária, manifesta-se no auto-isolamento de outros pretos; já com os mulatos

de classe “inferior”, aparece em evitar ser identificado como preto ou mulato; por fim, nos mulatos de classe intermediária esse sentimento se mostra na rejeição à ser identificado como negro somada ao desejo de passar como branco. Ligado a este sentimento de inferioridade, Bicudo descobre por meio das entrevistas que pretos e mulatos se consideram feios e se envergonham de sua origem racial.

No caso específico dos mulatos que ascendem, eles sofrem com a *hipersensibilidade*, se sentindo fortemente afetados caso sejam identificados racialmente como *descendente de africanos*. A raiz de tais danos na subjetividade desses sujeitos é o racismo, que sustenta uma hierarquia na qual os brancos estariam no topo, como ápice da humanidade e de todas suas virtudes. Desse modo, o que fica mais patente na pesquisa de Virgínia Bicudo são as consequências prejudiciais para a subjetividade de pretos e mulatos desta hierarquização, com seus reflexos sociais e econômicos sendo também mostrados no texto, em especial quando a socióloga analisa a atuação da Frente Negra.

Esta autopercepção de inferioridade em relação aos brancos, que Virgínia Bicudo percebeu estar disseminada nos discursos dos pretos e mulatos durante sua época, se encontra presente até a atualidade entre a população negra, o que leva muitas pessoas negras a algumas condutas como: odiar sua pele escura e traços físicos negroides; rejeitar ser identificado como negro, preferindo termos eufemísticos para se definir racialmente; reproduzir discursos preconceituosos sobre os negros; proferir insultos racistas contra outros negros. Talvez seja menos comum este sentimento de inferioridade se materializar em discursos preconceituosos tão violentamente como vemos nas entrevistas feitas por Bicudo, mas esta autoinferiorização ainda permanece.

Por fim, a quarta questão que Virgínia Bicudo discute em seu trabalho que se revela presente na atualidade é o racismo sofrido pelos negros que conseguem ascender socialmente, que toca na relação entre questão racial e a condição de classe. Vimos como os pretos são impedidos de integrar-se totalmente à classe intermediária, sendo vedado a ele usufruir de determinados espaços. No caso dos mulatos, os brancos pertencentes à classe intermediária só permitem sua integração caso eles se branqueiem. A partir dessas análises, Bicudo conclui que pretos e mulatos na São Paulo naquela época sofriam racismo e não uma discriminação calcada em classe. Pelo contrário, na classe intermediária o racismo se tornava ainda mais escancarado, pois a pobreza não poderia ser mobilizada como motivador da discriminação contra esses negros que ascendiam.

A ponte com o presente é que não importa se uma pessoa negra, de pele clara ou retinta, possua um diploma de curso superior, alto salário, residência em bairro nobre ou emprego de prestígio: em qualquer meio que transite, seja no espaço público ou locais elitizados, esta pessoa será identificada primeiramente como negro por aqueles ao redor por conta de seu fenótipo, tornando-a igualmente vulnerável ao racismo. A *nossa* cor de pele e *nossos* traços físicos sempre chegam primeiro e qualquer outra característica será notada apenas depois, pois é impossível ao negro se descorporificar. Portanto, Virgínia Bicudo na época que escreveu já apontava que nenhum negro deixa de sofrer racismo ao sair da pobreza, sendo fadado a se frustrar caso coloque nisso sua esperança em não ser racialmente discriminado.

A possibilidade de pensar essas questões atuais por meio do pensamento de Virgínia Bicudo é motivo para comemorar o reconhecimento crescente da autora como uma personalidade histórica, desde 2010, dentro e fora dos círculos acadêmicos. Ela passou a ser reconhecida como uma intelectual negra que teve papel importante na emergência da Psicanálise no Brasil e autora de uma pesquisa de grande relevância sobre relações raciais, durante o período de institucionalização da Sociologia no país. A autora já foi tema de matérias em sites voltados para o grande público, como os veículos *Galileu*²¹, *Cláudia*²², *MultiRio*²³, *Blog da Boitempo*²⁴ e *The Intercept Brasil*²⁵.

Nessas reportagens se menciona sua trajetória biográfica e profissional, seu pioneirismo no campo da Psicanálise no Brasil, a importância de sua dissertação para os estudos sobre questão racial no país e o apagamento histórico sofrido por ela na Sociologia e na Psicanálise. A primeira matéria que traz temáticas além dessas a respeito de Virgínia Bicudo é a matéria do *The Intercept Brasil*, feita pela escritora Ana Maria Gonçalves. No seu texto, Gonçalves traz Bicudo de modo central como exemplo do apagamento histórico sofrido por mulheres negras até a atualidade. O segundo texto que agrega outros temas é do psicanalista Christian Dunker no *Blog da Boitempo*, em que ele reflete, sob o prisma da Psicanálise, acerca da autopercepção racial de Bicudo em diferentes fases de sua vida.

²¹ Link da matéria: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/03/virginia-leone-bicudo-mulher-que-ajudou-implantar-psicanalise-no-brasil.html> 1/10. Acessado em 23 de dez. 2020.

²² Link da matéria: <https://claudia.abril.com.br/estilo-de-vida/virginia-bicudo-a-brasileira-pioneira-em-estudos-raciais-na-psicanalise/>. Acessado em 23 de dez. 2020.

²³ Link da matéria: www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/16846-virginia-bicudo-pioneira-na-psicanalise-e-no-estudo-de-atitudes-raciais. Acessado em 23 de dez. 2020.

²⁴ Link da matéria: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/07/virginia-bicudo-e-a-psicanalise-como-lugar-de-escuta/>. Acessado em 23 de dez. 2020.

²⁵ Link da matéria: <https://theintercept.com/2017/03/08/em-pleno-seculo-xxi-historia-insiste-em-apagar-a-producao-das-mulheres-negras>. Acessado em 28 de dez. 2020

Além disso, temos notícia de pelo menos dois coletivos de estudantes nomeados em sua homenagem: o *Coletivo Preto Virgínia Leone Bicudo*²⁶, dos discentes do curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o *Coletivo Feminista do IESP – Virgínia Leone Bicudo*²⁷, formado pelas discentes no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), sediado na mesma Universidade. Já na televisão, Virgínia Bicudo foi uma das personagens históricas homenageadas no especial *Falas negras*, dirigido pelo ator Lázaro Ramos e transmitido pela *TV Globo* em 20 de novembro de 2020 como homenagem ao Dia da Consciência Negra. No seu monólogo, a atriz que interpreta Bicudo afirma que os negros que conseguem estudar “também sofrem as consequências da cor da pele”. Depois disso, relata sua primeira experiência de racismo ao começar a frequentar a escola, ao ser insultada repetidas vezes de *negrinha* na rua por suas colegas. Ela fecha seu monólogo dizendo que precisava ser a “negrinha com nota boa” como estratégia para se esquivar do racismo.

Esses exemplos mostram que Virgínia Bicudo vem sendo mobilizada como uma referência positiva do passado, por sua trajetória biográfica e seus feitos na Sociologia e na Psicanálise, notabilizando que uma mulher negra intelectual também pode exercer esse papel de referência. Por um lado, o fato de Bicudo ter sido alçada nos últimos anos a esse lugar de destaque diz respeito aos méritos de seu estudo sobre atitudes raciais realizado nos anos 1940. Entretanto, também é evidência do *espírito do tempo*²⁸ em relação à luta antirracista no Brasil, que percebe-se por alguns fatos. Primeiro, a questão racial vem crescendo como um tema no debate público, principalmente pela mobilização política dos movimentos negros, o que enfraqueceu a ideia do racismo como assunto tabu. Segundo, a entrada em grande número de estudantes negros no ensino superior público pelas políticas de Ação Afirmativa implementadas a partir dos anos 2000, cujo ápice foi a Lei nº 12.711/2012²⁹. Terceiro, o esforço de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento em recuperar a memória de personalidades e intelectuais negras e negros, como forma de combater o apagamento histórico que essas figuras sofreram.

Todo esse cenário propiciou que a partir de 2010 a obra e biografia de Virgínia Bicudo se tornassem conhecidas, ano marcado pela publicação de sua dissertação em livro e pelo centenário de seu nascimento. O momento em que ouvi falar a respeito dela pela primeira vez

²⁶ Página do Coletivo no Facebook: <https://www.facebook.com/col.preto.virginiabicudo>. Acessado em 15 de fev. 2021

²⁷ Página do Coletivo no Facebook: <https://www.facebook.com/coletivofeministadoiesp>. Acessado em 13 de fev. 2021

²⁸ A tradução mais próxima do português para o termo alemão *Zeitgeist*.

²⁹ A Lei promulgada pela então presidente Dilma Rousseff determinava a reserva de vagas por critério social e racial nas universidades federais e instituições federais de ensino médio.

foi já em meio a esse processo. Aconteceu em 2015 durante um debate na Faculdade de Direito da UERJ, ainda durante minha graduação. A Prof^a Thula Pires durante sua fala comentou que havia acabado de conhecer Virgínia Bicudo. Pouco tempo depois li *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* para uma disciplina da faculdade e me lembro de ficar impressionado por como a dissertação trazia discussões contemporâneas sobre a questão racial. Virgínia Bicudo me impactou a tal ponto que precisava explorar mais sobre sua obra, sendo esta dissertação o resultado final dessa trajetória.

Decorridos cerca de seis anos após meu primeiro contato com a dissertação de Virgínia Bicudo, período no qual pude entender mais profundamente sobre sua produção intelectual, percebo que ela conseguiu retratar na pesquisa como a cidade de São Paulo dos anos 1940 era um *mundo branco*: uma sociedade dominada por brancos para privilégio deles. *Mundo* que era ao mesmo tempo um moinho para pessoas negras, pois se constituía em uma máquina de destruir seus corpos e subjetividades, pois massacrava-os em suas condições materiais de existência e sua sanidade mental. Mesmo os pretos que supostamente teriam chance de se igualar aos brancos em *status*, ao ascender de classe, permaneciam discriminados por eles, enquanto os mulatos que ascendiam até conseguiam isto, caso *deixassem de ser identificados como negros* ao custo de sequelas psicológicas. Considerando a marginalização e violências de toda sorte que mulheres e homens negros continuam a sofrer até a atualidade no Brasil, este país permanece uma versão deste *mundo branco* que Virgínia Bicudo retratou em sua pesquisa há sete décadas atrás.

Além de ser necessário trazer à tona suas contribuições para refletir sobre a realidade brasileira atual, é imperativo que Virgínia Bicudo tenha sua biografia e obra discutidas de modo multifacetado em relação às pontes com o tempo presente, as conexões com o contexto socio-histórico da época e até mesmo em suas contradições. Reduzir as reflexões sobre a riqueza da produção intelectual e trajetória biográfica de Bicudo, para retratá-la apenas como *vítima* do apagamento histórico que sofreu, significa apequenar sua memória.

Virgínia Bicudo e outras mulheres e homens negros possuem o direito de ter suas biografias e obras analisadas em toda sua complexidade, sem ser lembrados apenas por acontecimentos trágicos ou pelos silenciamentos que porventura tenham sofrido. Certamente há outras mulheres e homens negros intelectuais como Bicudo, que ainda não tiveram a oportunidade de ter suas biografias e produção intelectual analisadas com a devida complexidade, ou que sequer tenham sido trazidas à tona ainda. Meu desejo é que Virgínia

Leone Bicudo se torne mais uma dentre várias intelectuais negras e negros a ter essa oportunidade.

6. REFERÊNCIAS

6.1. Documentos do Centro de Documentação da Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)

BICUDO, Virgínia Leone. *Curriculum Vitae Prof^a Virgínia Leone Bicudo*. Dossiê Virgínia Leone Bicudo, São Paulo, [s.d].

ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. *Anuário de 1942 da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*. Dossiê Virgínia Leone Bicudo, São Paulo, 1942

ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. *Anuário de 1943 da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*. Dossiê Virgínia Leone Bicudo, São Paulo, 1943

ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. *Anuário de 1944 da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*. Dossiê Virgínia Leone Bicudo, São Paulo, 1944a

ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. *Aprovação de Virgínia Bicudo para o grau de mestre*. Dossiê Virgínia Leone Bicudo, São Paulo, 1944b.

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO. *Passagem de Virgínia Leone Bicudo na FESPSP: registros profissionais e acadêmicos*. Centro de Documentação, São Paulo, [s.d.].

6.2. Documentos da Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

PIERSON, Donald. *1ª Conferência do Seminário sobre Raça e cultura: a expansão da Europa ocidental (I)*. Fundo Oracy Nogueira, Rio de Janeiro, [s.d.].

PIERSON, Donald. *2ª conferência do Seminário sobre Raça e cultura: a expansão da Europa Ocidental (II)*. Fundo Oracy Nogueira, Rio de Janeiro [s.d.].

PIERSON, Donald. *3ª conferência do Seminário sobre Raça e cultura: as formas da expansão europeia (I)*, Fundo Oracy Nogueira, Rio de Janeiro [s.d.].

PIERSON, Donald. *4ª conferência do Seminário sobre Raça e Cultura: as formas da expansão europeia (II)*, Fundo Oracy Nogueira, Rio de Janeiro [s.d.].

PIERSON, Donald. *5ª conferência do Seminário sobre Raça e cultura: O papel do imperialismo na expansão europeia*, Fundo Oracy Nogueira, Rio de Janeiro [s.d.].

PIERSON, Donald. *7ª conferência do Seminário sobre Raça e cultura: A expansão ecológica da Europa Ocidental (I)*. Fundo Oracy Nogueira, Rio de Janeiro [s.d.].

PIERSON, Donald. *8ª conferência do Seminário sobre Raça e cultura: A expansão ecológica da Europa Ocidental (II)*. Fundo Oracy Nogueira, Rio de Janeiro [s.d.].

PIERSON, Donald. *12ª conferência do Seminário sobre Raça e cultura: A mistura racial*

e a diluição da linha de cor (II). Fundo Oracy Nogueira, Rio de Janeiro [s.d.].

6.3. Documentos do Arquivo Edgar Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

PIERSON, Donald. **O curso de Pós-Graduação em ciências sociais que foi iniciado em 1941**. Fundo Donald Pierson, Campinas, [s.d.].

PIERSON, Donald. **Students who have taken the Master's Degree at the Escola de Sociologia e Política**. Fundo Donald Pierson, Campinas, 1950.

6.4. Documentos da Divisão de Documentação e Pesquisa da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

BICUDO, Virgínia Leone. **Extrato do Curriculum Vitae de Virgínia Leone Bicudo**. Fundo Virgínia Leone Bicudo, São Paulo, [s.d.].

PIERSON, Donald [Correspondência]. Destinatária: **Virgínia Bicudo**. Fundo Virgínia Bicudo, Carolina do Norte, 19 mai. 1965. 1 carta de 2 páginas.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO. **Separatas de Virgínia Leone Bicudo**. Fundo Virgínia Leone Bicudo, São Paulo, [s.d.].

TOGNOLLI, Cláudio Júlio. “Já fui chamada de charlatã”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 6, 5 jun. 1994.

6.5. Referências bibliográficas

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. As origens da psicanálise de crianças no Brasil: Entre a educação e a medicina. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 3, p. 423–432, 2009.

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. **Virgínia Leone Bicudo: a trajetória de uma psicanalista brasileira**. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Virgínia Leone Bicudo : Pioneira da Psicologia e da Psicanálise no Brasil. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 217–227, 2014.

ATHENS, Lonnie. The Renunciation of Robert E. Park: Myths about his Sociological Work. **American Sociologist**, [s. l.], v. 51, p. 76–91, 2020.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

BASTOS, Elide Rugai. Um debate sobre a questão do negro no Brasil. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 20–26, 1988.

BASTOS, Elide Rugai. **As criaturas de Prometeu**: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. São Paulo: Global, 2006.

BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. Para uma sociologia dos intelectuais. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 4, p. 889–919, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582010000400004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 30 jan. 2018

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. 1ª ed. São Paulo: Anhembi, 1955.

BICUDO, Virgínia Leone. Papel do lar na Higiene Mental da criança. Influência das condições da organização da família e dos distúrbios das relações intrafamiliares. In: MARCONDES, Durval (Org.). **Noções gerais de Higiene Mental da criança**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1946a.

BICUDO, Virgínia Leone. Funções da visitadora psiquiátrica na clínica de orientação infantil. Métodos de diagnóstico e de tratamento psicossocial. In: MARCONDES, Durval (Org.). **Noções gerais de Higiene Mental da criança**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1946b.

BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes dos Alunos dos Grupos Escolares em relação com a Côr dos seus Colegas. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. 1ª ed. São Paulo: Anhembi, 1955. p. 227–310.

BICUDO, Virgínia Leone. **Nosso mundo mental**. [S.l.]: Instituição Brasileira de difusão cultural, 1956.

BICUDO, Virgínia Leone. Contribución de Freud a las Ciencias Sociales. **Revista Uruguaya de psicoanálisis**, Montevideu, v. 11, n. 3–4, p. 269–286, 1969.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Sociologia e Política, 2010.

BITTENCOURT, Andre Veiga. **O Brasil e suas diferenças**: Uma leitura genética de Populações meridionais do Brasil. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177–188, 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200008&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 30 jan. 2018.

BHAMBRA, Gurinder K. A sociological dilemma: Race, segregation and US sociology. **Current Sociology**, [s. l.], v. 62, n. 4, p. 472–492, 2014.

BOGARDUS, Emory S. Encravamento racial. **Sociologia**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 297–301, 1941.

CAMPOS, Luiz Augusto; GOMES, Ingrid. Relações raciais no Brasil contemporâneo : uma análise preliminar da produção em artigos acadêmicos dos últimos vinte anos (1994-2013) Luiz Augusto Campos. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 85–116, 2016.

CAMPOS, Luiz Augusto. Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: a história de uma edição. **Estudos Políticos**, Niterói, v. 6, n. 2, p. 620–627, 2016.

CAMPOS, Antonia Junqueira Malta. **Interfaces entre sociologia e processo social: A integração do negro na sociedade de classes e a pesquisa Unesco em São Paulo**. 384 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 544–52, 1995.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Preconceito de marca: etnografia e relações raciais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 97–110, 1999.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COTRIM, Aline de Sá. **Imigração e assimilação nos estudos sociológicos de Hiroshi Saito (1947-1964)**. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papyrus, 1995.

DAFLON, Verônica Toste. Forms of systematization of the sociology of race relations in Brazil. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 169–191, 2018.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DOMINGUES, Petrônio. Os descendentes de africanos vão à luta em terra Brasilis: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e Teatro Experimental do Negro (1944-1968). **Projeto História**, São Paulo, n. 33, p. 131–158, 2006a.

DOMINGUES, Petrônio. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III”. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 517–536, 2006b.

DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. Como se fosse bumerangue: Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo v. 28, n. 81, p. 155–170, 2013.

EDUARDO, Octávio da Costa. O processo de construção institucional. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora A.; SIMÕES, Julio Assis (Org.). **A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953)**. 2ª ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009. p. 45-51.

ESCOLA NORMAL DE PIRASSUNUNGA. Inquérito sobre a posição social do negro em três municípios paulistas. **Sociologia**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 69–82, 1940.

EUFRASIO, Mário. A formação da Escola sociológica de Chicago. **Plural**, São Paulo, n. 2, p. 37–60, 1995.

FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. **Psychê**, São Paulo, v. VII, n. 11, p. 59–83, 2003.

FERNANDES, Florestan. Congadas e batuques em Sorocaba. **Sociologia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 242–256, 1943.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 15^a ed. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51^a ed. re ed. São Paulo: Global, 2006.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. Arthur Ramos e Durval Marcondes: Higiene Mental, psicanálise e medicina aplicadas à educação nacional (1930-1950). **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 951–966, 2014.

GOMES, Janaina Damaceno. **Os Segredos de Virgínia**: estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). 166 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 3^a ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GUIMARÃES, Rafael Estevão Marão. **A Escola de Chicago e a Sociologia no Brasil**: A passagem de Donald Pierson pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2011.

HEYMANN, Luciana Quillet. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 261–282, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138059014>>. Acesso em 09 jul. 2018

ISRAËL, Liora. O uso dos arquivos em sociologia. In: PAUGAM, Serge (Org.). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 141–155.

JACKSON, Luiz Carlos. A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965). **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 263–283, 2004.

JACKSON, Luiz Carlos. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 115–130, 2007. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/ciencias/Artigos/a07v19n1.pdf>>. Acesso em 30 jan. 2018.

JOHNSON, Yolanda Y. Oliver C. Cox and the Chicago School of Sociology: Its influence on his education, marginalization, and contemporary effect. **Journal of Black Studies**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 99-112, 2004.

KANTOR, Iris; MACIEL, Debora A.; SIMÕES, Julio Assis (Org.). **A Escola Livre de Sociologia e Política**: anos de formação (1933-1953). 2^a ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009.

- LIMONGI, Fernando. A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo. In: MICELI, Sergio (Org.). **História das ciências sociais no Brasil Vol. 1**. São Paulo: Vórtice, 1989. p. 217-233
- LYMAN, Stanford M. Gunnar Myrdal's An American Dilemma after a half century: Critics and anticritics. **International Journal of Politics, Culture and Society**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 327–389, 1998.
- MACLEAN, Vicky M.; WILLIAMS, Joyce E. Shifting paradigms: Sociological Presentations of Race. **American Behavioral Scientist**, [s. l.], v. 51, n. 5, p. 599–624, 2008.
- MAIO, Marcos Chor. **A História do Projeto UNESCO: estudos raciais e Ciências Sociais no Brasil**. 346 f. Tese (Doutorado) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- MAIO, Marcos Chor. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 35, p. 309–355, 2010a.
- MAIO, Marcos Chor. Introdução: a contribuição dos estudos de Virgínia Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. In: **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Sociologia e Política, 2010b. p. 23–60.
- MAIO, Marcos Chor; LOPES, Thiago da Costa. “FOR THE ESTABLISHMENT OF THE SOCIAL DISCIPLINES AS SCIENCES”: Donald Pierson e as ciências sociais no Rio De Janeiro (1942-1949). **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 343–380, 2015.
- MAIO, Marcos Chor; LOPES, Thiago da Costa. Entre Chicago e Salvador: Donald Pierson e o estudo das relações raciais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 60, p. 115–140, 2017.
- MAIO, Marcos Chor. O Contraponto Paulista: Florestan Fernandes, Oracy Nogueira e o Projeto Unesco de relações raciais. **Antíteses**, Londrina, v. 7, n. 13, p. 10–39, 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/19027>>. Acesso em 30 jan. 2018.
- MAUTNER, Anna Verônica. “Fui buscar defesas para o íntimo”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2000. p. 44, 6 out. 2000. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0610200018.htm>>. Acesso em 01 fev. 2020.
- MENDOZA, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 440–470, 2005.
- MENEZES, Maria Odete de Siqueira. Arthur Ramos e a psicanálise na Bahia. **Analytica**, São João del-Rei, v. 3, n. 4, p. 88–116, 2014.
- MORETZSOHN, Maria Ângela Gomes. Uma história brasileira. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 46, n. 85, p. 209–229, 2013.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

- NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. **Representando o “novo” negro norte-americano: W. E. B. Du Bois e a revista The Crisis, 1910-1920.** 233 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- NOGUEIRA, Oracy. Atitude desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relação a seus empregados de cor. **Sociologia**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 328–358, 1942.
- NOGUEIRA, Oracy. Os estudos de comunidades no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 95–103, 1955a.
- NOGUEIRA, Oracy. Relações raciais no município de Itapetininga. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo.** São Paulo: Anhembi, 1955b. p. 362-554.
- OLIVEIRA, André Côrtes. **Quem é a “Gente Negra Nacional”?: Frente Negra Brasileira e A Voz da Raça (1933-1937).** 139 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi De. Donald Pierson e a Sociologia no Brasil. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB**, São Paulo, n. 23, p. 35–48, 1987.
- OLIVEIRA, Nemulel da Silva; MAIO, Marcos Chor. Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 521–550, 2011.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão.** Salvador: EDUFBA, 2013.
- PAIXÃO, Marcelo. **A lenda da modernidade encantada: por uma crítica ao pensamento social brasileiro sobre relações raciais e projeto de Estado-nação.** Curitiba: CRV, 2014.
- PARK, Robert E. Human migration and the marginal man. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 33, n. 6, p. 881–893, 1928.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sergio (Org.). **História das ciências sociais no Brasil Vol. 1.** São Paulo: Vórtice, 1989. p. 410–456.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. Os Brasis de Roger bastide. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 184-197.
- PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. **Dengos e zangas das mulheres-moringa: Vivências afetivo-sexuais de mulheres negras.** Pittsburgh: Latin America Research Commons, 2020.
- PETTIGREW, Thomas F. The Social Science Study of American Race Relations in the 20th Century. In: CRANDALL, Christian S. ; SCHALLER, Mark (Org.). **Social Psychology of Prejudice: Historical and Contemporary Issues.** Lawrence: Lewinian Press, 2004, p. 1-31.
- PIERSON, Donald. Um “sistema de referência” para o estudo dos contatos raciais e culturais. **Sociologia**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1–17, 1941a.
- PIERSON, Donald. O negro na Baía. **Sociologia**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 282–294, 1941b.

- PIERSON, Donald. Competição e conflito. **Sociologia**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 154–170, 1943a.
- PIERSON, Donald. Acomodação e assimilação. **Sociologia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 217–231, 1943b.
- PIERSON, Donald. Robert E. Park: Sociólogo pesquisador. **Sociologia**, São Paulo, v. 6, n. 4, p. 282–294, 1944.
- PIERSON, Donald. Raça e organização social. **Sociologia**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 148–156, 1945a.
- PIERSON, Donald. O estudo de contato racial. **Sociologia**, São Paulo, v. 7, n. 1–2, p. 38–53, 1945b.
- PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia**: estudo de contacto racial. 1ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1945c
- PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia**: estudo de contato racial. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1971.
- PINHEIRO, Dimitri. Jogo de damas: trajetórias de mulheres nas ciências sociais paulistanas (1934-1969). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 46, p. 165–196, 2016.
- RAVEAU, François. Prefácio a “ Psicanálise do cafuné ”. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 49, n. 91, p. 185–187, 2016.
- SANTOS, Alessandro de Oliveira Dos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro Sobre Relações Étnico-Raciais. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 32, num. esp., p. 166–175, 2012.
- SANTOS, Joel Rufino dos. **Saber do negro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nina Rodrigues: um radical do pessimismo. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 90-103
- SILVA, Isabela Oliveira Pereira da. **De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no mapa das Ciências Sociais (1930-1950)**. 237 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Reabilitando Virgínia Leone Bicudo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 435–445, 2011a.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A Descoberta do Insólito**: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000). 448 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011b.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Órbitas sincrônicas : sociólogos e intelectuais negros em São Paulo , anos 1950-1970. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 109–131, 2018.
- SIMÕES, Júlio Assis. Um ponto de vista sobre a trajetória da Escola de Sociologia e Política.

In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora A.; SIMÕES, Julio Assis (Org.). **A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953)**. 2ª ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009. p. 35–42.

SLATE, Nico. Translating Race and Caste. **Journal of Historical Sociology**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 62–79, 2011.

SKINNER, Quentin. Meaning and Understanding in the History of Ideas. **History and Theory**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 3–53, 1969.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOFF, Sonia. Virgínia Bicudo - uma história da psicanálise brasileira. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65–77, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Inventário do Fundo Oracy Nogueira**, 2007.

VALLADARES, Licia do Prado. A visita do Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 35–49, 2010.

VEIGA JÚNIOR, Maurício Hoelz. **Homens livres, mundo privado: violência e pessoalização numa sequência sociológica**. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010

WILLEMS, Emílio. Recreação e assimilação. **Sociologia**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 302–310, 1941.

WILLEMS, Emílio. A assimilação dos judeus. **Sociologia**, São Paulo, v. 7, n. 1–2, p. 54–67, 1945.

WINANT, Howard. Race and Race Theory. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], n. 26, p. 169–185, 2000.

WINANT, Howard. The Dark Side of the Force: One Hundred Years of the Sociology of Race. In: CALHOUN, Craig (Org.). **Sociology in America: a History**. Chicago: The University of Chicago Press, 2007. p. 535-571